





Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

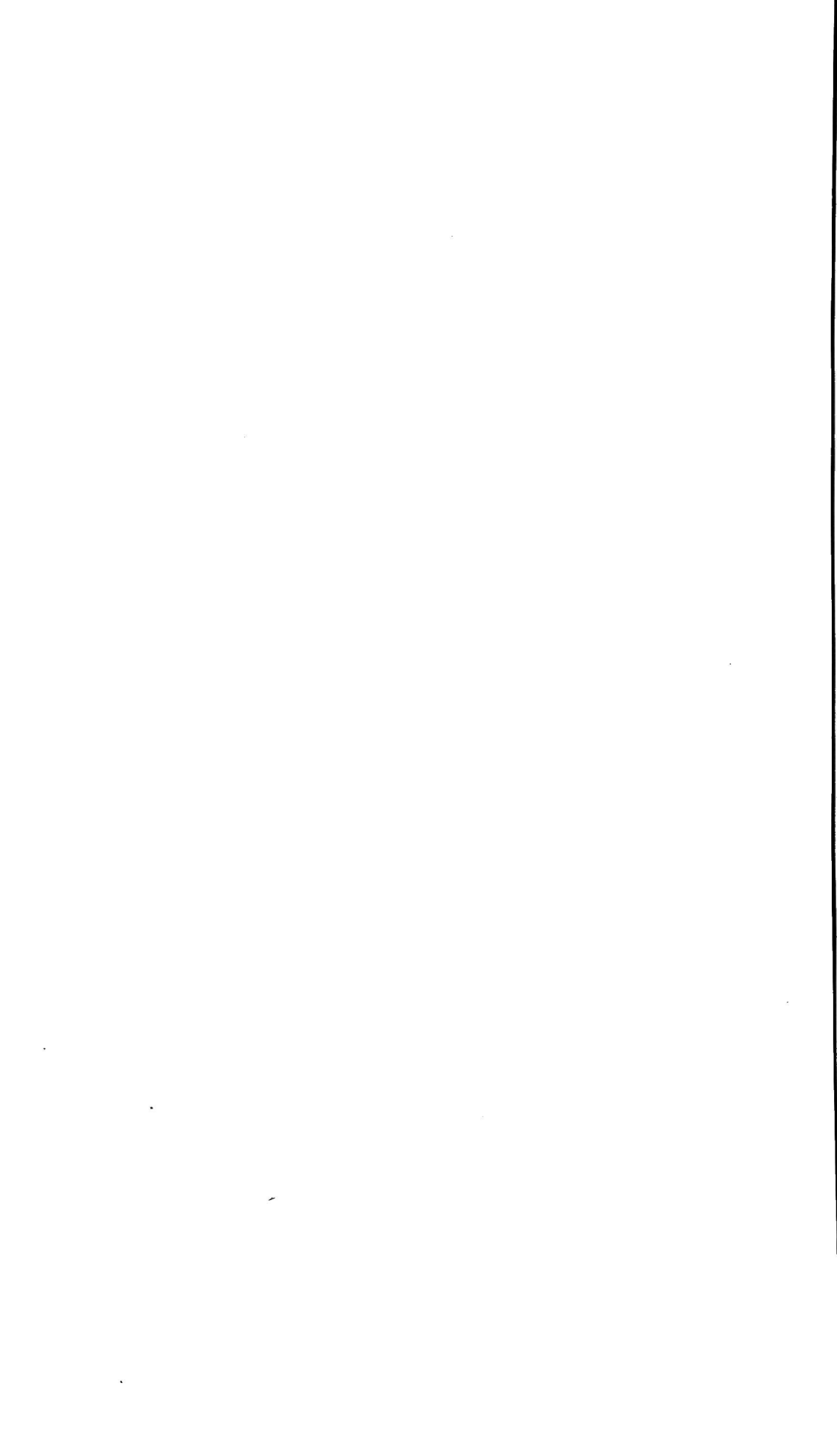
Ex Libris  
José Mindlin













OLAVO BILAC

CONFÉRENCIAS  
LITERARIAS



Gonçalves Dias —  
A Tristeza  
dos Poetas Brasileiros —  
O Riso —  
O Diabo — Esperança —  
Don Quixote

---

KÓSMOS

RIO DE JANEIRO — ALFANDEGA, 24

• 1906 •



# Gonçalves Dias

(*Academia Brasileira, 2 de junho de 1901*)

“Escute-me Tupan! Sobre vós outros,  
Poder do maracá por mim tangido,  
Os sonhos desçam, quando desce o orvalho!”

Assim, no poema d'*Os Tymbiras*, falla ás tribus concitadas o velho Piága. Quem é elle? um pobre selvagem, enfermo e tropego, que a mais debil criança da taba prostraria, de um só golpe, no sólo. Em frangalhos a tanga, em sangue os pés, comido o corpo das privações, vivendo das esmolas dos guerreiros, — como podem ouvil-o as tribus, immotas e attentas, com tamanha veneração? E' que sobre a visível fraqueza d'elle paira a força invisível de Tupan: e um só raio do esplendor divino póde emprestar á pobreza do sacerdote a magestade do nume que o inspira. Não de outro modo se apresenta diante de vós aquelle que deve fazer o elogio de Gonçalves Dias. Se, ouvindo a sua voz, puderdes sentir que «os sonhos descem sobre as vossas almas», sabei e dizei que o nume não desamparou o seu sacerdote.

Não me demorarei em contar-vos a infancia de Gonçalves Dias, a sua mocidade, as suas peregrinações pela Europa, os seus estudos, a sua virilidade occupada e afanosa, os seus triumphos, a sua tragica morte no naufragio do

*Ville de Bourgogne.* Neste baixo mundo, — e, provavelmente, nos outros —, todas as vidas se parecem. Basta dizer que a infancia do poeta foi atormentada e triste: o nascimento illegitimo e a côr deviam dar-lhe momentos de magua e vexame, na velha provincia dada ao culto dos preconceitos e á philaucia. Além d'isso, naquelles rudes tempos de rivalidades entre nacionaes e reinóes, o pai do poeta vivia homisiado nas brenhas, com o coração sobresaltado e os haveres em perigo; mas tempos melhores sorriram, apezar das desgraças domesticas que o pequeno maranhense teve de ver e chorar: caixeiro a principio, e guardalivros do pai, pôde Gonçalves Dias seguir para Coimbra, onde estudou, amou, fez versos, e adquiriu o cabedal litterario com que se partiu da vida vulgar para a conquista da gloria.

A's vezes alguma triste recordação dos primeiros dissabores vem turvar a nascente dos versos:

“... antes meu berço,  
Que vagiões de infante vivedouro  
Os sons finaes de um moribundo ouvisse !”

ou

“Senhor ! por que do nada me tiraste ?  
Ou por que tua voz omnipotente  
Não fez seccar da minha vida a seve  
Quando eu era principio e feto apenas ? ”

Mas tudo isto desapareceu logo. A vida tomou conta do mancebo, e elle começou a amal-a e a servil-a.

Quando publicou a collecção dos seus primeiros versos, aos vinte e poucos annos de idade, já o poeta estava senhor do seu destino, apercebido de um estylo proprio; — e se ainda, em uma ou outra pagina, um vago desalento suspira, o tom geral do volume é de enthusi-

asmo e amor:— amor das letras, amor das mulheres, amor principalmente da terra querida, da sua natureza, e da tradição das gentes que a povoavam antes da conquista. São d'esse volume a *Canção do exilio*, o *Canto do Guerreiro*, a lenda da *Mãe d'agua*, e a *Canção do Tanoyo*.

Apenas sahido da adolescencia, já o poeta era profundamente nacional. Já alli estava aquelle que mais tarde havia de dizer:

“Como os sons do boré, sôa o meu canto  
Sagrado ao rude povo americano:  
Quem quer que a natureza estima e preza,  
É gosta ouvir as empoladas vagas  
Bater gemendo as cavas penedias  
É o negro bosque sussurrando ao longe,  
— Escute-me!”

O amor da gente americana não era em Gonçalves Dias uma simples preocupação litteraria. Aquelle filho de europeu, educado na Europa, amante da velha litteratura portugueza, e cultor da suave lingua que tanto devia servir, era arrastado para o estudo do povo selvagem por uma sympathia irresistivel. Vello-eis, já nos ultimos annos de trabalho e vida, já homem maduro, intelligencia chegada á sazão fecunda do outono, alma fortalecida pelo soffrimento, poeta acabado e completo, — dedicar-se a duas grandes obras: uma de imaginação, *Os Tymbiras*; outra, de pesquisa scientifica, *Brasil e Occania*, longa memoria apresentada ao Instituto Historico.

Nessa memoria, o capitulo, em que o poeta faz a defesa dos selvagens do Brasil, tem um calor de sinceridade que não póde ser fingido. A alma do historiador, nessas paginas commovidas, dóe e sangra, no afan de rebater as calumnias soffridas pelo povo amado. Quasi todas essas calumnias são de uma tão ingenua



futilidade, que poderiam facilmente ser desprezadas pelo advogado dos pobres indios. Assim, um viajante portuguez dizia delles: «em religião e em costumes são por extremo barbaros; não têm fé, nem lei, nem rei, motivo por que é sabido lhes faltam na sua lingua estas tres lettras F L e R.» Essa innocente parvoice faz apenas rir... Mas o advogado não ria: o trabalho da defesa, respondendo ás mais ridiculas accusações, é minucioso e apaixonado.

Não mofemos d'esse romantismo. Gonçalves Dias é morto ha menos de quarenta annos. E, durante esses curtos annos, aquillo a que habitualmente se dá o nome de «conquistas da civilização» tem sido uma tão abominavel urdidura de ambições, de interesses, de enganos e de crueldades,—que nós todos, com a nossa meiguice natural de latinos, temos acompanhado com um mal contido horror o desdobrar d'essa tragedia dolorosa. Que os outros cerrem olhos e ouvidos ao horrivel espectaculo e ao longo clamor dos fracos que são expoliados do lar e da honra, mas que nos versos dos poetas, como uma ave acossada pelo temporal, se refugie a Piedade...

A voz d'este poeta, que tão alto soava para defender os selvagens calumniados, teve, para cantar as suas desgraças e as suas glorias, as suas aventuras e os seus amores, accentos nunca antes ouvidos... Por vezes, o vôo da sua imaginação é vertiginoso e sublime. O poema d'*Os Tymbiras* ficou inacabado. Mas quem quizer conhecer, em uma obra completa e harmonica, o maior poeta da nossa terra, leia o *I-juca-Pirama*. Ninguem lê esse curto e admiravel poema, sem sentir o calefrio que assignala o auge da emoção artistica. Alli, com mais precisão do que em todas as outras poesias americanas do nosso grande lyrico, está fixada a verdadeira physionomia moral do selvagem do Brasil: as suas manhas, o

seu amor das guerras, a sua ferocidade na vingança, o seu desmarcado orgulho na victoria, o seu resignado e sereno heroismo na derrota. O velho guerreiro tupi, cego e invalido, chega á taba dos inimigos. Sabe que o filho chorou, e, galvanizado pela grande magua e maior vergonha, apruma o vulto membrudo, alquebrado pelos annos, e sente toda a sua virilidade resuscitar, numa onda de colera e pejo.

Ouvi, senhores, mais uma vez, esses versos da *Maldição* do tupi, que são dos mais bellos e fortes da lingua portugueza:

·Tu choraste em presença da morte ?  
Na presença de estranhos choraste ?  
Não descende o cobarde do forte :  
Pois choraste, meu filho não és !  
Possas tu, descendente maldito  
De uma tribu de nobres guerreiros,  
Implorando crueis forasteiros,  
Ser o pasto de vis Aymorés !

Possas tu, isolado na terra,  
Sem arrimo e sem patria vagando,  
Rejeitado da morte na guerra,  
Rejeitado dos homens na paz,  
Ser das gentes o espectro execrado ;  
Não encontres amor nas mulheres ;  
Teus amigos, se amigos tiveres,  
Tenham alma inconstante e fallaz !

Não encontres doçura no dia,  
Nem as cores da aurora te ameiguem,  
E entre as larvas da noite sombria  
Nunca possas decaer gozar !  
Não encontres um tronco, uma pedra.  
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,  
Padecendo os maiores tormentos,  
Onde possas a frente pousar !

Que, a teus passos, a relva se torre,  
Murchem prados, a flor desfalleça,  
E o regato, que limpido corre.  
Mais te accenda o vesano furor !

Suas aguas depressa se tornem,  
Ao contacto dos labios sedentos,  
Lago impuro de vermes nojentos,  
Donde fujas com asco e terror !

Sempre o céo, como um tecto incendiado,  
Creste e punja os teus membros malditos ;  
E o oceano de pó denegrido  
Seja a terra ao iguavo tupi !  
Miservavel, faminto, sedento,  
Manitós não lhe fallem nos sonhos,  
E do horror os espectros medonhos  
Traga sempre o cobarde após si !

Um amigo não tenhas piedoso,  
Que o teu corpo na terra embalsame,  
Pondo em vaso de argilla, cuidadoso,  
Arco e frécha e tacape a teus pés !  
Sê maldito e sósinho na terra !  
Pois que a tanta vileza chegaste,  
Que em presença da morte choraste !  
" Tu, cobarde, meu filho não és !"

—

Um aspecto da vasta obra litteraria deixada por Gonçalves Dias deve particularmente prender a attenção: a sua *fôrma*. Já não fallo da metrica, — tão crimosamente adulterada nas edições actuaes. Fallo da lingua admiravel, de que elle se serviu — a um tempo suave e nobre, e até no mais languoroso dos seus quebros guardando uma severa correcção.

E' commum ver coberto de remoqueos o scriptor, que, no seu exaggerado amor da lingua que pratica, não quer vel-a alfaiada de rnatos impróprios, nem rebaixada da sua anga e sobria dignidade. Dizer — um grammaco — é dizer — um emperrado, um retrogrado, m caturra. Mas, não raro, esse desprezo do puro grammatical esconde uma ignorancia ue se não quer confessar. Certo, uma lingua ão póde ficar mumificada e inanime, dentro e fa ixas seculares e immutaveis. Os organis-

mos vivos arfam e vibram, numa perpetua renovação. O fluxo e o refluxo da vida não param. Mas as regras vitaes permanecem as mesmas, na sua eterna e mysteriosa essencia.

Uma lingua, como a nossa, é uma arvore forte, chegada ao completo desenvolvimento, uma arvore de fundas raizes, e de bastas ramagens opimas.

As folhas, as flores, os fructos de hoje não são de certo as folhas, as flores, os fructos de hontem. Nesse esplendido corpo, deslumbrante de força e saude, tudo se renova constantemente: até os ninhos, que lhe povoam a copa gloriosa, mudam constantemente de aspecto e de habitantes; emplumam-se os passaros, cantam, amam, deliram, e morrem; outros vêm depois d'elles, fadados ao canto, ao amor, ao delirio e á morte; os ninhos, esses pequeninos lares suspensos entre aromas, envelhecem, apodrecem e morrem tambem; e outros casaes, igualmente tomados do aneio amoroso, vêm renovar nos galhos verdes da arvore maternal os frescos gyneceus de folhas seccas e plumas. Mas, nessa perenne transformação, a arvore é a mesma: a sua vida, a sua constituição intima, o funcionamento de seus órgãos não se alteraram.

Enriquecer a lingua natal, abastecer-a cada vez mais de recursos e de thesouros, é desvelo e carinho de filho grato; mas golpeal-a, torar-lhe as raizes, enfraquecel-a, roubando-lhe pelas feridas do cortex a seiva que a alimenta, é crueldade de perverso ou de louco. Não se dirá que seja enriquecer uma lingua o deturpal-a, o desconjunctal-a, o transformal-a na algaravia grosseira que corre as ruas.

Não encontrareis no poeta excellente de *Palinodia* e de *Marabá*, no auctor de *Beatriz*, de *Leonor de Mendonça* e de *Boabdil* esse desmazelo e desrespeito. Em suas mãos, a lingua portugueza, ganhando um risonho brilho

novo, nada perdeu da antiga solidez e da antiga magestade. A velha mãe sagrada remoçou aos beijos do filho mais moço.

Entre as recordações da primeira mocidade, d'aquellas que se referem ás minhas primeiras impressões affectivas, uma avulta, mais claramente desenhada do que todas as outras. Uma mulher, um dia entrevista, de subito, no meio da multidão,—uma desconhecida, fadada a nunca mais passar ao alcance de meus olhos, ficou para sempre lembrada e viva na minha vaga saudade. Era moça e airosa, com um leve andar de ave do céu na terra, em plena florescencia dos annos e das graças. Mas o que me captivou foi a sua maravilhosa e perturbadora cabeça, de uma esplendida mocidade, coroada de cabellos completamente brancos. Uma molestia qualquer, um mysterioso capricho da Natureza, envelhecêra a coma farta d'aquella Juno humana. Dir-se-ia aquillo uma garridice nova da deusa, um artificio petulante do seu donaire. Os cabellos, porém, tinham essa alvura vagamente prateada das cans, que nenhum artificio póde imitar: e assim toucada de neve, com aquelle pallido clarão de velhice sobre a juventude offuscante dos olhos negros, a minha desconhecida sorriu e passou, num instante fugaz de minha existencia, posta por um acaso em meu caminho, e por outro acaso abysmada na morte, que tanto vale dizer no torvelim da vida...

Permitti, senhores, a extravagancia da comparação. Muita cousa deve ser permittida e desculpada a poetas, tão teimosamente dados ao vôso de corporificar idéas. A Musa do nosso grande lyrico é como aquella doce visão da minha inquieta puberdade.

Vêde-a, moça, bolicosa, ardente, cheia de uma seiva forte, inspirada em aspectos novos da Natureza, transpirando encantos e aromas de floresta virgem,—de uma vivacidade tão



estranha, que espantava e deliciava, na Europa, o severo Alexandre Herculano... Mas, reparai : uma ancianidade veneravel, — a da lingua em que essa musa se exprime, tempéra o ardor da sua adolescencia, corrige os desvairamentos da sua imaginação, retém os surtos do seu Sonho. E ella passa, como passava a minha Juno de cabellos brancos, com o seu leve andar de garça, e a harmonia indizível da sua juvenildade, mas encimada da alva aureola do dizer antigo, do lindo e sagrado resplendor da forma classica...

Foi esse amor dos classicos que reconciliou Gonçalves Dias com os vencedores da raça infeliz. A principio, doia-lhe ver o consorcio da terra apenas pubere com o senhor já velho :

“Velho tutor, e avaro, cobiçou-te,  
Desvalida pupilla, a herança pingue  
E o brilho e os dotes da sem par belleza !  
Cedeste, fraca ; e entrelaçaste os annos  
Da mocidade em flor ás cans e á vida  
Do velho...”

Mas bem cedo um doce consolo entrou a alma do romantico. O poeta, que, como um contemplativo extremado, não queria ver o lado pratico da conquista, a utilidade dessas sangueiras, que haviam de fecundar o solo da America para o desabrochar de patrias novas, — soube logo ver e prezar o valor do patrimonio que os invasores lhe haviam deixado : a lingua, a mais bella e ductil de todas as linguas da terra. Com que apaixonado carinho, com que solicitude de filho meigo, entrou elle a estudar esse inegualavel idioma ! Não o estudou pela rama, colhendo apenas as flores novas e os lindos fructos que a sazão amadurecera : foi ás mais profundas raizes da arvore amada, estudou-lhes as fontes da seiva e da vida.

Para que em suas mãos de ourives o ouro da lingua portugueza pudesse affeição-se nas jóias que Gonçalves Dias nos deixou, foi preciso que elle apprehendesse e praticasse, como artista consciencioso, todos os segredos da primitiva factura. O poeta resuscitou o vello portuguez dos soláus e das lôas; cantou nas *Sextilhas de Frei Antão*, como os antigos poetas,

“...o tempo d'outr'ora,  
quando o reyno era christão,  
quando nas guerras de moiros  
era o Rey nosso pendão,  
quando as donas consumiam  
seus teres em devação :”

e veio de Gil Vicente e Sá Miranda a Herculano e Garrett, acompanhado, de passo em passo, com uma curiosidade amorosa, o progredir da lingua de que almejava ser escravo e senhor. Assim, o noivo apaixonado, ao beijar pela primeira vez a bocca da noiva, quereria conhecer toda a vida passada d'essa flor humana que lhe cahiu nos braços,—o seu primeiro vagir no berço, os seus primeiros folguedos de criança, o seu primeiro pejo de «menina e moça», o primeiro luzir da sua intelligencia e o primeiro palpitar da sua carne,—para que ella pudesse ter sido sempre sua, inteiramente sua, em todas as phases da existencia, como o é agora, na phase radiante do amor e da ventura...

E notemos que d'ahi tem vindo a maior censura feita a Gonçalves Dias,—tão certo é que, aos olhos da tolice humana, as mais bellas qualidades podem apparecer como deploraveis defeitos. Estranha-se que os guerreiros, os pagés, as moças selvagens dos seus poemas fallem como personagens de côrte e solar. Como haveriam elles de fallar? em tupy?—e como os comprehenderiam então aquelles

que, nesta época de desmazelo de linguagem, nem ao menos se sabem servir, com um pouco de correcção e de decencia, da lingua que é sua? E que importa a falsidade d'aquillo? Só não é falso na vida o que a afeia e deshonra. Este mesmo poeta fez o elogio do Sonho, que com a sua falsidade encanta e perfuma a existencia:

“O sonho e a vida são dous galhos gêmeos :  
São dous irmãos que um laço amigo aperta...”

A Arte é a eterna mentira, eternamente bella. Querer dissecal-a, pôr a nú a sua inanidade, despojal-a dos seus recursos de consoladora illusão, é fazer o que fez aquelle *po-leá* curioso, sonhado pelo meu mestre Machado de Assis,—tão imprudente, que, buscando conhecer o segredo da sua *Mosca Azul*,

“dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,  
rota, baça, nojenta, vil,  
succumbiu : e, com isto, esvaiu-se-lhe aquella  
visão fantastica e subtil.”

—

Agora, senhores, detenhamo-nos alguns minutos no mais delicioso recanto do exuberante temperamento do poeta. Cada existencia humana é como um trecho accidentado do planeta. Nem tudo é clara planicie achada que o sol por igual alumia e beija, nem alto monte orgulhoso, apunhalando o céu e gozando as primeiras caricias da luz. Ha em cada vida de homem sombrios desvãos, húmidas e reconditas grotas cheias de perfume e mysterio. Ahí moram os pensamentos que, por melindrosos demais, não se querem ver ao sol, as impressões que se não descrevem, e os nomes que, no dizer de Sainte-Beuve,

«*il faut bénir et taire...*» O mais expansivo e tagarella dos homens, o que mais facilmente se desfaz em confidencias e confissões, ainda esse, quando morre, leva consigo, para dentro da sepultura, todo um vasto mundo de segredos. Foi d'esses ensombrados recessos da vida de Gonçalves Dias que manou a fonte encantada dos seus melhores versos, — dos seus versos de Amor.

O Amor governou essa existencia de trabalho e de lucta, como governa quasi todas as existencias. Já um padre da Igreja, com toda a sua severa compostura, declarou que tinha pena do Diabo, «só porque o triste era incapaz de amar.» O exegeta catholico só se queria referir naturalmente ao amor de Deus: mas o Amor é um só...

Quantos amores houve na vida do nosso querido Poeta? Não foram tantos quantas as estrellas do céu e as areias do mar; mas foram bastantes para que sempre a sua alma andasse em «pedaços repartida» pelo mundo, em sustos, em anceios, em esperanças, em ciumes. Houve primeiro os infalliveis amores de estudante, em Coimbra, — ensaios de um coração que se preparava para querer e sofrer; depois, um amor mais sério, em Lisboa, um delirio que quasi cortou a carreira do poeta; depois, outra vez em Coimbra, um novo amor violento,

“um ardente anhelar, cauterio vivo  
posto no coração a remordel-o....”;

mais tarde uma ligação em Formozêlha e outra no Gerez; e, d'ahi por diante, um torvelim de paixões e um remoinho de torturas. Não zombeis disso... Toda essa multidão de anceios e de inclinações passou sobre o coração do poeta, como uma tempestade, castigando-o, devastando-o, envelhecendo-o. Cora-

ções como esse são os que mais soffrem, porque são os que mais procuram o soffrimento. Foi o proprio Gonçalves Dias quem com mais encanto disse, em uma linda allegoria, o que é esse correr para a ruina, esse desejo de morrer mil mortes por amor do Amor. Escutai-o :

Debruçada nas aguas de um regato,  
A flor dizia em vão  
A' corrente em que bella se mirava:  
“Ai ! não me deixes, não !”

Commigo fica, ou leva-me contigo  
Dos mares á amplidão;  
Limpida ou turva, eu te amarei constante . . .  
Mas não me deixes, não !”

E a corrente passava : novas aguas  
Após as outras vão ;  
E a flor sempre a dizer, curva na fonte:  
“Ai ! não me deixes, não !”

E das aguas, que fogem incessantes,  
A' eterna successão,  
Dizia sempre a flor, e sempre embalde :  
“Ai ! não me deixes, não !”

Por fim, desfallecida, e a côr murchada,  
Quasi a lambar o chão,  
Buscava ainda a corrente, por dizer lhe  
Que a não deixasse, não...

A corrente impiedosa a flor enleia,  
Leva-o do seu torrão ;  
E, a afundar-se, dizia a pobresinha :  
“Não me deixaste, não...”

Que uma alma commum assim se consuma em desesperos voluntarios, pouco ha nisso que mereça attenção: mas quando a alma imprudente é a alma de um grande poeta, é preciso abençoar essa imprudencia, esse lento



suicidio de que fluem, para goso de outras almas, torrentes de versos imperciveis.

Entre tantas paixões, uma liouve, mais profunda e mais duradoura do que as outras, e por isso mesmo mais fecunda em inspirações. Foi mais duradoura, porque não foi contentada. As outras, depois de um incendio terrivel mas fugaz, iam passando e morrendo, como aquella que inspirou a impreciação desvairada da *Palinodia*, logo seguida da *Retractação*. Mas a incontentada, — a mysteriosa paixão de que nasceram as formosas oitavas de *Ainda uma vez adeus*, — essa ardeu e lavrou longo tempo, como chamma sopitada. Fôra possível a união... mas o orgulho (ou outra qualquer causa) separára os dous que se queriam... E eis um dia o desgraçado de volta ao berço do antigo sonho, revendo aquella que já não podia ser sua:

— Eu fim te vejo ! - em fim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te  
Que não cessei de querer-te,  
Pezar de quanto soffri.  
Muito penei ! Crúas ancias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houveram-me acabrunhado  
A não lembrar-me de ti !

.....

Vivi ; pois Deus me guardava  
Para este logar e hora !  
Depois de tanto, senhora,  
Ver-te e falar-te outra vez ;  
Rever-me em teu rosto amigo,  
Pensar em quanto hei perdido.  
E este pranto dolorido  
Deixar correr a teus pés...

Mas que tens ? Não me conheces ?  
De mim affastas teu rosto ?  
Pois tanto poudo o desgosto  
Transformar o rosto meu ?

Sei a afflicção quanto póde,  
Sei quanto ella desfigura,  
E eu não vivi na ventura...  
Olha-me bem, que sou eu !

.....

E's d'outro agora, e p'ra sempre!  
Eu a misero desterro  
Volto, chorando o meu erro,  
Quasi descrendo dos céus!  
Doe-te de mim, pois me encontras  
Eu tanta miséria posto,  
Que a expressão deste desgosto  
Será um crime ante Dens !

Doe-te de mim, que te imploro  
Perdão, a teus pés curvado :  
Perdão, de não ter ousado  
Viver contente e feliz !  
Perdão da minha miséria,  
Da dor que me rala o peito,  
E, se do mal que te hei feito,  
Tambem do mal que me fiz !”

--

Nada mais agradável me fôra do que re-suscitar aqui toda a harmonia dos innumera-veis e deliciosos versos lyricos de Gonçalves Dias. Um genio amigo, aquelle que se com-padece da miséria da vida humana, redouran-do-a, perfumando-a, — Ariel, o Sonho alado, o Ideal impalpavel, — sustaria o curso das horas, e ficaríamos aqui, como num mundo melhor do que o nosso, suspensos num vago enleio encantado. Mas urge pôr termo ao pallido estudo que do suave poeta tentei fazer, neste recinto, cheio de corações em que o seu grande nome se fixou e perdura. Os ultimos versos da introducção d'*Os Tymbiras* expri-mem bem, na sua belleza, o que foi o genio d'este arrebatado cantor de heroismos e de ternuras :

Nem só me escutareis fereza e mortes :  
As lagrimas do orvalho por ventura,  
Da minha lyra distendendo as cordas,  
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as :  
Tal vez o lenhador quando accommette  
O troneo d'alto cedro corpulento,  
Vem-lhe tingido o fio da segure  
De puro mel, que abelhas fabricaram :  
Talvez tambem nas folhas que engrinaldo,  
A acacia branca o seu candor derrame  
E a flor do sassafras se estrelle amiga..

Toda a grandeza da terra natal, toda a forte epopéa da conquista e da destruição da raça selvagem, todos os extremos da ternura, — tudo coube de facto nos versos do poeta, cuja gloria celebramos hoje. Esse explorou profundamente, como poucos, todos os veios da profunda mina do coração humano. E todo esse trabalho coube numa forma simples e correcta, num sobrio e limpido estylo.

Tal foi Gonçalves Dias. Que fez elle? amou e fez versos. Se me perguntardes agora se o trabalho de quem ama e faz versos é util, eu vos direi apenas que entre a missão de Ariel e a de Caliban, a mais util, para o commum dos homens, é a mais feia, que a do ultimo. Caliban cava a terra, e nella semeia os alimentos e as intrigas. Ariel corre os céos, e dá-nos as suas estrellas mudadas em sonhos e mentiras. O commum dos homens prefere Caliban. Eu prefiro Ariel, e fico que estareis commigo.

---

# **A Tristeza dos Poetas Brasileiros**



# A Tristeza dos Poetas Brasileiros

*Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro.*

*19 de Agosto de 1905.*

Não supponho que vos haja causado estranheza o enunciado do thema d'esta conferencia. Ha muito tempo se diz e se escreve que são tristes todos os nossos poetas, que é triste toda a nossa poesia: a ponto que os criticos, quando estudam a nossa litteratura poetica, nunca deixam de armar-se, não só de um conta-syllabas, mas tambem de um conta-lagrimas... O thema é interessante: convém saber se é justa essa reputação, de que gozam os nossos poetas; e se essa tristeza é um attributo nosso, exclusivamente nosso,—como os nossos sabiás e o nossos coqueiros, o nosso café e o nosso Corcovado.

Sim! os poetas brasileiros são tristes. E essa tristeza começa logo a apparecer na poesia popular. E na musica tambem. Os nossos *tangos*, os nossos *jongos*, as nossas *modinhas* são uma perturbadora mistura de sensualidade e de melancolia, de volupia e de tristeza,—mistura que é menos extravagante do que parece, porque já os velhos gregos diziam, com a sua subtil comprehensão das cousas da vida, que a Volupia é irmã gêmea da Morte. Das nossas trovas populares, d'essas

quadrinhas ingenuas e tantas vezes admiráveis, que por ahí correm de bocca em bocca formando uma vasta rhapsodia, — rarissimas são as que não revelam uma profunda tristeza e um amargo pessimismo. Lembrae-vos as *modinhas* que ouvistes lá fóra, na paz e na vida simples da róça, quando não vivieis respirando e comendo a poeira atroz da cidade, e recordae aquellas que ainda aqui ouvis, muita vez, alta noite, quando acordaes de subito á toada plangente dos violões com que os trovadores noctivagos despertam ao luar os échos das esquinas: — difficilmente reconstituireis, na memoria, uma só «quadrinha», que não seja melancolica. Uma poesia popular que inventou estes versos:

“Alma no corpo não tenho,  
Minha existencia é fingida;  
Sou como o tronco quebrado  
Que dá sombra sem ter vida”

ou estes:

“Ha uma especie de plantas  
Que vingam sem ter raizes:  
Assim são certos sorrisos  
Nos labios dos infelizes”

é uma poesia innegavelmente triste. Quanto á poesia culta ou erudita, quero d'aqui a pouco lembrar-vos alguns versos de poetas nossos; — e nesses versos vereis quantas vezes se retrata aquelle sombrio desalento, que Gonçalves Dias exprimiu numa estrophe celebre:

“Nascer, luctar, soffrer... eis toda a vida!  
De esperanza e amor um raio breve  
Se mistura e confunde  
A's cruas dores de um viver caçado,  
Como raio fugaz, que luz nas trévas  
Para as tornar mais feias...”

Sim! os poetas brasileiros são tristes. Mas será essa tristeza um privilegio dos nossos poetas?

Tal preconceito deve ser destruido. E possa eu, nos breves minutos que vae durar esta palestra, contribuir para libertar a poesia brasileira d'essa triste fama de se ter organizado em syndicato monopolizador de melancolias, formando o *trust* de todas as lagrimas do universo, e imitando nisso o desembarço com que a *Rio Ligth* acaba de açambarcar todas as companhias de *bonds* do Rio de Janeiro...

\*  
\* \*

Porque são tristes os poetas brasileiros? será porque sejam tristes todos os homens nascidos no Brasil?

Antes de tudo, que é a tristeza? Quando passageira, é um estado normal. Quando contínua e invencível, é uma enfermidade. Um homem equilibrado e forte, dotado de saúde physica e moral, em plena pujança de vida, não póde ser constantemente e inalteravelmente triste, como não póde ser constantemente e inalteravelmente alegre. A velha lenda de Democrito, que sempre ria, e de Heraclito, que sempre chorava, é puramente symbolica. Todos temos, na vida, momentos para rir, e momentos para chorar. Um homem incapaz de ser triste, incapaz de se condoer do espectaculo da miseria ou da desventura alheia, é um monstro; por outro lado, o homem incapaz de rir é um doente. O misanthropo é um neurasthenico, um possuido d'essa nevrose, que é velha como a humanidade, e da qual só o nome é que é moderno. Dae-me um macambuzio, um homem fundamentalmente e pavorosamente triste: um pouco de massagem muscular, um pouco de exercicio, algumas distrações, alguns banhos electricos, um pouco



de peptonato de ferro, ou ainda algumas transfusões sub-cutaneas de um sôro artificial pôdem facilmente dar cabo da tristeza d'esse homem...

Mas seremos nós uma população de doentes, — vinte milhões de neurasthenicos? Porque o seríamos?

Se admittirmos sem hesitações a «theoria do meio», reconheceremos que não ha no Brasil um só motivo para que cada brasileiro seja um cypreste humano, sempre debruçado sobre a cova em que jaz sepultada a sua alegria. Com este céu? com esta luz? com esta vegetação? com este perpetuo sorriso aberto em tudo ?!

Stendhal, que, muito antes de Taine, traçou as linhas geraes da «theoria do meio», escreveu que, em Londres, ha dias em que a gente se enforca sem motivo sério, — unicamente por influencia do nevoeiro... Ora, no Brasil, francamente, só vejo influencias que nos possam levar, não ao suicidio, mas á cantoria e á dansa...

Não tomemos muito a serio essa theoria da influencia do meio. No norte da Europa, — em Londres, onde «*il y a des jours où l'on se pend*», em toda a Inglaterra, na Suecia, na Noruega, na Dinamarca, onde o sol raras vezes sorri, ha alegrias ao lado de tristezas; e, nas duas encantadoras peninsulas que terminam ao sul o continente europeu, no claro Portugal, na callida Hespanha, na ridente Italia, ha tristezas ao lado de alegrias. Em qualquer ponto do globo, todo o homem normal tem dias para ser triste e dias para ser alegre, assim como a Natureza tem mezes para o inverno e mezes para o estio, e assim como o Tempo tem horas para a noite e horas para o dia.

Para estudar e comprehender a tristeza de um poeta, de um grupo de poetas, de uma

litteratura, é preciso, antes do mais, comprehender que um poeta alegre póde ser um homem pouco dado á alegria, e que um homem jovial póde ser um poeta triste. Entre o homem e o escriptor, — ou, melhor : entre o homem-machina, que come, digere e dorme, e o homem-pensamento, que imagina, concebe e executa, — ha muitas vezes, ha quasi sempre um largo abysmo.

Uma raça exuberantemente alegre póde ter, e sempre tem, poetas tristes. A especie mais commuin da poesia melancolica é a *elegia*. Pois bem: a *elegia* é de origem oriental, é asiatica, é filha dos paizes nos quaes o sol é mais claro, o céu mais azul, a vida mais suave, e mais imperiosa a necessidade de amar e de gosar... A litteratura persa e a litteratura da velha India estão cheias de *elegias*. Na Biblia, são verdadeiras e admiraveis *elegias* as queixas de Job, as lamentações dos prophetas, os hymnos de David. Na Grecia, (onde não nasceu o genero elegiaco, mas onde foi creada a palavra *elegia*, e onde esse vocabulo apenas significava uma composição metrica, sobre qualquer assumpto, em que os pentametros alternavam com os hexametros) houve mais tarde muitas *elegias*, no rigoroso sentido que damos hoje á palavra. Assim, tambem o povo grego, simples, alegre, sóbrio, amigo do prazer, do vinho, da dansa e da musica, — aquelle povo, que, para ser feliz, se contentava com a contemplação do céu azul, e com a frugalidade de um jantar cujo *menu* se reduzia a um punhado de azeitonas e a um pouco de agua fresca, — aquelle povo tambem teve poetas tristissimos.

Afim de bem explicar o que é essa separação do homem e do poeta, e para que se veja como um homem alegre póde ser um poeta melancolico, — é bom lembrar, em poucas palavras, o mecanismo da « criação poetica » .

Para que uma idéa, ou um sentimento, se transforme numa phrase litteraria, é preciso que haja: 1º, emoção; 2º, incubação; 3º, expressão.

A emoção, todos os homens a pódem ter, — todos, com excepção dos cretinos: não ha homem normal, que não seja capaz de sentir e comprehender a belleza de uma paizagem, a belleza de uma mulher, a belleza de um acto moral. A expressão é que é a faculdade de poucos: todos pódem *sentir*, nem todos saberão *exprimir*.

Mas, entre o periodo da emoção e o da expressão, ha sempre um periodo intermedio, mais ou menos longo, durante o qual a emoção adquire vigor, energia, intensidade; é o periodo da incubação, — periodo indispensavel para a creação poetica, porque uma emoção inicial, que não ganha bastante intensidade para poder ser expressa, é uma emoção perdida para a arte. Isso quer dizer que a boa, a legitima «creação poetica» nunca é instantanea: é sempre separada, por uma phase mais ou menos dilatada, do abalo moral que a produziu.

Fallar-me-heis, porventura, dos poetas repentistas, — d'esses fabricantes de versos por atacado e a vapor, — que recebem um *mote*, batem palmas, pigarriam, e immediatamente devolvem glozado o *mote* recebido... A objecção é engenhosa, mas fraca. Em primeiro lugar, o «improviso poetico» merece talvez, apenas, ser classificado no gavetão litterario, em que Anatole France arrumou os romances de G. Ohnet, — *hors la litterature*. O trabalho dos «repentistas» é, quasi sempre, puramente mechanico, e consiste no alinhamento mais ou menos gracioso de palavras e phrases rimadas, em que raras vezes se descobre um sentimento poetico. Mas, ainda sem querer negar o verdadeiro talento e o verdadeiro sentimento de

alguns poucos, bem poucos, repentistas,— é preciso notar que o que nelles é instantaneo é apenas o dom da expressão: quando improvisam versos, elles estão exprimindo emoções, que, ás vezes sem consciencia, já traziam ha longo tempo incubadas.

Todos conheceis o famoso *Cantico do Calvario*, uma das paginas mais bellas, mais commovedoras da poesia brasileira :

Eras na vida a pomba predilecta,  
Que sobre um mar de angustias conduziás  
O ramo da esperanza.—Eras a estrella  
Que entre as neves do inverno sentillava,  
Apontando o caminho ao peregrino.  
Eras a mèsse do dourado estio,  
Eras o idyllio de um amor sublime,  
Eras a gloria — a inspiração — a patria,  
O porvir de teu pai! — Ah! entretanto,  
Pomba, varou-te a flecha do destino!  
Astro, enguliu-te o temporal do norte!  
Tecto, cahiste! Crenga, já não vives!

.....  
Correi, correi, oh! lagrimas sandosas,  
Legado acerbo da ventura extineta,  
Dubios archotes que a tremer claream  
A lousa fria de um sonhar que é morto!  
Correi! Um dia vos verei, mais bellas  
Que os diamantes de Ophir e de Golconda,  
Fulgurar na corôa de martyrios  
Que me circumda a fronte seismadora!  
São mortos para mim da noite os fachos:  
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,  
E á vossa luz caminharei nos ermos!  
Estrellas do soffrer, gottas de magua,  
Brando orvalho do céo, sêde bemditas!  
Oh! filho de minh'alma! ultima rosa  
Que neste solo ingrato vicejava,  
Minha esperanza amargamente doce!

.....  
Ouço o tanger monotono dos sinos,  
E cada vibração contar parece  
As illusões que murcham se contigo!  
Escuto em meio de confusas vozes,  
Cheias de phrases pueris, estultas,

O linho mortuario que retalham  
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas  
Saudades e perpetuas, sinto o aroma  
Do incenso das igrejas, ouço os cantos  
Dos ministros de Deus, que me repetem  
Que não és mais da terra! E choro embalde.  
Mas não! Tu dormes no infinito seio  
Do Creador dos sêres! Tu me fallas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Talvez das ondas no respiro flebil!  
Tu me contemplas lá do céo, quem sabe,  
No vulto solitario de uma estrella,  
E são teus raios que meu estro aquecem!  
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!  
Brilha e fulgura no azulado manto,  
Mas não te arrojes, lagrima da noite,  
Nas ondas nebulosas do occidente!  
Brilha e fulgura! Quando a morte fria  
Sobre mim sacudir o pó das azas,  
Escada de Jacob serão teus raios  
Por onde asinha subirá minh'alma!

.....

Sobre este lindo poema, de que apenas vos cito alguns versos, ha uma lenda, muito acreditada no Rio de Janeiro e em todo o Brasil. Diz-se que Fagundes Varella *improvisou* os versos admiraveis do *Cantico do Calvario*, de um jacto, dominado pela dor que lhe pungia o coração, e ao lado do pequeno ataúde em que jazia o filhinho morto... E' falso e não poderia deixar de ser falso! O homem, que, numa tal crise moral, tendo perdido um filho adorado, espectacularmente explorasse d'esse modo a sua grande magua, ao lado do cadaver da criança,—seria um monstro. E Fagundes Varella não era um monstro.

No momento em que um grande infortunio nos fere, temos apenas alma para soffrer e chorar. Depois, sim! depois é que o soffrimento pode crystallisar-se em versos.

Quando, depois da incubação indispensavel, o poeta começa a exprimir a emoção que o

impressionou,—já não é o homem quem alli está; é o pensador, é o artista.

Imaginae este caso, que não é fantasiado por mim:

Um poeta estudante, bohemio, em fim de mez, no pobre quarto da *republica* em que móra... Para illudir o estomago, que pede um almoço... impossivel, esse poeta está escrevendo versos. Versos de amor, versos lyricos, versos tristes, cheios de ais, cheios de suspiros, e cheios de tantas lagrimas, que, se ellas fossem reaes, o papel, o tinteiro, a mesa, o poeta ficariam nadando num vasto mar de pranto. De repente, batem á porta: é um carteiro. Uma carta registrada... E' a mezada! é dinheiro! O estudante dá um salto, beija o vale postal, beija o carteiro, e põe-se a rodopiar pelo quarto, numa valsa infernal. Vae sahir, vae almoçar, vae forrar da miseria o estomago... Mas lembra-se do soneto inacabado: e, apesar de estar alegre como um dia de sol, acaba o soneto no mesmo tom, com os mesmos ais, os mesmos suspiros, as mesmas lagrimas. O homem está contente, porque tem dinheiro, e vae almoçar: mas o poeta continúa a ser triste, porque é poeta...

Tudo isso explica porque é que, frequentemente, um poeta, sendo um homem feliz, bem alimentado, bem alojado, bem vestido, trabalhando com conforto, vivendo sem amofinações, amado pela mulher a quem ama,— sabe apenas escrever versos tristes. E isso explica tambem como tantos rimadores dizem, redizem e juram que vão morrer de amor, de saudade e de desespero... e continuam a viver, ás vezes até a extrema velhice.

Quero lembrar-vos sómente o caso de Gonzaga, — do meigo *Dirceu*, d'esse encantador poeta, que foi o verdadeiro fundador da poesia lyrica brasileira. Gonzaga, preso, já

condemnado ao desterro, escrevia versos, com  
que enganava o tédio dos longos dias e das  
tristes noites do carcere, — versos á sua *Marilia*.  
Ouvi esta *lyra*:

“Ergastulo silente,  
Onde não entra a aurora!  
Pensas que a sombra tua  
A vida me devora?  
Não penses tal maldade!  
Eu morro de saudade!

Se pensas que os teus ferros,  
Horribeis e pesados,  
Me teem os rijos ossos  
Com dores traspassados.  
— Não penses tal maldade...  
Eu morro de saudade!

Se o halito, que deitas,  
Tu julgas que me empesta,  
Se pensas que a matar-me  
Já pouco ou nada résta.  
— Não penses tal maldade...  
Eu morro de saudade!

Se a falta de alimento,  
A trabalhosa lida,  
Tu pensas que me tiram  
As forças para a vida.  
— Não penses tal maldade...  
Eu morro de saudade!

Se pensas que essas Furias,  
Alectos e Megéras,  
Me podem dentro da alma  
Tirar de amor as véras,  
— Não penses tal maldade...  
Eu morro de saudade!

Se pensas que da Sorte  
O horrído governo,  
Me leva a cada passo  
Ao tenebroso Averno.  
— Não penses tal maldade...  
Eu morro de saudade!”

E esta outra:

“Leu-se me emfim a sentença,  
Pela Desgraça firmada ;  
Adeus, Marília adorada!  
Vil desterro vou soffrer...  
Ausente de ti, Marília,  
Que farei? Irei morrer.

Mil penas estou sentiudo,  
Dentro da alma: e, por negaça,  
Me está dizendo a Desgraça  
Que nunca mais te hei-de ver...  
Ausente de ti, Marília,  
Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares  
Não me fere o sentimento;  
Porém suspiro e lamento  
Por tão cedo te perder...  
Ausente de ti, Marília,  
Que farei? Irei morrer.

A mão do fado invejoso  
Vae quebrando em mil pedaços  
Os doces, suaves laços,  
Com que Amor nos quiz prender.  
Ausente de ti, Marília,  
Que farei? Irei morrer.

Da Desgraça a lei fatal,  
Pode de ti separar-me,  
Mas nunca d'alma tirar-me  
A gloria de te querer!  
Ausente de ti, Marília,  
Hei-de amar te até morrer!”

Gonzaga não morreu, minhas senhoras...  
Quero dizer: não morreu nessa epocha. Não  
morreu nessa epocha, — e não amou Marília  
até morrer. Foi desterrado, — e só falleceu quasi  
vinte annos depois de chegar á Africa, e  
muito tempo depois de haver casado, em Mo-  
çambique, com uma Senhora D. Juliana Mas-  
querenhas, — com quem não sei se foi muito



feliz e teve muitos filhos, como se diz nos contos de fadas... Não mofemos d'isso, minhas senhoras! Ninguém morre quando quer, nem quando deve morrer. A Morte tem caprichos: raras vezes responde, quando chamamos por ella, e quasi sempre apparece, quando menos é esperada, no meio de um prazer, ou de um sonho doce.

\*  
\* \*

Os poetas brasileiros são tristes, sim! Mas não porque sejam homens tristes. São tristes porque são poetas. São tristes todos os homens que sabem sentir e pensar.

Compreenda-se bem que essa nobre Tristeza, doloroso tributo pago por todos aquelles que sentem e pensam, por todos aquelles que encaram com curiosidade o mysterio da Vida, não póde ser confundida com a lamuria ridicula dos versejadores de má morte, que são legião no Brasil. A Tristeza, filha da agonia sem nome das almas que vivem a esbarrar contra a murallia do Mysterio que as rodeia, é uma concentração, é uma rebellião, é um protesto das almas fortes contra a hostilidade e a ferocidade do incognoscivel;—e isso não póde ser confundido com o choramigar infantil e impertinente dos vates de aldeia, que se queixam da ingratiidão das suas namoradas, como se queixariam de uma dor de ouvido ou de uma dor de dente.

Compreenda-se ainda que tal tristeza não nasce apenas de magoas de amor: um poeta, quando chega aos cincoenta ou sessenta annos de idade, já não pode ser triste por causa da ingratiidão ou da frieza de uma namorada, —salvo se o excesso da idade e o abuso do sentimentalismo já lhe amollecerao o cerebro...

\*  
\* \*

Todo o poeta tem na vida duas crises bem definidas e precisas: a do sentimento e a do pensamento.

A primeira é a da alvorada do amor, que, parece, deveria ser sempre de uma infinita alegria, e é sempre, entretanto, de uma infinita tristeza. Não é só no organismo physico que a chegada da révora, o aurorar da adolescencia, o rebentar primaveril da puberdade operam uma revolução: é também no organismo moral. O primeiro rebate do amor é sempre triste. Recordae-vos todos a singular angustia que vos apertou o peito, o mysterioso véo de lagrimas que vos toldou os olhos, no dia em que dentro de vós nasceu esse primeiro affecto, que, segundo o velho Moniz Barreto, é:

“ Ver... e do que se vê logo abrasado  
Sentir o coração de um fogo ardente:  
De prazer um suspiro de repente  
Exhalar, e após elle um ai magoado:  
Aquillo que não foi ainda logrado,  
Nem o será talvez, lograr na mente:  
Do rosto a cor mudar continuamente,  
Ser feliz, e ser logo desgraçado...”

—e reconheceréis que a Natureza quiz fazer d’esse sentimento, do qual depende a perpetuação da especie, uma como iniciação na dor e no desespero. Foi o que o grande Leopardi tão magnificamente indicou em alguns versos immortaes:

“ Fratelli, a un tempo stesso, Amore e Morte  
Ingenneró la Sorte;  
Quando novellamente  
Nasce nel cor profondo  
Un amoroso affetto,  
Languido e stanco insiem con esso in petto  
Un desiderio de morir si sente...”

Todos os moços, quando chegam á idade de amar e de poetar, associam a ideia do Amor

á ideia da Morte. Ouvi uma das primeiras poesias de Alvares de Azevedo:

“ Amoroso pallor meu rosto inunda,  
Morbida languidez me banha os olhos,  
Ardem sem somno as palpebras doridas,  
Convulsivo tremor meu corpo vibra...  
Quanto soffro por ti! Nas longas noites  
Adoeço de amores e de desejos...  
E nos meus sonhos desmaiando passa  
A imagem voluptuosa da ventura:  
Sinto na fronte petalas de flores,  
Sinto-as nos labios, e de amor suspiro.  
Mas flores e perfumes embriagam...  
E, no fogo da febre, e em meu delirio,  
Embebem na minh'alma enamorada  
Delicioso veneno ..  
Estrella do Mysterio! em tua fronte  
Os ceos revela, e mostra-me na terra,  
Como um anjo que dorme, a tua imagem,  
E tens encantos, onde Amor estende  
Nessa morena tez a cor da rosa...  
Meu amor! minha vida! eu soffro tanto!  
O fogo dos teus olhos me fascina,  
O languor dos teus olhos me enlanguece,  
— Cada suspiro que te abala o seio  
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!  
Ah! vem, pallida virgem, se tens pena  
De quem morre por ti, e morre amando...  
Dà vida em teu alento á minha vida,  
Une nos labios meus minh'alma á tua!  
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo  
Em tua alma infantil, na tua fronte  
Beijar a luz de Deus, nos teus suspiros  
Sentir as virações do paraiso...  
E a teus pés, de joelhos, crer ainda  
Que posso na tua alma ser ditoso,  
— Beijar os teus cabellos soluçando,  
E no teu seio ser feliz morrendo...”

E não é sómente a ideia do Amor que se associa á da Morte: é a da Gloria tambem. Ouvi Castro Alves:

“ Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,  
Que te elevas da noite na orvalhada ?  
Tens a face nas sombras mergulhada,  
Sobre as nevoas te libras vaporoso...

Baixas do céu num vôo harmonioso...  
Quem és tu, bella e branca desposada ?  
Da laranjeira em flor a flor nevada  
Cerca-te a frente, ó ser mysterioso !

Onde nos vimos nós ? E's de outra esphera...  
E's o ser que eu busquei do sul ao norte,|  
Por quem meu peito em sonhos desespera ?

Quem és tu ? quem és tu ? E's miuha sorte...  
E's talvez o ideal que est'alma espera,  
E's a gloria talvez... talvez a morte...

.....

Mas chega, depois, a segunda idade, — aquella em que, acalmado o sangue, saciada a ancia de amar, o poeta já não tem motivo para viver associando a ideia do Amor á da Morte. Que acontece então? Ou o poeta deixa de ser poeta (o que é mais commum), e esquece a lyra, e aposenta a Imaginação, e começa a criar e a educar os filhos, a receber os juros das suas apolices, a maldizer os seus primeiros rheumatismos, e a descompor os seus inimigos politicos, — ou, então, — o que é mais raro, — o poeta continúa a ser poeta, — e os seus versos continuam a ser tristes. Essa tristeza, porém, já lhe não vem do *sentimento*, mas do *pensamento*. E' a segunda crise.

Observemos, de passagem, que os primeiros cabellos brancos nunca apparecem sem causar tristeza... D'elles dizia Bernardo Guimarães:

“ Triste de mim ! São ellas que despontam,  
As tristes, murchas cans...  
Como neves esparsas sobre o monte,  
Em pallidas manhãs.

São ellas, sim ! que veem annunciar-me  
Que a minha mocidade  
O derradeiro adeus me está dizendo  
Por toda a eternidade !...”

Mas os cabellos brancos, afinal, pouco importam, — sobretudo aos poetas gamenhos... que os pintam. A causa da tristeza, nessa segunda phase, vem do Pensamento. A alma, impotente e anciosa, diante dos problemas moraes que a rodeiam, detém-se, no caminho de Thebas, junto da esphyngue terrivel...

Ser poeta não é sómente amar, e cantar o amor: é tambem buscar interpretar os segredos da vida. E, se o amor incontentado entristece (e convém notar que todos os grandes amores são incontentados, porque, em amor, quanto mais se obtém, mais se pede), tambem entristece a curiosidade incontentada.

Assim, quando o poeta alarga o ambito da sua inspiração, e começa a preocupar-se, já não com o seu amor unicamente, mas com o vasto soffrimento humano que o cerca, — a sua poesia é triste, porque é pessimista.

Quereis ver o pessimismo na poesia popular, quando nella se reflecte a consciencia dos males sem remedio que ha na vida? aqui o tendes:

“ As rosas é que são bellas...  
São os espiuhos que picam...  
— Mas são as rosas que cahem:  
São os espiuhos que ficam !”

“ Mente quem diz nesta vida  
Muitos males ter soffrido:  
Só de um mal a gente soffre:  
E' do mal de ter nascido. .”

E ouvi ainda esta quadrinha, que é mais expressiva:

.. Queria subir ao céo,  
Ter com Deus um argumento,  
Perguntar-lhe para que  
Deu aos pobres sentimento !

Desgraçado! como se Deus não tivesse mais o que fazer, senão dar satisfações aos poetas pobres que teem sentimento!

.....

Na poesia culta ou erudita, igualmente se reflecte esse amargo pessimismo. Pessimismo, que resulta da consciencia da fatalidade do Mal, e do desespero que levanta a alma humana contra o Desconhecido.

Ha um soneto de Raymundo Correia, que todos deveis conhecer, — *Fascinação*:

.. Todo o teu ser contemplo agora : e é quando,  
Para só contemplal-o, até prescindindo  
Do men. E, enquanto o meu se vae sumindo,  
Vae o teu aos meus olhos avultando.

Assim, quem vae o pinacaro galgando  
De uma alta serra, do horizonte infindo,  
Nota que, á proporção que vae subindo,  
Se vae em torno o circulo ampliando...

E, infimo, em face da amplidão tão grande,  
Fôscas a pupilla com pavor expande...  
Abaixo, mares vê, selvas, cidades,

Montanhas... E, até onde o olhar attinge,  
A' immensidade esplendida que o cinge  
Vê ligarem-se mais immensidades..."

Este lindo soneto é de um admiravel symbolismo. Nelle, parece que o poeta apenas se refere ás immensidades da natureza physica,

aos mares que se ligam aos mares, ás montanhas que se sotopõem ás montanhas. Mas, quando consideramos o mundo moral, a *fascinação* é a mesma. A cada mysterio devassado, o homem vê surgirem novos mysterios: são immensidades que se unem a immensidades,—immensidades que a alma não domina nem comprehende. E é na Poesia que se veem reflectir essa ancia de comprehender a vida e esse desespero por não a comprehender.

Por isso, os grandes, os verdadeiros poetas são pessimistas.

Por isso, Alberto de Oliveira diz que «a propria attracção universal é a dor»:

Bate contra uma pedra a agoa do mar... E ella,  
A pedra: “Agoa do mar, quem é que te encapella?  
Quem é que, no brutal movimento sem fim,  
Agoa iracunda e má, te impelle contra mim?”

E a agoa do mar: “Oceano immenso e procelloso,  
Porque não me quedar um momento em repouso,  
Porque me sacudir, porque me levantar.  
Num perpetuo vae-vem, negro e sombrio mar?”

E o mar: “Que quer de mim a tua luz, serena,  
Meiga lua, que lá, d’essa amplidão, me acena,  
E a alma, que em mim captiva existe, ao seu fulgor  
Faz em extase erguer, como a um raio de amor?”

E a lua: “O que me leva pelo espaço  
E’ o que a ti, negro mar, prende tambem,  
E’ o mesmo forte, indissolúvel laço,  
Que os astros prende, e os encadeia além.

Pelo meio da noite, errante e nua,  
Vês-me, e ignoras a lei que me governa...  
Ah! monstro de agoas! a serena lua  
Ama-te, amando a tua dor eterna!

Ama-te d’esse amor de que se anima  
Todo o universo, mysterioso amor,  
Amor que as dores todas aproxima:  
Porque a lei da attracção é a propria dor!...”

E também por isso Machado de Assis afirma que todo o universo se entediava e soffre:

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:  
“ — Quem me dera que fosse aquella loura estrella,  
Que arde no eterno azul como uma eterna vela ! ”  
Mas a estrella, fitando a lua, com ciúme :

— Pudesse eu copiar-te o transparente lume,  
Que da grega columna á gothica janella  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella ! ”  
Mas a lua, fitando o sol com azedume :

“ — Misera ! tivesse eu aquella enorme, aquella  
Claridade immortal, que toda a luz resume ! ”  
Mas o sol, inclinando a rútila capella :

“ — Pesa-me esta brilhante aureola de nune...  
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...  
Porque não nasci eu um simples vagalume ? ”

Os poetas brasileiros não teem o monopolio da tristeza poetica... São tristes porque são poetas, — e todos os poetas são tristes. Alguns, lamurientos e tolos, são os tocadores da gaita sentimental ; outros, os verdadeiros poetas, nobremente e magestosamente tristes, de uma tristeza misturada de orgulho e revolta, desafiando a natureza hostile e a dor implacavel, são os senhores da grande e sagrada lyra de doze cordas, que Simonides e Thimotêo consagraram aos canticos heroicos affrontadores dos deuses e vingadores da miseria humana.

Todos os poetas são tristes...

Mas adivinho que ha na assistencia o desejo de interromper-me com uma interrogação: “ E os poetas satyricos? e os humoristas? ”

Houve, no seculo XVIII, no Brasil, minhas senhoras e meus senhores, um poeta, que só escreveu versos alegres. Versos alegres? — versos rancorosos! versos satanicos! versos que tinham em cada syllaba uma gotta de veneno



e em cada rima uma frécha de ponta acerada! Esse poeta foi Gregorio de Mattos, um demonio humano, que viveu em guerra aberta contra o céu e contra a terra, ferindo todos os ridiculos, criticando todos os costumes, in- vectivando todos os seus contemporaneos... Achaeis que são alegres os versos de Gregorio de Mattos? Pensae bem, e reconhecereis que elles são mais tristes do que todos os versos gemedores de Casimiro de Abreu... São mais tristes, porque são uma explosão de revolta e de odio, porque são as lavas de uma erupção de descontentamento e de colera!

.....

Não tomemos a serio a tristeza dos vates, que vivem a cantar as mãosinhas, os olhinhos, os pésinhos das suas namoradas, e pedem e chamam a morte, em altos brados, só porque essas ingratas lhes recusaram um olhar ou um beijo. Mas respeitemos e admiremos a nobre tristeza d'aquelles que são tristes, porque veem o mundo, como elle realmente é, cheio de miserias e de tristezas, cheio de almas grosseiras que vencem e dominam, e de almas puras que ninguem comprehende nem ampara.

Os poetas são estuarios, em que se veem confundir as torrentes de ideias e de sentimentos que agitam as Idades; são espelhos, em que se veem reflectir e concentrar os feixes de raios ardentes em que se abraza e consome o Ideal Humano. É, como o mundo será sempre triste, porque a vida será sempre um mysterio, — tambem os poetas serão sempre tristes, porque serão sempre os interpretes d'esta grande e dolorosa duvida humana, d'esta curiosidade insaciavel, d'esta desesperadora ignorancia do que somos e do que seremos...

O RISO



# O Riso

*(Instituto Nacional de Musica. Rio de Janeiro.  
14 de Outubro de 1905.)*

Uma conferencia deve sempre começar por uma definição. O homem, com a sua incuravel e eterna vaidade, tem, entre muitas manias, a mania de definir. Definir é determinar, precisar, saber: e nós quasi sempre definimos, sómente para fingir que sabemos... A verdade é que quasi nada sabemos, e que, portanto, quasi nada podemos definir. Sabemos o que é um triangulo, e podemos dizer com segurança: "um triangulo é um polygono de tres lados.". Mas não sabemos o que é o homem, nem o que é a vida, nem o que é a morte, nem o que é o universo; e, entretanto, sobre o universo, sobre a morte, sobre a vida, sobre o homem, temos cem, temos mil, temos cem mil definições!

Se perguntardes a um physiologista o que é o *riso*, elle vos dirá promptamente, cravando a ponta do dedo indicador no ar, e levantando as sobrancelhas, como quem enuncia uma clara, soberana e indiscutivel verdade: "O riso é um conjuncto de phenomenos consistindo principalmente em movimentos de inspiração e de expiração, quasi sempre ruidosos, e acompanhados de movimentos parti-

culares dos musculos da face!» E, se, motejando involuntariamente d'esse tom dogmatico, esboçardes á flor dos labios um *sorriso*, o physiologista, completando a definição, continuará: «E o sorriso, que é a sub-fôrma do riso, consiste em movimentos particulares dos musculos da face, especialmente dos orbiculares e dos triangulares dos labios, dos zygomáticos e dos masséteres, sem exacerbação sensível dos movimentos respiratorios!»

Oh! a mania de definir! Justamente a proposito do riso, querendo afirmar que, como dizia Rabelais, «*ri e est le propre de l'homme*», um velho naturalista definia o homem «o animal que ri». O que fazia o grande Bacon ponderar que tão completa, para não dizer tão tola e ridicula, como essa, seria qualquer d'estas definições: «o homem é um animal que usa sapatos» ou o «homem é um animal que se veste»...

O homem é um animal que ri? Mas todos os animaes sabem rir!—não riem, como o homem, precipitando os movimentos de inspiração e de expiração, e contrahindo e dilatando os musculos da face,—mas riem como sabem e como pôdem, ao seu modo: o cão ri com a cauda e com os olhos, a ave com a palpitação das azas, o gato com as unhas e com o dorso, o macaco com todo o corpo. Que sabemos nós das anedotas, que contam uns aos outros ou umas ás outras, entre frouxos de riso que não ouvimos e não podemos perceber, os elephantes dentro de suas florestas nataes, as borboletas quando revoam sobre as flores, as formigas no fundo das suas tócas?

Dispensem a definição, meus senhores; ou, se, absolutamente, quereis uma definição, ide pedil-a, não aos physiologistas, mas... aos poetas; sobre essas questões, que entendem mais com o espirito do que com o corpo, os

poetas, apesar da sua ignorancia apparente, possúem uma sciencia ingenita, revelada pelo coração,—orgão que nelles funciona melhor do que o cerebro. Pedí essa definição aos poetas, e elles vos dirão que o Riso, irmão gêmeo da Lagrima, expressão da bondade e da maldade, vehiculo da piedade e do sarcasmo, da alegria innocente e da ironia perversa, é uma das duas faces da alma mysteriosa que anima todos os seres e todas as cousas. Todos os seres e todas as cousas,—porque nem sómente o homem e os outros animaes riem e choram... Ha riso ás vezes, como ás vezes ha lagrimas, nas arvores e nas aguas, nas pedras e nas nuvens. Todas as paixões humanas, e todas as modalidades de expressão, que essas paixões revestem, terão as suas correspondentes em toda a Natureza. O homem não é uma parcella de vida independente e autonoma. É uma parte integrante da vida universal. Laços intimos, apertados, inextricaveis, ligam a nossa existencia á existencia de tudo quanto nos cerca. Porque não hão-de as arvores, as aguas, as nuvens, as pedras ter, como nós, alternativas de alegria e de tristeza? Ha riso nas madrugadas, como ha lagrimas na agonia dos dias,—porque cada crepusculo matutino é uma esperança, e cada crepusculo vespertino é uma saudade. As arvores riem quando se carregam de flores, como choram quando se despojam das folhas. Riem as aguas quando flúem ao sol, beijando as raizes das plantas, banhando a ponta da aza dos passaros, e chóram quando tragadas pela terra, enlapando-se nas furnas, escondendo-se no seio escuro da floresta... Assim, o Riso é a vida, a força, a saúde, a expansão espiritual de todos os seres e de todas as cousas: a definição é de poeta, mas nem por isso é mais incompleta ou mais futil do que a dos physiologistas!

Affastada a difficuldade da definição, estudemos o riso humano, — e façamos o possível para que a conferencia, dizendo com o assumpto, seja alegre. Não sei se ella será toda alegre... Shelley disse, em dois lindos versos, que «o nosso riso mais franco traz sempre consigo alguma tristeza»; João de Deus escreveu que «é de risos e lagrimas a vida»; e é facto de observação vulgar que, em certos repentos de riso exagerado, as lagrimas veem aos olhos de quem ri, — como se quizessem dizer: «Somos tuas irmans, ó riso! e aqui estamos, para lembrar-te o nosso parentesco! Não quero, minhas senhoras, que alguma vez choreis, ouvindo-me hoje: mas nem sempre haveis de rir, porque, no correr d'esta conferencia, não poderei deixar de referir-me, ainda que apressadamente, a certas especies de riso que são amarguradamente tristes...

Assentemos desde já que se não pode estabelecer uma distincção bem marcada e nítida entre o *Riso* e o *Sorriso*. O sorriso, — que é a vossa arma predilecta e o vosso recurso habitual, minhas senhoras, — arma e recurso de ataque e de defesa, de franqueza e de disfarce, de acquiescencia e de recusa, de amor e de despreso, — é o esboço do riso, é um riso incompleto. O sorriso é a flor entreaberta, o riso é o fructo amadurecido. Um sorriso, — de sympathia ou de escarneo, — tende sempre a completar-se, a transformar-se num riso. Um accesso de alegria, por exemplo, começa sempre por um sorriso, que, á medida do crescer da alegria, se vae gradativamente accentuando e avultando, até abrir-se na gyrandola da risada. O riso é a plenitude da expressão: é um sorriso adulto, assim como o sorriso é um riso infante. E' verdade que ha sorrisos que nunca chegam a risos: mas tambem ha flores que nunca se transformam em fructos...

A unica distincção que se poderia talvez estabelecer entre o riso e o sorriso seria esta: o riso, franco, aberto, ruidoso, é selvagem, primitivo, natural; ao passo que o sorriso, discreto, comedido, fino, é civilisado e artificial. A criança ri francamente, porque é criança, porque ainda não sabe ser hypocrita. Nós, escravos das conveniencias—malditas conveniencias!—raras vezes ousamos rir. A mais estúpida de todas as estúpidas imposições do que se chama «a boa educação» consiste na quasi formal e completa prohibição da risada. Em todas as casas, e nas escolas, diz-se sempre ás crianças: «é feio rir diante de gente!...» Que barbaridade e que tolice! o que é feio, a meu ver, é não rir quando ha vontade de rir! Felizmente ellas não se submettem, em geral, a essa tyrannia: recebem ralhios e pancadas, veem-se privadas do recreio e da merenda, mas continuam a rir.

As crianças, ás quaes costumamos dar o nome de «crianças terriveis», não são excepções; todas as crianças que teem bom sangue, boa saúde, boa vida, são «crianças terriveis».

Imagine-se esta scena: toda uma familia reunida, á espera de um visitante, que os da casa não conhecem ainda, mas que é uma personagem ceremoniosa e influente,—que tem de ser bem recebida e bem tratada, porque pode dar um bom emprego ao chefe da familia, ou arranjar um noivo rico para a filha mais velha. O chefe envergou a sua mais nova sobrecasaca, a senhora arvóra o seu mais bello vestido de seda, a moçoila passou toda a noite sem dormir, com a cabeça torturada pelos *papillotes*, com que frisou os lindos e complicados cachos que ostenta; e a pírralhada, bem lavada, bem penteada, ouviu uma admoestação minuciosa e longa: «meninos, vejam bem o que fazem! não fallem, não tro-



quem beliscões, não se mettam na conversa, não introduzam o dedo no nariz,—e, sobretudo, não riam!» Não riam! é a principal recommendação!—porque, para certos paes, a criança, que ri diante de visitas, commette um crime mais grave do que o de quebrar toda a louça, ou o de rebentar com os pés a palhinha de todas as cadeiras! Mas eis chega o visitante: é um tímido, um acanhado; entra, vae cumprimentar a dona da casa, atrapalha-se, tropeça no tapete, estende-se a fio comprido no chão. O pae, que precisa de emprego, a senhora, que ambiciona um genro, a menina, que reclama um noivo, teem vontade de rir, mas, em risco de estourar, conteem o riso... A pirralhada, não! varre-se-lhe da cabeça a recordação dos conselhos e das ameaças; os pequenos sabem que, d'alli a pouco, quando o visitante se fôr embora, inaugurar-se-ha para elles o regimen do chinello, do puxão de orelhas, do somno sem ceia; mas riem, riem á farta:—é uma symphonia de risadas, é um fogo de artificio, de notas agudas e graves, correndo toda a escala do jubilo: porque conter o riso de uma creatura nessa idade, é tão difficil como impedir que a seiva suba e desça pelo caule de uma planta forte...

O riso é necessario. A prova d'isso é que até nos adultos, subditos e servos das conveniências, ha occasiões em que elle é irreprimivel. Ha quem tenha perdido uma fortuna, quem tenha compromettido todo o seu futuro, quem tenha arriscado a vida por causa de uma risada inconveniente: lá vem um momento em que a necessidade de rir, como uma lei imperiosa e fatal, rompe todos os diques, e, impetuosa, estronda em explosões escandalosas. Ha situações em que o homem ri... ou morre.

O riso faz bem. Não é preciso ser physiologista ou hygienista, para saber que elle é hygienico, porque, alterando e activando a respiração, altera e activa a circulação do sangue. Tambem é verdade que o riso pode fazer mal: quando exagerado, pode matar... E' a triste condição da sorte humana: todas as cousas boas, em geral, podem matar. Mas os maleficios do rir são raros e excepçionaes; os seus beneficios é que são constantes e regulares. Ha casos de molestias curadas e de accidentes remediados pelo riso, medico que todos teem em casa, e que não pede dinheiro aos doentes. Erasmo, o auctor do *Elogio da Loucura*, conta que certa vez, torturado por um abcesso maligno, começou a ler, para se consolar, as *Epistolæ obscurorum virorum*, escriptas no latim barbaro dos theologos escolaticos, e, em certo ponto da leitura, riu tanto da incongruencia do estylo, que o abcesso rebentou por si mesmo. E ha casos de pessoas engasgadas com uma espinha, em que as cócegas, provocando um frouxo de riso, são mais efficazes do que o emprego das sondas e das pinças esophagianas... Abençoado seja o riso, que até faz concorrência aos cirurgiões!

Já um pedagogista inglez, citado por Sully, lembrou a necessidade da criação de «Escolas de Riso», para as crianças. Parece uma fantasia de... inglez. Mas é uma idéa, e uma idéa em que não vejo extravagancia, porque revela o intuito de desenvolver nas crianças uma disposição natural que vae desaparecendo.

O riso é tão natural, que ninguem o ensina ás crianças. O recém-nascido começa a sorrir logo no primeiro mez de vida. Ha neste auditorio com certeza muitas mães: eu bem sinto a sua presença, por uma especie de atmospheria moral de sympathia e de carinho, que me está cccando, desde que comecci a

fallar de crianças... Que essas mães lembrem a anciedade, a soffreguidão, o inquieto e delicioso sobresalto, com que, ajoelhadas junto do berço do fillinho recém-nascido, como junto de um altar, esperaram e espiaram nos seus labios pequeninos o alvorecer do primeiro riso. Não é ainda propriamente um riso, nem um sorriso: é um germen de sorriso... Dias depois, o movimento dos labios accentua-se. No quinto mez, já a criança saúda com um sorriso intelligente as physionomias que começam a ser-lhe familiares; no fim do primeiro anno, já esse sorriso, por assim dizer, *raciocina*: approva, reprova, concorda, contradiz, aceita, recusa; ao mesmo tempo, completa-se, transforma-se, em certos momentos, numa risada franca; e, d'ali por diante, toda a infancia é um largo riso insubordinado, que zomba da estúpida imposição do não riam!» Na adolescencia, o sorriso e o riso são de amor e de triumpho: no sorriso do adolescente, ha supplicas, anceios, delirios; no seu riso, -riso da alegria de viver e da satisfação de amar, - ha clangores de clarins, e gritos de victoria. Agora, eis ali chega a virilidade, com as suas «conveniencias» e com a sua hypocrisia: já não ha risos nos labios d'essa creatura, ao desabrochar de cujo primeiro sorriso assistimos: ha sorrisos, sim, mas nem sempre de alegria ou de amor, antes de sarcasmo, de ironia, de despeito... Chega, porém, a velhice; e, na velhice, reaparece o mesmo innocente riso da infancia. Ainda ha pouco tempo, visitando o Asylo da Velhice Desamparada, observei, com enternecida curiosidade, o constante sorrir dos pobres velhinhos e das velhinhas meigas, que se abrigam naquella casa de infinita misericordia. Aquecendo-se ao sol, como embalados num sonho doce, todos elles e todas ellas sorriam, com um sorriso de anjos... E' que com o mesmo divino sorriso, ingenuo e puro, saúda

a vida a criança, e d'ella se despede o ancião !

O riso é natural. Os selvagens riem, e riem talvez melhor do que nós. Um viajante inglez, Bates, diz que «os indios do Brasil são fleugmaticos, apathicos e não sabem rir.» Provavelmente, esse inglez só estudou os nossos indios... da rua do Ouvidor. Ao contrario d'essa opinião de Bates, todos os viajantes affirmam que todos os selvagens riem, como as crianças, com uma exuberante facilidade. O primeiro europeu, que viu e tratou os nossos indios, foi Pero Vaz de Caminha, o chronista da expedição de Cabral ; e eis o que se lê, na sua famosa carta dirigida a El-Rey Dom Manoel: «Passou-se então além do rio Diogo Diniz, almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita, e metteu-se com elles a dançar, tomando-os pelas mãos, e *elles folgavam, e riam*, e andavam com elle mui bem ao som da gaita. Depois d'elles dançarem, fez Diogo alli, andando no chão, muitas voltas ligeiras e um salto real, do que elles se espantaram, e *riam, e folgaram muito...*» Toda a carta de Caminha está cheia de referencias, como essa, ao riso dos selvagens do Brasil. Um viajante allemão, naturalista illustre, Carlos Den Steinen, que longamente visitou o Xingú, conta no livro «*Entre os selvagens do Brasil Central*» varios episodios da sua viagem. Um d'esses episodios é caracteristico. Den Steinen entrou certo dia numa cabana, que abrigava tres ou quatro familias. As mulheres trabalhavam, reunidas, preparando, em grandes pótes de barro, uma bebida fermentada: e «enquanto trabalhavam (diz o viajante) cochichavam e riam muito, trocando segredinhos e risadinhas em voz baixa. *tapando a bocca com a mão espálmada...*» Lendo esse tre-

cho do naturalista allemão, não pude deixar de reconhecer quão pouco differem, na essencia, a vida selvagem e a vida civilisada... Esse quadro, nas suas linhas geraes, é igual aos que contemplamos de ordinario, não em pobres ócas do Xingú, mas nas salas, onde pompeia a vida civilisada, quando as senhoras, em grupo, tagarellam e riem, *com o leque aberto sobre a bocca...* Coitadas! as nossas barbaras avós da dade selvagem não usavam leque: contentavam-se com a mão espalmada.

Os selvagens sabem rir. E riem, principalmente, sabeis do que? riem do que o homem civilisado sabe fazer e que elles não comprehendem, e riem quando veem que o homem civilisado não sabe fazer o que elles fazem. Como vedes, continuamos a descobrir muitas semelhanças entre civilisados e selvagens... Tambem nós habitualmente rimos do que não comprehendemos, e rimos da ignorancia dos outros. Outra semelhança: um missionario inglez, Mac Donald, que viveu muito tempo entre os pretos barbaros e antropophagos da Africa, diz que tudo d'elles se póde obter, quando se lhes provóca o riso: «para esses homens rudes e brutos, uma boa pilheria vale mais do que dez argumentos...»; — nós não somos selvagens, e tambem assim nos deixamos levar pelo riso: e é por isso que os francezes dizem que sempre acaba tendo razão quem sabe *mettre les rieurs de son coté*.

Quereis estudar commigo, rapidamente, as causas do riso? Libertemo-nos, porém, quanto antes, do estudo de um certo riso que não é riso, de um riso que faz chorar...

Não me refiro ao riso fingido dos infelizes, esse riso forçado com que muitos desgraçados corajosamente disfarçam o seu «Mal Secreto», tão admiravelmente descripto pelo

admiravel Raymundo Correia, num soneto  
que é sempre uma delicia recitar e ouvir:

«Se a colera que espuma, a dor que mora  
Na alma, e destroe toda illusão que nasce,  
Tudo o que punge, tudo o que devora  
O coração, no rosto se estampasse:

Se se pudesse o espirito que chora  
Ver atravez da mascara da face,  
—Quanta gente talvez, que inveja agora  
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente talvez, que ri, consigo  
Guarda um ermel, recondito inimigo,  
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente talvez, que ri, existe,  
Cuja ventura unica consiste  
Em parecer aos outros venturosa!...»

Não! refiro-me ao riso morbido, absurdamente provocado pelo soffrimento physico ou moral, e por certas enfermidades, das mais tristes que affligem a especie humana. Todos vós sabeis quanto o riso hysterico apunhala e retalha, ás vezes, o coração de quem o ouve. Sabeis tambem que, muitas vezes, a dor subita, o espanto, a magoa fulminante fazem rir; haverá aqui quem já tenha assistido a esta scena inolvidavel: uma pessoa, ao receber a noticia da morte de um ente querido, fica um instante callada, tonta, bestificada pela commoção, e de repente rompe a rir,—não porque haja enlouquecido, mas porque o inesperado da nova provocou uma explosão nervosa, que absurdamente rebentou em risadas em vez de rebentar em pranto... Ha pessoas (de certo um pouco desequilibradas, mas não sei bem se haverá neste mundo quem seja rigorosamente e perfeitamente equilibrado...) que não podem assistir a uma cerimonia severa ou triste, a uma missa, a uma sessão solemne, a um en-

terro, sem sentir uma terrível e escandalosa vontade de rir. De rir porque? por escarneo, por irreverencia, por amor do escandalo? não! o riso, ali, é um effeito extravagante e irreprimivel da commoção. Ha casos em que a mesma dor physica provoca o riso. O cirurgião francez Lange cita o caso de um homem, que soffria de ulcerações na lingua, e que, quando era medicado com a applicação de um caustico fortissimo, dava uma gargalhada, justamente no instante em que a dor da cauterisação attingia o seu auge. E que dizer do riso dos tetanicos, do *hemispasmo* facial dos hystero-epilepticos, do *hypertonus buccal* dos hemiplegicos, — e d'esse outro riso, horrivelmente triste, dos loucos, dos cretinos, dos idiotas?... Eu poderia dedicar alguns minutos a tal assumpto: mas esses minutos, como incommodo moral e tristeza, valeriam seculos para quem me ouvisse...

Vejamos, de preferencia, as causas do riso normal, do riso sadio.

Ha, desde já, a considerar os agentes physicos do riso. Citemos apenas um: as cócegas. Haverá quem nunca «tenha sentido cócegas», — como diz o povo? Duvido... Tão forte e irreprimivel é o riso provocado pelas cócegas, — que essa sensação, quando prolongada, pôde matar, por suffocação. Na China, — paiz classico e tradicional dos supplicios e das torturas, (se pôdem merecer fé os viajantes, sobre os quaes sempre ha-de pesar a pecha de mentirosos, justificada pelas escandalosas patranhas de Fernão Mendes Pinto) ha algozes que excellen nessa especialidade de matar por meio de cócegas. Extranha e sinistra morte essa, provocada pelo excesso do riso!

Vamos, porém, aos agentes moraes, que são innumerados e variadissimos, — aos agentes que, se me permittis a expressão, nos fazem cócegas... na alma.

*A imitação.* Nada é mais contagioso do que o riso. Todos nós rimos, muitas vezes, sem saber porque rimos, unicamente porque vemos rir. Ainda ha poucos dias, pude observar em mim esse singular e irresistivel influxo do instincto da imitação. Sahira de casa, nem alegre nem triste, sem pensamentos que me pudessem alegrar, e sem recordações que me pudessem entristecer, num estado moral de quasi completa indifferença. No bonde, que me transportava á cidade, entraram dois sujeitos que conversavam animadamente, com hilaridade esfusiante, numa lingua, que me pareceu russa ou polaca. Eu, naturalmente, não percebia uma só palavra do que diziam os meus visinhos. Mas devia ser cousa de incomparavel chiste, de suprema graça, — porque ambos riam exhuberantemente, violentamente, escandalosamente. Eu, sem saber porque, comeci a rir sósinho... Uma senhora, madura e anafada, que vinha em outro banco, olhou-me a principio com espanto, e d'ahi a tres segundos desatou tambem a rir. E, d'ahi a pouco, riam todos os passageiros do bonde, ria o cocheiro, ria o recebedor. Só não riam os burros! — porque, decididamente, parece que, em toda a Creação, o burro é a unica creatura que é incapaz de rir...

*A novidade.* E' um dos principaes agentes do riso. O que é novo, estranho, surprehendente, quasi sempre faz rir. E, quando a *novidade* se allia á *extravagancia*, o riso é inevitavel. Muitas vezes, é bom notar, o riso, nesses casos, só apparece depois do medo: a surpresa manifesta-se primeiro pelo susto, depois pela hilaridade. O selvagem ri do vestuario, da côr, das maneiras e da linguagem do homem civilisado; mas ri depois de se ter familiarisado com esses aspectos do individuo a quem pela primeira vez observa: o seu primeiro movimento é de medo ou de



hostilidade. E' o que se dá tambem com a criança, que encontra pela primeira vez um mascarado: antes de perceber o que ha de comico, de risivel, na expressão da mascara, a criança recúa, tremendo e chorando, ante essa novidade que chóca o seu espirito. Ha casos, porém, em que a novidade e a extravagancia provocam incontinenti o riso. A's vezes, quando, pela rua do Ouvidor, passam grupos d'esses angulosos inglezes e d'essas esgalgadas inglezas, que, ostentando roupas de xadrez, capacetes de lona, solidos pés immensos, e immensas dentuças, desembarcam dos paquetes em transito para visitar a cidade,—os garotos formam cauda em pós dos touristes, rindo á farta; quasi sempre, a gente séria protesta contra essa jovialidade dos «moleques», por considerar que tal irreverencia depõe contra a nossa civilisação; tolice! em qualquer das mais civilisadas cidades do planeta, o povo sempre manifesta essa hilaridade diante dos typos extravagantes que observa... Tudo quanto contraria as ideias aceitas, estabelecidas, provoca o riso. Tudo quanto é social é convencional; tudo quanto se oppõe ás convenções parece immoral ou ridiculo. Ninguem riria de um côxo, se todos os homens fossem côxos; ninguem riria de um homem, que sáe de casa bem vestido, mas sem gravata, se não fosse geral o uso da gravata. Vós todas, minhas senhoras, rides sempre da senhora que usa mangas «de presunto» quando a Moda ordena que se usem mangas apertadas,—e vice-versa: e uma estrondosa explosão de risadas acolheria hoje, nas salas, qualquer senhora, que ousasse ostentar os enfundados *balões* e as altissimas *trunfas* que tão magestosamente ostentavam, na sua *toilette* de gala, as nossas avós.

*As deformidades physicas...* Ninguem tem culpa de ser corcunda, ou côxo, ou gago. Mas

o riso provocado pelo espectáculo da miseria physica é irreprimivel, ás vezes. A's vezes, e não sempre. O homem que risse conscientemente da fealdade de um mutilado na guerra ou num qualquer acto de nobre dedicação, sería um monstro...

Este elemento do «risivel» já apparece bem indicado na *Illiada*, logo no primeiro canto do maravilhoso poema. Vulcano, querendo substituir Hebe e Ganymedes mette-se a escanção, e vae servir a ambrosia aos deuses; mas é tão comico o aspecto do deus côxo, que «todo o Olympo estremece ao reboar de um riso inextinguivel». Bem merece perdão a maldade dos homens que riem dos côxos, pois que tambem os deuses teem essa maldade!... Uma das creações mais comicas da litteratura universal é Falstaff, o bebedo, o bufão, o devasso. Shakespeare amava tanto essa criação do seu genio, que a fez apparecer em 3 peças. Falstaff não nos faz rir apenas pelos seus paradoxos, pelas suas bravatas, pelos seus repentes de graça, mas tambem, e principalmente, pelo seu aspecto physico. Seria facil formar um «Diccionario da Injuria só com os epithetos que, em *Henrique IV*, e n'*As alegres mulheres de Windsor*, são applicados á gordura formidavel de Falstaff: sacco de toucinho, ôdre de iniquidades, salchicha ambulante, etc. Cervantes, tambem, para tornar risiveis os typos de D. Quichote e de Sancho Pansa, não se esqueceu de lhes accentuar o comico do aspecto physico.

A deformidade é por tal fórma risivel que, em geral, os mesmos entes disformes, ou monstruosos, riem uns dos outros: não foi sem razão que o povo criou o admiravel proloquio: «ri-se o roto do esfarrapado...»

Não é possivel tratar do riso provocado pela monstruosidade physica, sem evocar a fi-

gura, a um tempo comica e tragica, sublime e ridicula, de Gwynplaine, o «Homem que ri», de Victor Hugo. Conheceis o romance... Um menino, filho de lord, e destinado a ser um dia lord, é roubado por *compra-chicos*, que lhe mutilam horrendamente a face,—de modo tal, que o infeliz parece estar sempre rindo, ainda quando soffre e chóra. Passam os annos. O menino faz-se homem, volta a Londres, é reconhecido como herdeiro de Lord Chaincharle, e chamado a tomar assento na Camara Alta. A scena é tremenda de commoção, de grandeza e belleza tragica,—e é pena que não possamos recordal-a toda: «En ce moment, Gwynplaine, pris d'une émotion poignante, sentit lui monter à la gorge les sanglots. Ce qui fit, chose sinistre, qu'il éclata de rire. La contagion fut immédiate. Il y avait sur l'assemblée un nuage; il pouvait crever en épouvante; il creva en joie. Le rire, cette démence épanouie, prit toute la chambre. Les cénacles d'hommes souverains ne demandent pas mieux que de bouffonner. Ils se vengent ainsi de leur sérieux. Etre comique au dehors, et tragique au dedans, pas de souffrance plus humiliante, pas de colère plus profonde. Gwynplaine avait cela en lui. Ses paroles voulaient agir dans un sens, son visage agissait dans l'autre; situation affreuse. Gwynplaine, pâle, avait croisé les bras; et, entouré de toutes ces figures, jeunes et vieilles, où rayonnait la grande jubilation homérique, dans ce tourbillon de battements de mains, de trépignements et de hurras, dans cette frénésie bouffonne dont il était le centre, dans ce splendide épanchement d'hilarité, au milieu de cette gaieté énorme, il avait en lui le sépulcre. C'était fini. Il ne pouvait plus maîtriser ni sa face qui le trahissait, ni son auditoire qui l'insultait. Jamais l'éternelle loi fatale, le grotesque cramponné au sublime, le rire répercutant le

rugissement, la parodie en croupe du désespoir, le contre-sens entre ce qu'on semble et ce qu'on est, n'avait éclaté avec plus d'horreur. Jamais lueur plus sinistre n'avait éclairé la profonde nuit humaine. Gwynplaine assistait à l'effraction définitive de sa destinée par un éclat de rire...»

Nunca se imaginou, supponho eu, mais commovedora situação : no estylo ardente de Victor Hugo, Gwynplaine é o monstro desgraçado e symbolico, em cuja pessoa se resumem, e choram, e sangram, todas as monstruosidades e todas as desgraças humanas...

E a deformidade moral tambem não fará rir ? Faz. Nada é mais ridiculo do que a petulancia, o orgulho exagerado, a prosapia, a mentira. Nestes casos, o riso — quer o popular, quer o litterario — é um instrumento da vingança social. Haverá nada mais comico do que a presumpção de um sujeito que é ou supõe ser fidalgo de nascimento, e que, sómente por isso, se considéra superior aos outros homens ? Riem todos d'esse pretencioso, e satyrisam-n'o os poetas, como João de Deus satyrisou aquelle famoso *Gaspar*:

“Ora, se não sei eu quem foi teu pae !  
Fidalgo : sei perfeitamente bem...  
O que eu não sei, Gaspar, é o que vem  
Nesta vida fazer quem já lá vae.

Já se vê que é aos paes que a gente sáe ;  
Tal pae, tal filho ! Sim ! duvida alguém  
Que um pae, se é, como o teu, homem de bem,  
Tu és homem de bem como teu pae ?

D'isto não ha quem possa duvidar...  
Mas queres um conselho que te dou ?  
Não mecltas nisso ! calla-te, Gaspar !

Que eu cá, por mim, bem sabes como sou...  
Mas é que outro talvez mande tirar  
Certidão de baptismo ao teu avô !”

Não esqueçamos, porém, dois elementos preciosos do risível: os *accidentes* e os *disparates*.

Não ha de certo, aqui, quem não tenha rido, ao menos uma vez, assistindo a uma quéda desastrada. Todos nós, passado o frouxo de riso, corremos a socorrer quem cahiu: mas o espectáculo da quéda é sempre comico. Cahir é sempre ridiculo: o povo, quando quer dizer que uma pessoa andou mal em qualquer situação da vida, sempre diz: «*cahiu na tolice de fazer isto, cahiu na asneira de fazer aquillo...* Mas os accidentes não são, apenas, physicos: tambem podem ser «*n oraes*».» D'estes, ha um, frequentissimo, de que eu mesmo poderia ser victima, neste momento: o «ataque de estupidez.» Imaginae que se estabelecesse agora uma completa confusão nas minhas idéas, ou se baralliassem todas as notas que tenho sobre a mesa, e, em qualquer caso, que eu aqui ficasse, tonto e perdido, sem saber como acabar esta conferencia. De certo, terieis pena de mim, da minha vergonha, do meu *fiasco*; mas, antes d'esse movimento de compaixão, terieis um movimento de alegria: por mais compassivos que sejamos, por menos maldosos, sempre os desastres alheios nos causam um certo prazer... e foi naturalmente por isso que certo philospho pessimista um dia escreveu que «a melhor das creaturas humanas só é verdadeiramente boa... para o fogo!»

O *disparate*, tão explorado nas comedias, nas farças, nas palhaçadas de circo, não consiste apenas em desencontros de palavras e de idéas: consiste, algumas vezes, em uma singular mistura do tragico e do comico, do elevado e do rasteiro, do sublime e do vulgar. Justamente, é essa a base do que chamamos, em critica litteraria, o genero heroe-comico, — a *Batrachiomachia*, o *Lutrin* de Boi-

leau, etc. E esses disparates não existem apenas nos poemas satyricos ou nas farças. Existem, tambem, frequentemente, na vida real. Deveis conhecer a anedocta famosa do gago, que, para fallar de modo intelligivel, era obrigado a fallar cantando. Certa vez, o infeliz teve de dar a um amigo uma triste noticia: a morte do pae d'esse amigo. E, como não podia fallar senão cantando, e como, no momento, na atarantação em que estava, só se lembrou de uma toada bregeira,—foi com a musica da *Maria Caxuxa* que o gago annunciou ao orphão a nova fatal: «seu pae morreu!»

*O riso na Arte...* Está claro que só poderia, no limite d'esta hora que está quasi acabando, tratar, e ainda assim de modo rapido, do riso litterario,—deixando de parte os grandes humoristas da pintura e os caricaturistas. Verdade é que a satyra, a comedia, a farça, o poema heroe-comico tambem são caricaturas... escriptas.

Antigamente, o riso collectivo, como o riso individual, era amplo, franco, desabusado: e o riso litterario tinha esse mesmo distinctivo de expansiva franqueza. Se eu quizesse aqui fazer a historia da comedia e da satyra, teria de fazer a historia de toda a litteratura, ou, melhor, de toda a humanidade. Todas as Idades reconheceram a necessidade e a utilidade do riso, e amaram a litteratura comica. A Idade antiga e a média tiveram os seus bufões, as suas machinas-humanas de provocar o riso, de que ainda hoje existem alguns exemplares, muito modificados pela cultura: os individuos a quem se dá vulgarmente o nome de *bôbos de salão*.

O riso litterario moderno não é franco e innocente: é philosophico e perverso. A' medida que se foi apurando a civilisação,—o que

vale dizer : á medida que se foram apurando a pratica da hypocrisia e a «religião das conveniencias»,—o riso expontaneo e ruidoso foi desaparecendo da litteratura, como foi desaparecendo da vida.

E appareceu então na litteratura um riso especial,—que é o *humour*. Que é o *humour*? E' o riso individual do homem superior. O humorista pertence a uma classe especial de homens. Não é um maldizente. E' um homem superior ao seu meio, um homem moralmente isolado do commum dos homens, um espirito arguto, que observa, analysa, apanha em flagrante os defeitos, os vicios, os ridiculos, os aspectos risiveis da vida. O riso do humorista não é como o do selvagem ou como o da criança, nem como o do homem adulto vulgar, nem como o da multidão. E' um riso de formação lenta, reflectido, carregado ao mesmo tempo de bom senso e de protesto, e ao mesmo tempo cheio de imaginação, de sentimento, de razão, e de philosophia.

E' notae bem: o verdadeiro humorista rarrissimas vezes é um homem alegre. O riso expontaneo é sempre alegre : o riso reflectido é triste. Cervantes, o creador de *Don Quichote* nunca foi um homem jovial. Shakespeare, o creador de *Falstaff*, era um melancolico. Rabelais, o creador de *Gargantua, Pantagruel e Panurgio*, era, como escreveu Sainte-Beuve, um grave doutor, um austero lente, que, nas suas lições da Faculdade de Lyão, symbolisava bem «a severa magestade da Sciencia». Esse mesmo Sainte-Beuve diz que Molière, o creador de *Sganarello*, de *Mr. de Pourceaugnac*, de *Scapin*, de *Mr. Jourdain*, de *Mascarille*, era um triste. Montaigne era um misanthropo, Sterne era um abatido, Swift era um desesperado...

No riso dos humoristas, ha tanto de revolta quanto de piedade.

Alguns d'elles atacam e satyrisam, de preferencia, os defeitos e as desgraças que são os seus proprios defeitos e as suas proprias desgraças. Uma das desventuras humanas que o grande Molière mais frequentemente pôz em scena foi a dos maridos... como direi?... condescendentes. Pois bem! Molière era um d'esses maridos. E não sei se, quando elle assim satyrisava os seus companheiros de infortunio conjugal, não era o seu proprio ridiculo que lhe estava doendo e sangrando na alma...

Quando não ha revolta no riso dos humoristas, ha piedade. Parece, a principio, que Shakespeare não tem dó de Falstaff, quando o mostra rebaixado nos mais torpes vicios, e que Cervantes não tem piedade de D. Quichote, quando d'elle faz um «armazem e deposito de pancadas.» Mas não! a piedade de Shakespeare e de Cervantes não é o que vulgarmente chamamos *dó* ou *pena*; Shakspeare e Cervantes não têm dó ou pena de um homem, de um typo, ficticio ou real; a sua piedade é mais vasta: o que elles sentem é dó da Humanidade, que é capaz de ter no seu seio um patife repulsivo como Falstaff, ou um louco desgraçado como D. Quichote...

Esse riso litterario, esse humour, em que ha sempre muito mais de tristeza do que de alegria, é o riso cujo desenvolvimento e cuja eternidade devemos desejar? Não, de certo. Não sou humorista, — não gosto de estudar os defeitos alheios, porque não gosto de pensar nos meus proprios defeitos. Amo apaixonadamente a vida, e julgo que ella seria mais bella, mais agradavel, mais feliz, se não tivessemos quasi de todo perdido a faculdade de rir, de rir á larga, como riem as crianças.

O riso litterario, ao mesmo tempo bom e máu, piedoso e ironico, será sempre mais



ou menos o que é hoje: porque todo o producto do pensamento humano ha-de sempre ser triste. Nós, porém, não viemos ao mundo apenas para pensar: viemos tambem para aunar e gozar. Se sómente fossem tristes os que apenas vivem para pensar, o mal não seria grande. Mas todos são tristes, todos! e ninguem sabe francamente rir, ninguem! nesta civilização aborrecida...

Porque? porque foi que desapareceu o Riso da face da terra?

Pela victoria da hypocrisia, já o sabemos. Mas os homens não inventaram a hypocrisia pelo simples prazer de a inventar. Ella exprime qualquer cousa: exprime a consciencia, que todos temos, de ser a Vida mal feita e mal organizada, carregada de crimes e de injustiças: por isso, talvez, fomos instinctivamente suffocando e matando a nossa disposição natural para o riso, porque fomos julgando que seria monstruoso e absurdo rir, no meio de tantos crimes e de tantas injustiças.

A vida, porém, será sempre assim? Os homens serão sempre os mesmos?

Não! Quero fechar esta conferencia com a affirmação da minha crença irreductivel num futuro melhor. Sou um utopista? A utopia é apenas a antemanliã de uma realidade, o berço em que dorme uma certeza. Nós não podemos operar de chôfre o milagre da resurreição do Riso alegre, franco e innocente. Mas podemos e devemos desejar que elle resurja, no dia em que a Vida fôr melhor, e em que melhores fôrem os homens. Esse dia ainda está longe; a humanidade, porém, está caminhando para elle, como os hebreus caminhavam para a Terra da Promissão. Assim como foram desaparecendo da face da terra os escravos, tambem irão desaparecendo os pobres e os espesinhados. Por que motivo o pão, a

felicidade e a justiça não hão-de ser para todos, como para todos são o ar e a luz?

E, ah! que não possámos nós, minhas senhoras e meus senhores, voltar a este mundo, nesse tempo de ouro, — quando elle fôz deliciosamente habitavel, pela bondade de todos os seus habitantes, e pelo riso luminoso de todos os seres!





ESPERANÇA



# ESPERANÇA

(Salão Steinway, em S. Paulo. 26 de Outubro  
de 1905)

Fagundes Varella, quando quiz dar á heroína de um dos seus poemas um nome, que resumisse toda a doçura e toda a bondade, escolheu este, — *Esperança* :

Eram seus cabellos noite :  
Os seus olhos eram luz,  
Como o céu e o mar profundos,  
Como o mar e o céu azues:

E chamava se Esperança...  
Que santo nome, meu Deus!  
Nome que falla da terra,  
Porém que nos lembra os céos...

Não são primorosos os versos; mas a ideia é linda. E não se poderia encontrar melhor epigraphe para esta conferencia.

Ainda que eu quizesse aborrecer-vos aqui, minhas senhoras e meus senhores, com interminas tiradas sobre a psychologia da Esperança, não me seria facil realisar esse proposito. E o motivo é este: não ha muito onde colher erudição sobre o assumpto. Sobre a Imaginação, sobre os Sonhos, sobre o Riso, sobre a Tristeza, sobre o Medo, ha milhares de estudos, de ensaios, de monographias de physio-psychologia; sobre a Esperança, nada,

ou quasi nada. Porque? Porque, em geral, os livros escriptos sobre emoções e sentimentos humanos nunca são verdadeiramente estudos de psychologia: são, mais propriamente, estudos de pathologia moral. O que mais interessa os homens de sciencia no estudo d'essas emoções e d'esses sentimentos, são os seus desvios, as suas anormalidades. Ora a Esperança não tem anormalidades nem desvios. A Imaginação, os Sonhos, o Riso, o Medo, a Tristeza, sim: podem ser symptomas de um estado morbido, e podem enlouquecer ou matar. A Tristeza pode ser uma lypemania; o Riso pode ser um signal de cretinismo ou demencia; os Sonhos, em estado de somno, podem ser devidos á causa prosaica de uma congestão, ou á causa ainda mais prosaica de uma indigestão, assim como, em estado de vigilia, podem confundir-se com os delirios e com as phobias; quanto á Imaginação, sabeis que, quando exagerada, tem levado muita gente ao Hospicio; e, quanto ao Medo, sabeis tambem que já muita gente tem morrido litteralmente de medo... E a Esperança? que me conste, nunca ninguem morreu, ou sequer enfermou de esperança...

A Esperança, no sentido que a palavra vae ter nesta rapida e despretenciosa palestra, é sempre normal. O que é desvio, o que é anormalidade, o que é doença, é justamente o contrario da Esperança: é o Desespero. E ahi está um thema, que tambem serviria para uma conferencia interessante... Sómente, seria uma conferencia para ser feita não aqui, nesta sala em que ha tanta gente cheia de vida, de saude physica e moral, de alegria e... de esperança, — mas para ser feita num manicomio, numa penitenciaria, ou... num deserto.

Que é a Esperança? No cathecismo, é uma das tres virtudes theologaes... Mas, socegae: esta conferencia não será uma lição de cathe-

cismo: eu não poderia ter a pretensão de ensinar o *Padre-Nosso*, ou qualquer outra parte do cathecismo, já não digo a um vigário qualquer, mas a São Paulo, que é um dos maiores Apostolos... Em Religião, todos o sabeis, a Esperança é a virtude que promete aos homens a graça durante a vida, e o céu depois da morte; e duas linhas de Santo Agostinho, nas suas *Confissões*, dizem mais do que tudo quanto, a este respeito, eu soubesse ou pudesse dizer: « nós somos, aqui em baixo, os filhos da noite e das trévas; é a Esperança quem nos salva: seremos, lá em cima, os filhos do dia e da luz.»

Num sentido mais geral, porém, que é a Esperança?

Ha esperar, e esperar: esse verbo é um só, para exprimir duas acções, que se não confundem. Mas derivam-se d'elle dois substantivos differentes, cada um dos quaes tem o seu sentido preciso e inconfundível. Esperança não é espera: não é qualquer expectativa, anciosa ou fria, apaixonada ou indifferente... Assim, o condemnado á morte, na sua cella, durante a noite de insomnia e terror que precede a funesta alvorada, ou ainda no momento em que ouve os passos do carrasco que o vem buscar, — está *á espera* da morte; mas não é essa a sua *esperança*; a sua esperança é a graça que o venha salvar, é o perdão que o venha á ultima hora libertar, é um cataclysmo qualquer, que, subvertendo a ordem natural das cousas, venha impedir, ou pelo menos adiar o supplicio, — é enfim, a esperança da vida.

Tambem, nem todo o desejo é uma esperança, assim como não é uma esperança toda a ambição.

Em primeiro logar, o que caracteriza essencialmente a Esperança é o seu intuito bom e generoso. A ambição pode ser injusta, como



o desejo pode ser malevolo ou criminoso. Mas a Esperança é sempre boa. Achareis talvez que ha nisto um paralogismo, uma subtiliza cavillosa. Não ha tal. As palavras têm uma vida propria, uma significação moral, que não depende ás vezes da morphologia grammatical. E' o povo quem fixa, inconscientemente, essa significação. Tendes ouvido, muitas vezes, de certo, as pragas e as maldições em que explóde a ira popular; muitas vezes tereis ouvido a um homem do povo: «*tomára* que quebres uma perna ou que te cáia a casa em cima!» Mas nunca: «*a minha esperança* é que quebres uma perna, etc...» Esperança é o desejo ardente do bem proprio ou do bem commum, da felicidade propria ou da felicidade da communhão. Outra consideração: a Esperança é irmã gêmea da Fé. Esperança é a fé no futuro: é a confiança no bem que se ambiciona. Esperar não é só desejar: é confiar. Já Platão dizia: «para alcançar qualquer cousa, é mister esperal-a com toda a alma. De facto, a Verdade, a Felicidade, a Fortuna, todas as riquezas materiaes e moraes, que ha na vida, não se offerecem voluntariamente a quem as não procura: é preciso ir ao seu encontro, anciosamente e confiantemente, *esperando-as*.

A Esperança é natural e normal. Existe em todas as almas. Está em todos os corações, não como visita rapida, ou hospede de acaso, —mas como moradora definitivamente installada. Ella é o unico bem real da vida, é o unico que está ao alcance de todos, o unico duradouro e solido. Alexandre tinha apenas 22 annos, quando se dispoz a invadir a Asia. Para conquistar todo o mundo antigo, o joven heróe dispunha apenas de um exercito de trinta mil infantes e cinco mil cavalleiros; na primavera do anno 33, antes de se aventurar á grande campanha, reuniu todos os seus gene-

raes, todos os seus parentes, todos os seus amigos, e repartiu entre elles todo o seu ouro e todas as suas propriedades. «E tu? com que ficas?» — perguntou-lhe Perdiccas. «Fico com a Esperança!» — respondeu Alexandre. E era elle, de certo, quem mais bem aquinhoado ficava...

A Esperança é o unico bem real da vida...

Não é isso o que diz a litteratura, bem o sei. Mas a litteratura, principalmente a moderna, é pessimista. Se a humanidade acreditasse piamente no que dizem os poetas, se os homens se deixassem eégamente guiar pelo que diz a litteratura, já todos elles teriam corrido loucamente ao suicidio, aceitando o conselho de Schöpenhauer, que não era poeta, mas era e ainda é, na igreja das Desolações, o padroeiro de todos os pessimistas.

Para os mais antigos poetas da Grecia, para os fundadores da mythologia grega, já a Esperança era um mal.

Todos conheceis a lenda de Pandora... Era uma estatua fundida e animada por Vulcano. Era perfeita, porque cada um dos deuses lhe déra uma qualidade boa, uma virtude. Déra-lhe Mercurio a eloquencia, Pallas a sabedoria, Venus a belleza. Quando Jupiter se quiz vingiar dos homens, mandou á terra Pandora, portadora de uma boceta, na qual todos os males estavam encerrados. Pandora offerceu essa boceta a Prometheu; Prometheu, que era o Genio Humano, não a aceitou, porque era de facto um presente... grego. Mas Prometheu, pae de todos os homens engenhosos e prudentes, tinha um irmão, Epimetheu, pae de todos os homens imprudentes e estupidos. Epimetheu deu então a melhor prova, que poderia dar, da sua imprudencia e da sua estupidéz: aceitou a boceta, que Prometheu recusára, abriu-a, e—imprudencia maior e maior estupidéz! — acabou casando com Pandora...

Sabeis o que aeonteceu, quando se abriu a mysteriosa boceta: sahiram d'ella todos os males, e espalharam-se pela terra. Mas a Esperança (diz a lenda) foi o unico mal que se deixou ficar no fundo da caixinha fatal...

Essa lenda parece apenas significar que a Esperança não foi dada aos mortaes. Mas não o entendeu assim o nosso poeta Alberto de Oliveira, que, em um lindo soneto, aggravou a significação pessimista da lenda:

“Baixando á terra, o cofre, em que guardados  
Vinham os males, indiscreta abria  
Pandora. E eis delles, já desencadeiados  
A' luz, o negro bando apparecia.

O Odio, a Inveja, a Vingança, a Hypocrisia,  
Todos os Vicios, todos os Peccados  
D'alli voaram. E desde aquelle dia  
Os homens se fizeram desgraçados.

Mas a Esperança, do maldito cofre  
Deixara se ficar presa no fundo,  
Que é ultima a ficar na angustia humana...

Porque não voou tambem? Para quem soffre.  
Ella é o peor dos males que ha no mundo,  
Pois dentre os males é o que mais engana...”

Assim, para este poeta, a Esperança sempre engana... Não! ella nem sempre engana: e d'aquí a pouco veremos que, até certo ponto, podemos dizer que jámais engana. E que enganasse! o engano confunde-se, ás vezes, com a felicidade completa. Tinha razão aquelle caboclo, que, desconfiando da fidelidade da companheira, rezava todos os dias: «Minha Virgem Santa! se é verdade que este demonio me engana, permitti que eu seja enganado em todos os sentidos, e comece por me enganar a mim mesmo, não acreditando na verdade!»

Mas, em toda a antiga litteratura grega, é talvez a lenda de Pandora a unica em que a Esperança apparece como um mal, e ainda assim, como um mal misericordioso, que se deixa ficar no fundo da caixinha, em vez de, como os outros, sahir a espalliar amarguras pela terra. Para os gregos, a Esperança era uma deusa consoladora. Era irmã do Somno e da Morte. Do Somno, porque, como elle, interrompe e suspende o soffrimento; da Morte, porque, como ella, dá um termo a esse soffrimento. Os esculptores e os pintores davam-lhe uma physionomia serena e aberta, cheia a um tempo de enthusiasmo e de piedade; coroavam-na de flores ainda abotoadas, ou apenas entreabertas, como sonhos que vão desabrochar em realidades; e davam-lhe azas, talvez para indicar que ella sabe e pode fugir no momento em que pensamos aprêsal-a, ou talvez, mais propriamente, para mostrar que é ella quem nos arrebatada das miserias da terra, levando-nos consigo aos céos de fantasia que imaginamos; e, enfim, punham-lhe á mão direita, ora um lyrio, emblema da candura, ora uma flor de lotus, emblema da eterna illusão, ora uma estatueta da Victoria, para symbolisar o triumpho infallivel dos que sabem esperar, ora ainda uma colmeia, coroada de abelhas revoantes, para significar a Abundancia, premio seguro de quem não desespera...

Quando o christianismo transformou essa deusa numa virtude theological, a iconographia christan deu-lhe mais um attributo: a ancora. A ancora é o symbolo da tranquillidade e da firmeza, pelo papel que representa na navegação: é tambem o symbolo da Esperança, porque é com a Esperança que nós ancoramos no mar tempestuoso da vida.

Em todas as idades, sempre os homens consagraram á Esperança a côr verde, a mais bella das cores. O verde symbolisa os bens

que hão-de vir; é a côr que, nos campos, precede e annuncia as colheitas; é a côr com que a primavera nascente sorri ás regiões devastadas pelo inverno; é a côr que, no mar, assignala a visinhança da costa ao viajante desesperado. O verde é a mocidade, a frescura, a vida plena e pujante: é a côr da Esperança que nunca envelhece.

Os magos antigos e os occultistas da idade media attribuíam á esmeralda, pedra verde, a faculdade de dar vigor aos velhos, de favorecer os empreendimentos arriscados, e de facilitar a advinhação e o dom prophético. Hoje, não acreditamos que haja pedra, por mais verde, que seja capaz de restituir ao ancião decrepito a mocidade, de forçar o Destino a proteger aventuras impossíveis, ou de dar ao homem o poder de devassar o futuro. Mas a Esperança, que a esmeralda symbolisa, se não realisa tudo isso, dá aos homens illusões, que são creadoras de paraísos. Enganadora, embora, ella é sempre consoladora. Aristoteles definiu-a: «o sonho do homem acordado». Ha, porém, dictados populares, que a definem com mais propriedade: a Esperança é o pão quotidiano dos que passam fome, é a felicidade dos infelizes...

Se os poetas modernos injuriam e amaldiçoam a Esperança, é porque habitualmente — já o tereis notado — injuriam e amaldiçoam aquillo que mais amam. Injurias metrificadas, maldições rimadas, — não são injurias nem maldições. Em geral, é injuriando as damas que os poetas justamente mais as seduzem e captivam. Se um homem qualquer dissesse, em prosa vulgar e vil, a uma senhora: «tu és uma féra, um monstro!» — ella se deixaria tomar de medo ou de ira, e gritaria por socorro. Quando, porém, taes consas são ditas *em verso*, não ha dama que se não sinta por

ellas lisonjeada, — porque, nessa explosão de injurias rimadas, apenas vê uma prova de amor...

Não ha palavra, que, mais frequentemente do que a palavra «esperança», appareça em volumes de versos; só ha uma, talvez, que com ella, neste particular, possa competir: é a palavra «saudade». Sem *saudade* e sem *esperança*, não ha poesia no Brasil.. Mas, caso estranho, nos versos de quasi todos os nossos poetas, sempre a saudade é cantada com carinhão, ao passo que a esperança é cantada com amargura. E quasi todos os nossos poetas acabam sempre por dizer que a sua unica esperança... é a Morte!

Ouví Bernardo Guimarães:

«Esperança, que és tu? Ah! que a minha harpa  
Já não tem para ti sons lisongeiros!  
Sim! nestas cordas, já por ti malditas,  
Acaso tu não ouves  
As queixas abafadas, que sussurram,  
E em voz funerea soluçando vibram  
Um cantico de anathema?  
Chamem-te embora balsemo do afflicto,  
Anjo do céo, que nos alenta os passos,  
Na senda da existencia,  
— Nunca mais poderás, fada enganosa,  
Com teu canto embalar-me! Eu já não creio  
Nas tuas vans promessas:  
Não creio mais nessas visões donosas,  
Fantasticos paineis, com que sorrindo  
Matisas o futuro!  
Estereis flores, que um momento brilham,  
E caem murchas, sem deixarem fructo  
No tronco desornado...  
«Vem após mim — ao desditoso dizes: —  
Não esmoreças, vem! — é vasto e bello  
O campo do futuro; — lá florescem  
As mil delicias que sonhou tua alma,  
Lá te reserva o céo o doce asylo  
A cuja sombra abrigarás teus dias ..  
Porém — é cedo — espera!  
E eil-o que vae com os olhos enlevados  
Nas côres tão formosas  
Com que bordas ao longe os horizontes...

E, fascinado, o misero não sente  
Que mais e mais se embrenha  
Pela sombria noite do infortunio,  
E, se dos labios seus queixas exala,  
Se o fel do coração enfim transborda  
Em maldições, em gritos de agonia,  
— Em teu regaço, perfida sercia,  
Co' a voz embaúdora, inda o acalentas:  
« — Não esmoreças, não; — é cedo: espera! — »  
Lhe dizes tu sorrindo,  
E quando enfim no coração, quebrado  
De tanta decepção, soffrer tão longo,  
Nos vem roçar do desalento o sopro,  
Quando enfim no horizonte tenebroso  
A estrella derradeira em sombras morre,  
Esperança, teu ultimo lampejo,  
Qual relampago em noite tormentosa,  
Abre clarão sinistro, e mostra a campá  
Nas trevas alvejando... »

Ouví, agora, um poeta contemporaneo,  
Raymundo Correia:

Tu baterás da Gloria á porta que seintilla :  
E, em vez d'ella, ha-de vir o Vilipendio abril-a.  
— Sem uma estrella só, erratica, a tremer  
No céu negro, e de luz sequioso, irás bater  
A' porta do palacio onde a Razão fulgura :  
E a Razão não virá abrir, mas a Loucura...  
— A' porta baterás da Virtude; e ha-de vir,  
Com uma gazúia, o Crime a saera porta abrir !  
Do Olvido á porta irás bater... Mas sobre o Crime  
Não dormirás ! O atroz Remorso, que suprime  
O somno ao criminoso, ha-de a essa porta estar !  
— Desanimado já, depois de, sem cessar,  
A tanta porta, em vão, bateres d'esta sorte,  
Baterás á da Morte, enfim...

Bem haja a Morte,  
Que a não deixou de abrir jamais a nm coração  
Cançado de bater e de esperar em vão !... »

Oh! o desejo de morrer, e a esperança que  
estes poetas depositam na Morte!...

Aquelles, que mais frequentemente apellam  
para a Morte, são quasi sempre aquelles que  
mais amam a vida, e mais sabem gosá-la. E'

a fabula do lenhador, que chamava a Morte... A Morte appareceu: «Que me queres, amigo?» E elle, tremulo: «Oh! minha boa amiga! quero apenas que me ajudes a carregar este feixe de lenha!...» Se a um d'estes poetas desesperados, a Morte apparecesse, no momento em que elle estivesse a chamal-a, o poeta atiraria a lyra ao chão, e desataria a correr com todas as pernas que o medo lhe dêsse!

As maldições dos poetas, dirigidas á Esperança, não passam de palavras. Gonçalves Dias tambem se lastimou, em versos de ouro, de haver confiado demais em uns certos *Olhos Verdes*, da côr da Esperança:

São uns olhos verdes, verdes,  
Uns olhos de verde-mar,  
Quando o tempo vae bonança:  
Uns olhos côr de esperança,  
Uns olhos por que morri:  
Que ai de mi!  
Nem já sei qual fiquei sendo  
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,  
Ignaes na fôrma e na côr,  
Têm luz mais branda ou mais forte:  
Diz uma *vida*, outra *morte*,  
Uma *loucura*, outra *amor*.

São verdes da côr do prado,  
Exprimem qualquer paixão,  
Tão facilmente se inflammam,  
Tão meigamente derramam  
Fogo e luz no coração!

Como se lê num espelho,  
Pude ler nos olhos seus:  
Os olhos mostram a alma,  
Que as ondas, postas em calma,  
Tambem reflectem os céos...

Dizei vós, ó meus amigos,  
Se vos perguntam por mi,  
Que eu vivo só da lembrança  
De uns olhos côr da Esperança,  
De uns olhos verdes que vi...



Dizei vós: —Triste do bardo!  
Deixou-se de amor finir!  
Vi os olhos verdes, verdes,  
Uns olhos da côr do mar,  
Mas verdes sem esperança,  
Davam amor sem amar...  
Dizei o vós, meus amigos,  
Que, ai de mi!  
Não pertença mais á vida,  
Depois que os vi!

Mas o que demonstra que elle não perdêra a esperança nesses olhos, é que ainda procurava enternecer-os com tão chorosos versos... Quem sabe se os não enterneceu? Supponho que sim... Em todo o caso, não creiaes que tenha morrido por causa d'isso: atirou-se, sempre com esperança, e sempre amaldiçoando a Esperança, á conquista de outros olhos, igualmente verdes, ou azues, ou negros, ou garços, — e arranjou-se com elles...

Tambem é verdade que os poetas, se tanto se queixam da Esperança, é porque costumam pôr a sua esperança em muito pouco, em quasi nada, confiando-a a barcos muito frageis. Pôr toda a sua esperança, exclusivamente, no amor de uma mulher, é imprudencia tão grave como a do capitalista, que confiasse toda a sua fortuna á guarda de um perdulario... Todos os poetas deveriam, para salvaguardar-se d'esse perigo, decorar um celebre soneto de Camões, que eu não resisto á tentação de dizer-vos:

Todo anim al da calma repousava,  
Só Lisio o ardor d'ella não sentia:  
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,  
Consistia na nympha que buscava.

Os montes parecia que abalava  
O triste som das maguas que dizia:  
Mas nada o duro peito commovia,  
Que na vondade de outro posto estava.

Canção já de andar por a espessura,  
No tronco de uma faia, por lembrança,  
Escreve estas palavras de tristeza :

—Nunca pouha ninguém sua esperança  
Em peito feminil, que de natura  
Sómente em ser mudavel tem firmeza...»

Dos dois proverbios, conhecidissimos, que acerca da Esperança, andam em todas as bocas: «quem espera sempre alcança» e «quem espera desespera», — creio que o unico rigorosamente verdadeiro é o primeiro.

Quem espera desespera? — quando? quando não sabe esperar.

Quasi sempre o que estraga a Esperança é a Impaciencia, que é a sua «aza negra», o seu genio máu. O que caracteriza essencialmente a Esperança é a constancia no esperar. Ha esperanças de folego curto, que não passam de desejos ardentes mas fugazes; — as verdadeiras, as boas, as fortes esperanças teem vôo largo e infatigavel. As primeiras são aves de vôo rasteiro, que não se elevam mais de um metro acima do chão; as outras são aguias, que voam, de olhos fechados, subindo sempre, embriagando-se com a vertigem da ascensão, desprezando a planicie de onde partiram, e só pensando no céu que demandam.

A este respeito, a Biblia está cheia de lições. A Biblia não é o livro de uma religião: é o livro symbolico de toda a antiguidade. Cada um dos seus versiculos é um symbolo, — tendo um sentido patente, e um outro sentido que é preciso descobrir e interpretar. Lembrae-vos o episodio do corvo e da pomba no dia em que o diluvio cessou...

A arca parára. As aguas principiavam apenas a baixar. Ainda não apareciam os vertices das montanhas. A liquida toalha infinita amortalhava a terra. Era o decimo mez do diluvio.

Noé, impaciente, — e não ha quem não comprehenda essa impaciencia, porque não é graça viver dez mezes, dentro de uma náu mal fabricada, no meio das aguas desertas, e no convívio de toda a sorte de bichos! — Noé, impaciente, abriu a janella, e soltou um corvo. O corvo não voltou. O insulado, então, soltou uma pomba, que abriu o vôo, alou-se, desapareceu, e voltou, d'ahi a pouco, offegante, e cansada, sem ter achado onde pousar. Noé deixou-a repousar sete dias, — mais sete dias de esperança! — e soltou-a de novo. E, d'essa vez, ella voltou, trazendo no bico o ramo verde da oliveira, o ramo da côr da Esperança...

Assim tambem, na vida, não basta uma viagem, não bastam dez, não bastam cem viagens da Esperança, mensageira anciosa, para que ella nos traga no bico a segurança da salvação ou de felicidade! A verdadeira Esperança não se cança de esperar: fixa-se no objecto do seu sonho, — como a ancora, que é o seu symbolo, se fixa no fundo do mar.

Justamente esse povo hebreu, que teve como patriarcha o paciente Noé, sempre foi um povo que soube esperar. Vêde-o que ainda hoje espera o restabelecimento do seu grande reino, ha quasi dois mil annos extincto, e a reunião das suas tribus, ha quasi dois mil annos dispersadas. Na Biblia, essa grande, essa infatigavel esperança do povo hebreu está assignalada em um numero infinito de episodios. Bastem dois, como eitação: — um, que é um caso de perseverança nacional, o captiveiro de Babilonia, os setenta annos passados ás margens do Chobar, chorando a Jerusalém perdida, e esperando a sua reconquista; e outro, que é um caso individual, um caso de paixão amorosa, de adoravel poesia, — aquelle que Camões tão maravilhosamente celebrou num soneto admiravel:

Sete annos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Rachel, serrana bella;  
Mas não servia ao pae : servia a ella,  
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de um só dia  
Passava, contentando-se com vê-la :  
Porem o pae, usando de cautella,  
Em logar da Rachel lhe deu a Lia...

Vendo o triste pastor que com enganos  
Assi lhe era negada a sua pastora  
Como se a não tivera merecida,

Começom de servir outros sete annos,  
Dizendo :—Mais servira, se não fôra  
Para tão longo amor tão curta a vida...

Que dirão d'isto os nossos namorados, que  
desesperam de todo quando as namoradas lhes  
negam o primeiro beijo pedido? e que dirá  
d'isto um certo povo, muito conhecido nosso,  
o qual, á menor desgraça que lhe acontece, co-  
meça logo a clamar: "este paiz está perdido"?

Mas em todos os povos, e em todos os  
homens, existe essa grande, essa immortal es-  
perança do povo hebreu. O desespero e o  
desanimo, quando não são fingidos e méra-  
mente litterarios, são doentios, revelam um  
estado morbido da alma. A Esperança é tão  
natural, que toda a nossa vida é um tecido  
de esperanças. Ella é o milagroso bastidor em  
que se tece a trama de toda a nossa exis-  
tencia. Para que nascemos? para esperar. A  
criança espera a adolescencia, a adolescencia  
espera a virilidade, a virilidade espera a ve-  
lhice, a velhice espera... a continuação da vida.  
Quanto mais vivemos, mais esperamos viver.  
Porque? porque quanto mais vivemos, mais  
amamos a vida.

E que esperamos nós? esperamos tudo!  
A vida é como uma viagem em caminho de  
ferro. O trem galopa, e as horas succedem-se,

uniformes e monotonas. Ouve-se, porém, um apito... o trem retarda a marcha, pára... E' uma estação... E todos corremos, anciosamente, ás janellas do wagon. Quem sabe? é nessa estação da vida que nos vae talvez apparecer o negocio que nos vae enriquecer, ou o amigo que nos vae salvar da preocupação actual, ou a mullier a quem ardentemente havemos de amar e de quem ardentemente havemos de ser amados... E assim vamos, até a estação final, que é a da Morte; mas, á hora da morte, ainda apellamos para a vida futura,—para uma outra viagem, cuja estação terminal não podemos conhecer nem sequer imaginar.

A vida futura!... Nenhum de nós se julga tão máu, tão carregado de peccados e de crimes, que mereça o inferno. Todos nós (é natural) nos consideramos, depois da morte, merecedores do céo... O céo? haverá céo? haja ou não haja, sempre é um consolo contar com um logarzinlio nessa região de delicias! Admittamos, porém, que nem todos os homens sejam tão presumçosos que acreditem merecer o céo. Alguns haverá, que, reconhecendo os seus peccados e os seus crimes, apenas julguem merecer... o purgatorio. Mas o purgatorio ainda é uma grande esperanza! O purgatorio (se não mentem aquelles que entendem d'essas cousas) é uma estação de parada no caminho da Bemaventurança,—é uma especie de filtro moral, que as almas atravessam, deixando nelle as suas impurezas; no dia do Juizo Final,—dizem os Santos Padres—todas as almas serão chamadas; e puras, alvas, immaculadas, comparecerão, ante o grande juiz, para o grande premio. Parece que só as penas do inferno são eternas... Eternas?! serão ellas realmente eternas? á porta do Inferno estarão realmente escriptas aquellas palavras de «colore oscuro», que o Dante lá viu? Quem sabe? os poetas mentem tanto!... Bem

sei que é heresia duvidar da eternidade dos supplicios do Inferno: assim o declarou, soberanamente, um Concilio, que se reuniu em Florença, em 1439. Mas.. supplicios eternos?! supplicios sem esperança?! Eu creio que Deus, se existe, tem autoridade para vetar e annullar as deliberações de todos os Concilios. Dia virá em que Elle, com a sua suprema bondade, abrirá as portas do Inferno,—e Dante será desmentido. Fiquem com esta ultima esperança os máus e os egoistas que acreditam na vida futura! Quanto aos que nella não acreditam, ainda esses tem uma grande, uma consoladora esperança: o somno, a quietação, o aniquilamento, o *nirvana* delicioso em tudo se abysma e destróe...

Assim, cada minuto da nossa existencia é uma esperança. Montaigne, que foi um suave e consolador philosopho, escreveu que «tudo pode ser esperado por quem está vivo»: na arena dos circos romanos, os gladiadores, vencidos e prostrados, vendo que todos os espectadores, nas archibancadas, levantavam o pollegar da mão direita, para condemnal-os á morte, e vendo sobre o peito suspensa a espada do executor, — ainda esperavam viver, ainda esperavam que o cesar omnipotente, com um simples gesto piedoso, os affastasse da beira do abysmo negro, salvando-os da morte. E foi Seneca quem, numa phrase lapidar, resumiu admiravelmente e admiravelmente lembrou as surprizas do Destino, quando disse que «muitas vezes, o carrasco morre antes do condemnado».

Quem cança de esperar não sabe esperar.

Certa vez, durante uma distribuição de brinquedos a crianças pobres, assisti a uma scena, que me commoveu, e ouvi uma phrase,

que nunca mais esqueci. Em torno da mesa, — junto á qual o encarregado da distribuição, atropellado, suado, desesperado, repartia os brinquedos, — amontoavam-se as crianças, num alarido ensurdecedor. Quando o ultimo brinquedo foi entregue, quando já todos os pequenos sahiam, amorosamente mirando e admirando o que haviam recebido, ficou demonstrado que uma criança não fora contemplada na repartição, — ou porque tivesse havido engano na contagem dos brinquedos, e faltasse um, ou porque uma criança (coisa que não acontece apenas entre crianças a proposito de brinquedos, mas tambem ás vezes acontece, entre pessoas grandes, a proposito de cousas muito serias) ou porque, dizia eu, uma criança, mais esperta do que as outras, houvesse recebido dois brinquedos em vez de um só... O facto é que uma pobresinha não fôra aquinhoada. Era uma menina, de seis ou sete annos, um pedacinho de gente, tres palmos de creatura. Sahiu, da ródá viva em que se víra mettida, tonta, suada, vermelha, contundida, mas não desesperada. Sentou-se a um canto da sala, e ficou immovel, *esperando*. Era, para mim, uma imagem nova, na iconographia da Esperança: era uma esperança pequenina, serena, com um clarão de imperturbavel confiança no olhar. Perguntou-lhe alguém: «Que ficas ahí fazendo?» E ella respondeu, com a voz e com o olhar ao mesmo tempo, com uma firmeza de quem pode attrahir e dominar o futuro: «Estou esperando o *meu* brinquedo!» A pessoa, que a interrogára, sentiu-se abalada e commovida por aquella serenidade, sahiu, e voltou logo, trazendo-lhe um brinquedo comprado, á pressa, na primeira loja... Pois bem! no olhar da criança não houve o menor espanto: á sua alma innocente, aquillo parecia, de certo, a recompensa necessaria, fatal, inevitavel, da sua esperança: inconscien-

temente, aquella criança alli estava representando a grande, a sagrada, a infatigavel Esperança Humana, a Esperança que não se desillude, a Esperança, que, pela sua constancia e pelo seu favor, é capaz de seduzir e vencer o Destino...

Ha aqui logar, por contraste, para algumas considerações sobre um aspecto particular do thema d'esta conferencia: a esperança dos velhos...

Em geral, os moços suppõem que todos os velhos são uns tristes, uns desesperados, cansados de viver, e aborrecidos da vida... Em primeiro logar, duvido que haja muitos velhos que se considerem velhos. Não é um paradoxo: é um facto de facil verificação. Quasi sempre, os velhos só se queixam da sua velhice por uma especie de... como devo dizer? por uma especie de faceirice, que outros acharão ridicula, mas que eu, por mim, acho encantadora. Um velho, muito velho, quando diz: «eu, que já tenho oitenta annos...» ou «eu, que já dobrei o cabo dos noventa...» só diz isso para que a gente lhe responda: «pois não parece! ninguem lhe dará mais de cinquenta!...» Os velhos quasi nunca se consideram velhos: e, quanto mais envelhecem, tanto mais se consideram com o direito de continuar a viver. Dizia-me, um dia, um d'elles: «tenho noventa annos, e acho que a morte é um absurdo; porque morrer?... eu não nasci para morrer: nasci para viver! se houvesse nascido para morrer, não valeria a pena ter nascido!»

Quereis uma amostra do que é, nos velhos, essa esperança de viver muito, ou, melhor, a certeza, que elles teem, de viver muito? Não é preciso citar o nome: ha no Rio de Janeiro um ancião venerando, um velho carregado de serviços á Patria, um brasileiro que conheceu



o Brasil-Colônia, e assistiu ao nascimento do Brasil-Imperio e do Brasil-Republica... Esse homem conta hoje 104 annos de idade, — e ainda faz contractos e combina negocios para d'aqui a 20 e 30 annos!

Outro aspecto do thema: a esperanza dos doentes...

O povo, com a sua sabedoria, que é o producto de uma larga e esclarecida experiencia adquirida na observação dos factos, costuma dizer que o doente, em estado grave, quando começa a architectar projectos, e combinar deliberações futuras, está á porta da morte. E' uma verdade. Quem não conhece os sonhos, os planos, os propositos dos tysicos moribundos?... Que é isso? é a reacção da Vida, é a reacção da Esperança! E caberia aqui o estudo de uma questão, que é uma das mais graves da Ethica medica: saber se, em certos casos, diante de um doente, que, atacado de um mal incuravel, padece dores torturantes e terriveis, o medico tem ou não tem o direito de misericordiosamente lhe apressar a morte. Parece que sim... De certo, uma morte rapida, suave e instantanea, sem soffrimento, — essa morte providencial, a que se dá o nome de *euthanasia*, deve ser, para o incuravel, mil vezes preferivel á morte lenta, entre padecimentos horriveis. Essa, porém, póde ser a opinião do medico: e nem sempre será a opinião do doente. Que importam os padecimentos de hoje a quem espera a salvação ou o allivio de amanhã? Um cirurgião europeu narra, a proposito d'isto, uma scena tragica, de que foi um dos actores. Tratava-se de um doente, que soffria de um mal horroroso: um tumor maligno, que lhe cavava na região cervical um hediondo abysmo de sangue e sanie. O enfermo era um velho, um enfraquecido, um cachetico, que poucos dias teria de vida: e esses

poucos dias eram e seriam fatalmente, até a hora da morte, um inenarravel e inconcebivel inferno de dores, de insomnia, de sobrehumano martyrio... Certa vez, ao fazer-lhe o curativo, o cirurgião viu a descoberto, no fundo da chaga, quasi a ser attingida pelo mal implacavel, uma arteria que palpitava... «Então, (escreve elle) a mim mesmo perguntei se o meu dever não era, com um golpe misericordioso do bisturi, tórar aquelle tenue fio de vida, que ainda prendia ao mundo e ao soffrimento o desgraçado: eu sentia bem que essa era a minha obrigação, e ia cumpril-a, quando o meu olhar encontrou o olhar do enfermo... E havia nesse olhar um tão grande amor da vida, fulgurava nelle uma tão viva ancia de viver, que suspendi a mão, sentindo e comprehendendo que ninguem tem o direito de libertar da vida um infeliz, quando elle ainda á vida se segura pela mais leve esperanza!...»

Dizia eu que, sob um certo ponto de vista, a Esperança nunca engana, porque sempre se alcança o que se espera. Nem sempre somos nós que fruimos o que esperámos: são os outros, são os que veem depois de nós. Mas que são esses outros, senão o prolongamento e a reproducção de nós mesmos? A vida é uma cadeia de élos irmãos e continuos, tão intimamente unidos, que não ha como separal-os. Quem cava a terra, quem nella atira as sementes, quem planta uma arvore, quem firma no sólo os alicerces de uma casa, nem sempre vê a terra abrir-se em plantações, nem sempre tem a recompensa da colheita, nem sempre colhe os fructos da arvore, nem sempre vê a casa acabada. Que importa? os homens de amanhã serão os mesmos homens de hontem. A esperanza dos de hontem fructifica para o bem dos de amanhã. A esperanza nunca engana!

Algumas vezes, ella apenas parece enganar, quando, em vez de um bem sonhado, dá um outro bem, que se não pudéra prever, mas é incomparavelmente maior.

Que esperava Cabral? que esperava Colombo? que esperavam todos aquelles argonautas intrepidos, que das praias da Europa se faziam ao mar mysterioso?

Heredia fixou num admiravel soneto, magnificamente traduzido pelo nosso Raymundo Correia, essas figuras de heróes, que a Esperança enlevava e arrebatava:

«De Palos—como, a errar, longe do azul natal,  
Os gerifaltos vão. — em chusmas, audaciosos,  
Avidos capitães, pilotos cubiçosos,  
Partiram navegando empós de estranho ideal!

Vão conquistar além, das minas de metal,  
Que Cypango enthesoura, os veios fabulosos:  
Sonham, boiando em liz, paizes mysteriosos,  
Praias, climas, regiões do mundo occidental...

Suleam, assim, mar alto, infatigavelmente...  
Miragens tropicaes, longe, enganosamente,  
Esboçam construcções e torres de ouro no ar...

E elles á prôa vão das alvas caravellas,  
Vendo só, despenhado em turbilhões de estrellas,  
Todo o infinito céu sobre o infinito mar...»

Que buscavam esses Argonautas? como os antigos, que procuravam o fabuloso Tosão de Ouro, defendido por um dragão, na encantada terra da Colchida,—esses vinham tambem em busca de thesouros maravilhosos, e de cidades de ouro e de marfim, edificadas em regiões riquissimas. Enganou-os a Esperança, quando lhes deu as terras esplendidas e virgens da America, quando lhes deu a gloria de serem os creadores de mundos novos? Não, de certo. As mãos d'essa deusa generosa transformam

às vezes os dons que os seus sorrisos promettem; mas transformam-n'os augmentando-os, dando-lhes um novo e nunca sonhado valor moral.

E, senhores, é impossivel, em S. Paulo, falar da Esperança, sem lembrar a grande, a luminosa esperança que impelliu os vossos bandeirantes do seculo XVII á conquista dos sertões do Brasil...

João Ribeiro traçou da Epopéa Sertanista um quadro, que commove, pela sobriedade das tintas, pela magestade simples e vigorosa da expressão: «Como nas caravanas do deserto africano, a primeira virtude dos bandeirantes é a resignação, que é quasi fatalista, e a sobriedade, levada ao extremo. Os que partem não sabem se voltam e não pensam mais em voltar aos lares. As provisões que, levam, apenas bastam para o primeiro percurso da jornada; d'ahi por diante, entregue á ventura tudo, tudo é enigmatico e desconhecido. No intimo das terras, marcham, como se navegassem atravez dos mares, com a orientação da bussola e das noites constelladas; aqui e alli seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda a parte as legendas e historias dos indios, que fallam de outros paizes distantes e de caminhos ainda não trilhados pela civilisação. Se é preciso descer um grande curso d'agua, não contam o tempo; aboletam-se e acampam na margem, abatem arvores gigantescas, de cujos troncos, e ás vezes dos cortices, formam esquadrilhas de canôas, carcomendo-os a fogo. Quando se julgam promptos, logo embarcam numerosos no meio do alarido de todas as vozes, com a mesma animação ruidosa do primeiro dia. Quando a alimentação e as munições se esgotam ou a terra lhes nega a caça ou os vegetaes reparadores, não desanimam; acampam de novo, queimam a vegetação bravia em longos

tratos de terra, e fazem a roça, onde semeiam os cereaes. Esse acampamento dura até a colheita, que é sobretudo de milho por mais prompta e rapida; e nesse meio tempo, enquanto o milharal cresce, toda a terra circumvisinha num raio de muitas leguas fica conhecida. Nessas *bandeiras* vemos figurar toda a gente, homens de todas as qualificações, indios de todas as tribus, mulheres, padres, e creanças, e grande numero de animaes domesticos, cães, gallinhas, carneiros, fóra as bestas de carga. E' uma cidade que viaja com os seus senhores e seus governados; nella não faltam as rixas e differenças: mas o alvo principal e a esperança commum as põem de accordo e harmonia...»

Caso singular! como os symbolos se impõem! como temos sempre de encontral-os, dominando a nossa vida! alguns d'esses bandeirantes paulistas, entre as riquesas que buscavam, indo até o valle de S. Francisco, e varando os sertões no rumo de Porto Seguro e do Espirito Santo, almejavam encontrar uma certa serra verde e resplandecente, a serra das Esmeraldas. A serra verde! a serra das Esmeraldas! a serra da Esperança!...

Nunca foi encontrada... A Esperança, essa grande creadora de miragens, essa fecundadora de cerebros, essa enfeitiçadora de almas, tinha inventado á sua imagem a montanha, a serra verde, para com essa invenção exaltar a alma dos sertanistas ousados, para arrebatá-os á louca aventura! Enganou-os Ella? Não! as febres e as lutas, os trabalhos e as afflicções martyrisavam longamente esses homens que esperaram; alguns, envenenou-os e matou-os a emanação pôdre e miasmatica dos grandes rios; outros, envenenou-os e perdeu-os o ouro, o ouro fatal que descobriram; mas o fructo da sua esperança ali está: é S. Paulo, é Minas, é todo o Brasil, é todo o sertão bruto hoje coberto de cidades esplendentes e fortes, cria-

das pela passagem triumphal dessas caravanas da Esperança!

Até aqui temos tratado apenas da esperança de homens, ou de grupos de homens...

Mas a Esperança é collectiva. A Humanidade espera. Já esperava, quando ainda não passava de um rebanho de animaes intonsos e bravios, apenas vagamente humanos; tem esperado atravez dos seculos, soffrendo, trabalhando, anciando; espera ainda; esperará sempre.

Os progressos moraes, como os progressos materiaes, que ella tem realisado, escapam á sua consciencia. A humanidade não compara o que é ao que foi: compara o que é ao que ha-de ser. Não quer saber se é melhor do que já foi: sabe apenas que não é perfeita, e caminha para a perfeição, e espera, e espera sempre, infatigavelmente.

Conheceis a lenda de Epimenides? Esse philosopho grego, já velho, recolheu-se um dia a uma caverna, e adormeceu. Quando acordou, tinha dormido cincoenta annos, meio seculo. Toda a gente do seu tempo tinha morrido... Perguntaram-lhe os outros, os novos: «Que dizes tu da terra? que dizes tu da vida? são hoje melhores do que a terra e a vida do teu tempo?» E elle: «Não me lembro da terra nem da vida do meu tempo! sei apenas que esta terra, que ora vejo, não me parece maternal, e que esta vida, que ora vivo, não me parece carinhosa!»

Essa lenda grega é a historia da Humanidade. A Humanidade esquece o que foi: vê apenas o que é, não se contenta com o que é,—e espera.

Até quando esperará?

Prometheu, encadeiado por Jupiter, ainda não foi libertado. Hesiodo mentiu. Eschylo mentiu. Hercules não teve força bastante para

desencadear Prometheu, que é o Homem. Eu ainda o vejo, como o viu Luiz Delfino, quando descreveu um quadro do pintor hespanhol Juan Valdez :

« Tem Juan Valdez, pinceel dos mais ferozes,  
Um Prometheu ao Caucaso amarrado :  
Da boca saem-lhe as moribundas vozes :  
Do ventre, largamente retalhado,  
O sangue jorra, e a revolvida entranha,  
Onde inda cêva o abutre a raiva estrauba. .

Não faltam contorsões naquelle rosto :  
E a dor, e a indignação nos olhos gritam :  
Echymoses de sangue decomposto,  
Verde-negro, nos membros que se agitam,  
Tornam aquelle Prometheu sublime,  
Pagando em dores seu divino crime !...»

Assim o vejo ainda, amarrado ao rochedo,  
devorado pelo abutre, — mas com o olhar er-  
guido, affrontando o céo, — esperando !

Que espera Prometheu? que espera a Hu-  
manidade? O grande bem, — a Perfeição, que  
só pode vir pela victoria do amor e da bon-  
dade. O Homem será libertado pelo Homem...



○ D̄IABO ○





# ○ DIABO ○

*(Instituto Nacional de Musica. Rio de Janeiro,  
18 de novembro de 1905).*

Ha, na *Legenda dos Seculos*, um admiravel capitulo, em que Hugo põe em presença um do outro Deus e o Diabo,—o Diabo orgulhoso e revoltado, affrontando o Senhor, e Deus, desdenhoso e complacente, sorrindo do orgulho do Rebelde. «Vejamós (diz o Diabo) quem é capaz de fazer a cousa mais bella! Eu transformarei tudo quanto creaste, e tu fecundarás aquillo que eu te dér...» «Seja!»— responde o Senhor. E vae entregando ao Revoltado o quanto elle lhe pede: a cabeça da antilope, os chifres do veado, os olhos do elephante, o pescoço do touro, o ventre do carangueijo, os anneis da serpente, as coxas do camello, os pés do avestruz, o peito do leão. O Diabo mette tudo isso dentro da sua forja, e, ao cabo de longo tempo de trabalho, com todos esses materiaes fabrica... um gafanhoto. E, arrogante, exclama, entregando a Deus uma aranha: «Agora tu! Quero ver o que fazes d'isto!»

Et Dieu prit l'araignée et la mit au milieu  
Du gouffre qui n'était pas encor le ciel bleu :  
Et l'esprit regarda la bête : sa prunelle  
Formidable, versait la lueur éternelle ;

Le monstre, si petit qu'il semblait un point noir,  
Grossit alors, et fut soudain énorme à voir :  
Et Dieu le regardait de son regard tranquille :  
Une aube étrange erra sur cette forme vile :

L'affreux ventre devint un globe lumineux ;  
Et les pattes, changeant en sphères d'or leurs nœuds,  
S'allongèrent dans l'ombre en grands rayons de flamme.

Iblis leva les yeux : et tout à coup l'infâme,  
Ébloui, se courba sous l'abîme vermeil :  
Car Dieu, de l'araignée, avait fait le soleil..

-----

Tal é a ideia que hoje fazemos de Deus e do Diabo,—dois principios antagonicos e rivaes, existindo ambos desde a creação do mundo, um, que é a fonte de todo o Bem, sempre vencedor, e o outro, que é a fonte de todo o Mal, sempre rebellado contra o primeiro, e sempre vencido por elle, numa lucha formidavel e eterna.

Mas, para os judeus, e para a sua religião, durante muito tempo, o Diabo não existiu. O Deus, que nós herdámos do povo de Israel, foi, a principio, um Deus absoluto, que incarnava em si todo o Bem e todo o Mal,—lavelh, um Ente superior á Natureza que creou, e distribuindo arbitrariamente as benções e as maldições. Quando lavelh falla pela bocca de Isaias, é assim que falla: «Eu fiz a luz e as trevas; eu fiz o bem e fiz o mal; eu sou aquelle que tudo fez.» O Diabo —notae bem— só começa a apparecer, na Biblia, no *Livro de Job*, o qual, quasi se póde assegurar com absoluta certeza, foi escripto no seculo VIII antes de Christo. Falla-se, sim, na Biblia, de espiritos bons e espiritos mans, emanações da Divindade, que é ao mesmo tempo o Bem e o Mal. Mas o Diabo propriamente dito, o tentador do homem, não apparece antes do Livro de Job. Foi pouco antes, portanto, da

redacção do Livro de Job, que, na consciencia dos hebreus, a Divindade começou a separar-se em dois princípios antagonicos. E ainda ahí, o Diabo não é propriamente o inimigo de Deus. Satanaz começou por ser um servidor de Deus, uma emanação sua, um anjo, como dizemos hoje. Aqui está o trecho preciso:— «Cap. I.—6. Mas um certo dia, como os filhos de Deus se tivessem apresentado diante do Senhor, achou-se entre elles Satanaz; e o Senhor lhe disse: de onde vens tu? e elle respondeu dizendo: gyrei a terra, e andei-a toda. (Livro de Job).» Assim, Satanaz apresentava-se diante do Senhor, entre os seus filhos; não seria talvez um filho seu, um filho amadissimo; mas não era um reprobado: e ás vezes, como no caso de Job, chegava a ser um enviado do Senhor, que vinha frequentemente visitar a terra, e voltava ao céu... Ainda não havia inferno naquelles tempos: abençoados tempos!

A lenda da rebelião e da queda de Satanaz appareceu mais tarde, em seguida ao captiveiro de Babylonia, depois do contacto que os hebreus tiveram com os persas; pelo conhecimento que elles tiveram da religião d'esse povo, a personalidade de Javeh, o Deus absoluto, foi sendo pouco a pouco dividida em duas personalidades distinctas. E, assim como no Mazdeismo havia Ormuz, fonte de todo o Bem, e Ahriman, fonte de todo o Mal,— começou a haver no Judaismo Jehovah, principio do Bem, e Satanaz, principio do Mal.

Por occasião da queda, já Satanaz é Lucifer. E' a primeira mudança do seu nome; não será a ultima; vel-o-hemos, no correr d'este estudo, usar um numero infinito de nomes. Por ora é Lucifer,—o portador da Luz. Allucinou-o o orgulho, cegou-o a ambição, quiz ser igual ao Senhor, e foi precipitado do Céu, blasphemando e rugindo, com

os punhos cerrados, entre o espanto dos anjos e dos astros, traçando com as azas abertas dois sulcos de fogo na abobada estrellada...

A proposito da quêda do Diabo: sabeis como e onde cahiu elle? Em um dia de máu humor, o padre Antonio Vieira, exasperado contra a ingratição e a fraqueza de Portugal e contra a maledicencia da gente do Maranhão, onde então vivia, explicou esse caso nestas linhas, que de certo ouvireis com prazer, saboreando a belleza do estylo e a graça da invenção:

«Todas as terras, assim como têm particulares estrellas, que naturalmente predominam sobre ellas, assim padecem tambem diferentes vicios a que geralmente são sujeitas. Fingiram a este proposito os allemães uma galante fabula. Dizem que, quando o diabo caiu do céu, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharam em diversas provincias da Europa, onde ficaram os vicios que nellas reinam. Dizem que a cabeça do diabo caiu em Hespanha e por isso somos fumosos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem que o peito caiu em Italia, e que daqui lhes veiu serem fabricantes de machinas, não se darem a entender e trazerem o coração sempre coberto. Dizem que o ventre caiu em Allemanha, e que esta é a causa de serem inclinados á gula, e gastarem mais que os outros com a mesa e com a taça. Dizem que os pés caíram em França, e que d'aqui nasce serem pouco socegados, apressados no andar, e amigos de bailes. Dizem que os braços com as mãos e unhas crescidas, um caiu em Hollanda, outro em Argel e que dahi lhes veiu (ou nos veiu) o serem corsarios. Esta é a substancia do apologo, nem mal formado, nem mal repartido; porque ainda que a applicação dos vicios totalmente não seja verda-

deira, tem comtudo a simillhança de verdade, que basta para dar sal á satyra. E supposto que a Hespanha lhe coube a cabeça, cuido eu que aparte d'elle que nos toca ao nosso Portugal é a lingua: ao menos assim o entendem as nações estrangeiras, que de mais perto nos tratam. Os vícios da lingua são tantos, que fez Drexelio um abecedario inteiro, e muito copioso delles. E se as letras deste abecedario se repartissem pelos estados de Portugal, que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não ha duvida que o M. *M* Maranhão, *M* murmurar, *M* motejar, *M* maldizer, *M* malsinar, *M* mexiricar, e, sobre tudo, *M* mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos por todos os lados aqui se mente...»

Quisilias, raivas de padre, e de padre politico... E vamos adiante!

Ora, pois! ahi está o Diabo, o legitimo Diabo, creado, disposto a viver milhares de seculos, e a chegar até a nossa época, fazendo excursões pela terra, combatendo o poder de Deus, seduzindo almas e perturbando a vida humana.

Até quando viverá elle? será eterna a damnção do Anjo Decalido? Ha opiniões... Os demonologistas, (porque, ácerca do Diabo, existe uma vasta sciencia, sobre a qual já se escreveram mais de mil volumes) não estão de accordo: para uns a lucta entre o principio do Bem e o do Mal será eterna, e o Diabo e o Inferno existirão sempre; mas, para outros, o Mal cessará um dia, e os dois principios antagonicos hão-de, na harmonia final, reunir-se em um só. Esta ultima opinião é tambem a dos poetas... Assim é que Leconte de Lisle, em uma admiravel poesia traduzida por Valentim Magalhães, mostra Satanaz, can-

çado da rebelião e da lucta, pedindo e esperando a morte, como um termo á sua condemnação:

Os punhos remordendo, immovel e callado,  
Pelo manto fatal das azas envolvido,  
Sobre um pico, de gelo eterno guarnecido,  
Deteve-se uma noite o antigo Fulminado...

A terra prolongava em baixo, escura e ingente,  
As plagas em que o mar estende os braços fundos :  
Em cima scintillava o céo cheio de mundos ;  
— *Elle*, porém, fitava a sombra unicamente...

E, d'alli, dardejava os olhos inflammados  
Ao pégo, que condensa as coleras austeras,  
Onde ferve o bulcão dos homens e das feras,  
Ullulando ao passar dos seculos irados.

E elle ouvia subir hosannas fementidas,  
Os *Te-Deum* dos reis, os ais e as maldições,  
O fundo estertorar das misereras nações  
E os justos a gemer em aneias doloridas.

Este concerto estranho e funebre do Mal,  
Tão velho como o mundo e como a raça humana,  
Mais forte e mais revel que a sua raiva insana,  
Cercava de fragor o tetrico Immortal.

Então voltou d'um salto aos tempos insondaveis,  
Em que habitou tambem o céo azul profundo :  
Ante o estúpido horror do seu destino, um fundo  
Tremor enregelou-lhe os membros formidaveis.

Bracos e pés crispando, erguen a grande voz,  
Elle, a victima antiga, o sonhador primeiro,  
E o brado seu ferio o espaço sobranceiro,  
Em que, fervido, bóia o espumejar dos sóes :

“Como uma horrivel chuva, os dias meus, que horror !  
“Se accumulam em vão na minha eternidade.  
“Orgulho, desespero e força é só vaidade !  
“A luta me aborrece e pésa me o furor.

“O odio, como o amor, me tem atraídoado :  
“Eu bebi todo o mar dos prantos infecundados.  
“Tombae e me arrasae, raios, montões de mundos !  
“Que no sagrado somno eu seja mergulhado !”

Acompanhemos a evolução do Diabo...

Christo vem ao mundo, afim de salvar a humanidade, e o Príncipe Tenebroso procura tentá-lo, para combatel-o. Já então o vemos, ora sob a fôrma de uma creatura humana, ora incarnado nos mais immundos animaes. Na scena da *Tentação* na montanha, nessa admiravel scena, que vale por si só todo um poema, o Diabo é um homem, uma creatura com a forma humana; em outro ponto do Novo Testamento, vemol-o incarnado num bando de porcos. E, d'aquí a pouco, vel-o-hemos tomar um numero infinitamente variado de outras formas.

De anno em anno a sua personalidade dilata-se, estende-se, cresce, multiplica-se.

Quando se deu a victoria do Christianismo, aconteceu o que sempre costuma acontecer, quando se opera uma grande reforma, quando se dá uma grande crise moral, religiosa ou philosophica: estabeleceu-se nos espiritos uma confusão entre as crenças que desapareciam e as crenças que triumphavam. Christo ficou senhor do mundo; os grandes deuses do paganismo desapareceram. Mas o povo, que não pode passar sem o sobrenatural, se não continuou a acreditar na existencia de Jupiter, de Apollo, de Diana, continuou a acreditar na existencia dos genios mysteriosos, dos sub-deuses, que viviam nos troncos das arvores, na agua dos rios, nos campos e no mar. Sómente, como a ideia do Diabo já estava vencedora, não houve mais, propriamente, faunos, sylvanos, nymphas, dryadas, hamadryadas, napeas: todas essas entidades fabulosas ficaram sendo diabos, *diabinhos*, que representavam todas as forças vivas da Natureza.

Depois, os barbaros, descendo do norte, e vindo destruir o imperio romano, trouxeram consigo uma infinita multidão de outras pe-



quenas divindades, que se transformaram em outras tantas incarnações do Diabo. Os cristãos não podiam acreditar em muitos deuses: só havia para elles um Deus verdadeiro; mas nada os impedia de acreditar em muitos diabos. Assim, aos demonios em que se haviam transformado os genios do paganismo, vieram juntar-se os demonios em que se transformaram os genios importados do norte da Europa. Os teutões, os escandinavos, os germanos trouxeram consigo os seus kobolds, os seus nixes, os seus elfos, as suas fadas, os seus trasgos e duendes. E a terra ficou cheia de diabos. Foi um horror!

Onde esse horror se manifestou com maior intensidade, foi nos desertos, em que se cravavam do mundo os cenobitas. Esses ascetas, mal alimentados, extenuados pelos jejuns, pelas vigílias, pelas penitencias de toda a sorte, exaltados pelos extases da prece, solitarios no meio da natureza selvagem, viam o Diabo em tudo, nas arvores, nas aguas, nas nuvens, no ar... No poema de Flaubert, *A tentação de Santo Antão*, o anachoreta descreve o seu supplicio no ermo: «Escolhi para morada o tumulo de um Pharaó... Mas um encantamento circula por esses palacios subterraneos, onde as trevas ainda parece que estão carregadas da antiga fumarada dos incensos. Do fundo dos sarcophagos, eu ouvia elevar-se uma voz dolente que me chamava; ou então, diante dos meus olhos, animavam-se e punham-se a viver as cousas abominaveis que estavam pintadas nas paredes... Fugi até a beira do Mar Vermelho, e asylei-me em uma cidadella em ruinas... Ahí, os meus companheiros eram os escorpiões, que se arrastavam entre as pedras. A' noite, havia unhas que me arranhavam, bicos que me mordiam, azas molles que me roçavam: de momento em momento, *demonios horrivéis, urrando ao*

*meu ouvido, rojavam-se no chão, perto de mim...»*

A crença dos ascetas, dos santos que jejuavam e resavam nos desertos, era essa: *ubique demon*, «o Diabo está em toda a parte»... Os messalios viviam sempre a assoar-se e a escarrar, para expectorar os demonios que lhes enchiam o corpo. E dos diabos, que então havia, existia uma certa classe, particularmente interessante, especialmente maligna, e perversamente obscena: os *incubos* e *succubos*. Os incubos eram demonios masculinos, e os succubos eram demonios femininos; e quem quizer saber o que elles faziam leia o que d'elles diz Santo Agostinho, no capitulo XV da sua «Cidade de Deus...»

Quando começou a Idade Média, já não havia um só palmo do territorio da Europa que não estivesse occupado pelo Diabo, — ou pelos Diabos, que já eram legião. Nessa época, Satanaz começou a corromper a propria Igreja. Começaram a apparecer as heresias. Quem as inspirava? o Diabo... Até um papa, Sylvestre II, foi accusado de lhe haver vendido a alma, — e o seu corpo, depois de elle morto, foi mutilado e esquartejado pelos cardeaes.

Oh! essa agitada e soffredora Idade Média, — que campo vasto para o exercicio das artes e das manhas do Diabo! Esses cinco seculos marcaram o apogêo do soffrimento humano, e foram uma tragica epopéa de amargura e tristeza!

O anno 1000 entrou amaldiçoado. Uma hedionda molestia, até então desconhecida, «o fogo sagrado ou gangrena secca», começou a dizimar os homens: os desgraçados cahiam de chofre, fulminados pelo mal implacavel, que lhes comia, em poucas horas, toda a carne, desligando-a dos ossos. Como se isso não bastasse, veiu a fome, — fome terrivel: nos

campos torrados não medravam as sementes; as fontes seccavam; as gentes, núas e desesperadas, morriam aos montões, pelas estradas.

Cem annos depois, nova epidemia do «fogo sagrado» e nova e mais forte escassez de pão: os famintos devoravam os cadaveres, saciando-se nas carnes podres... Depois, quando raiou o seculo XII, a lepra; depois, quando surgiu o primeiro dia do seculo XIII, uma carta, «cahida do Céu» e achada sobre um altar de Jerusalém pelo patriarcha Acarias, annunciou que o mundo ia acabar: e, logo, um terremoto medonho convulsionou a Asia e a Europa, tragando cidades inteiras.

O seculo XIV foi o da «grande morte»: a peste-negra, importada do Oriente, desabou sobre as nações, desertando-as; Paris, que tinha duzentas mil almas, ficou reduzida a cinquenta mil; os energumenos collaboravam com a epidemia, matando judeus; e, quando parecia que tudo ia acabar, uma nova molestia, ainda mais terrivel, a «dansa de S. Guido», veiu misturar á tragedia o seu comico macabro:— toda a gente desatou a dansar, com a bocca escumante e os olhos em fogo...

Passaram mais cem annos, o seculo XV nasceu; e então, todas as calamidades se associaram: o soffrimento, a que já todas as almas se tinham habituado, chegou a parecer uma delicia; a immundicie cobria a terra; os corpos decompunham-se ao sol; e os bandos negros dos penitentes uivavam o hymno da Dor, a apothese da Tortura, os amargurados versos do *Stabat Mater*...

Dante escrevera a *Divina Comedia*. O sombrio e divino poeta pintára nesse poema o Inferno,—o logar dos eternos supplicios. Para que? o verdadeiro inferno era a Terra, inferno de homens, cemiterio de vivos, tablado sinistro em que se representava a tragedia da agonía da alma humana. Que campo

magnifico, essa éra, para o imperio do Diabo! Disse Lucano que o medo inventou os deuses: e inventou tambem o Diabo, associando-se ao soffrimento; o Diabo é filho do soffrimento e do medo.

Que haviam de fazer, naquelle tempo, as almas infelizes, que se julgavam abandonadas por Deus? entregavam-se ao Diabo. Assim nasceu a Feiticeira, assim nasceu o culto do Sabbath. Os senhores eram brutaes; os pobres servos viam que o céo, como a terra, só podia pertencer aos ricos e aos poderosos. Para aquelles desgraçados, o Diabo era o libertador e o consolador: entregavam-se a elle.. Os padres opprimiam o povo, torturavam-n'o, queimavam-n'o: que havia de fazer o povo? entregava-se ás feiticeiras...

A feiticeira, que conhecia as virtudes das hervas do campo, era o medico do povo. As horriveis molestias da idade media foram principalmente molestias da pelle, e molestias nervosas. As primeiras dependiam da falta de aceio, e do uso immoderado das especiarias, do cravo da India, da pimenta, da noz-moscada, do gengibre, de todos esses violentos excitantes, que os cruzados trouxeram do Oriente. Calcule-se o effeito da ingestão d'esses terriveis fustigadores do sangue, em gente que nunca tomava banho! Esta expressão «que nunca tomava banho,» não é uma expressão de valor approximativo: é uma expressão de valor real. Michelet escreve: «Nem um banho durante mil annos! A sociedade da Idade Média temia a ablução como um peccado: e é triste pensar que todos esses esbeltos cavalleiros, todas essas damas ethereas, Tristão, Parsifal, Isolda, não se banhavam nunca!...»

Ora, não só para essas molestias, como para as molestias nervosas, para as hysterias e para as epilepsias que o terror gerava, a feiticeira tinha remedios, que, se não as cura-

vam, ao menos diminuiam consideravelmente o soffrimento: tinha a datura, a mandragora, a belladonna, a dulcamara,—todas essas plantas da immensa familia das Solanaceas, a que o povo agradecido deu o nome de Consoladoras. Mas a feiticeira não era apenas o medico do corpo: era tambem o medico da alma: as suas palavras, os seus conselhos, os seus esconjuros, as suas rezas eram tambem poções sedativas. Porque, na Idade Média, se havia diabos máus, havia tambem diabos de bom coração. Havia diabinhos que em troca de um pouco de comida, que se collocava, para attrahil-os, atraz da porta, faziam todo o serviço da casa, varriam o chão, accendiam o fogo. Outros davam dinheiro. Outros adoçavam o coração dos maridos brutaes. Outros enterneciam o coração dos amantes ingratos. A feiticeira punha as almas simples e soffredoras em contacto com esses demonios bem-fazejos. D'ahi, o seu imperio, d'ahi a extensão do culto e da veneração que ella merecia...

Tudo isso parece estar tão longe da nossa Idade! Mas, realmente, não está...

Lembrae-vos o tempo do captiveiro no Brasil. Foi hontem... Os pobres captivos, pensando e suando, no duro trabalho da lavou-ra, sem liberdade, sem consolo, sem esperança, recorriam tambem aos seus feiticeiros e ás suas feiticeiras. Como os servos da Idade Média, os captivos do Brasil tambem já nada esperavam de Deus... Esse Deus, todo amor, todo piedade, todo misericordia,—só tinha misericordia, só tinha amor, só tinha piedade para os senhores. Os senhores tinham o pão farto, tinham o somno regalado, tinham liberdade, tinham familia. Elles, os escravos, nada tinham. Nada?... tinham alguma cousa: tinham o trabalho esfalfante, tinham o tronco e a gargallheira, tinham o chicote do feitor. Ah! ás

pobres pretas nem era dado o direito de serem mães! A maternidade era uma delicia, um goso, uma divina esmola, que Deus sómente concedia ás senhoras!... A's vezes, o pretinho, apenas nascido, era arrancado aos braços maternos; outras vezes, ainda se permittia que as mães amamentassem os seus filhos,—sómente para que elles não morressem, o que seria um prejuizo para o senhor, que já havia escripturado, na columna do—haver—dos seus livros, mais essa propriedade humana. Uma vez crescido, o fructo do ventre martyr era vendido, como um bacoro ou como um bezerro... Que haviam de fazer os pobres captivos, assim desamparados de Deus? entregavam-se ao feiticeiro, que era o representante do Diabo.

Assim, com tantos seculos de intervallo, em duas épocas tão distantes e tão differentes, vemos a credulidade, a superstição, a pratica da feitiçaria, o culto do Diabo, nascerem das mesmas causas: o soffrimento e o medo. E, em uma como em outra d'essas duas épocas, aquillo que nascia da injustiça, e do desespero, e que só deveria ser tratado pela justiça e pela piedade,—era tratado pelo terror e pela violencia:—na Idade Média, a feiticeira era queimada; aqui, nas fazendas, o «mandingueiro» era ás vezes acorrentado e chicoteado até o sangue...

Não é possível tratar da Idade Média e da Feitiçaria, sem tratar do *Sabbath*.

Sabeis todos, mais ou menos, o que era o Sabbath,—essa medonha cerimonia, em que se condensavam a ignorancia, o desespero, a tortura moral, o terror d'aquella éra maldita. Era, talvez, uma reminiscencia, uma imitação dos antigos ritos bacchicos da Grecia. Nas bacchanaes gregas, os assistentes gritavam, no mais acceso da orgia: «Saboé! Saboé!» D'essa

palavra,—ou, como querem outros, do nome Sabasius, que era um dos appellidos do Diabo,—vem a palavra Sabbath.

Em que consistia a cerimonia? era um congresso de feiticeiras, sob a presidencia do Diabo. Fazia-se a reunião numa encruzilhada, num sitio selvagem e deserto. E eis como a descreve Pompeyo Genner: «Sobre um throno rustico, senta-se o Principe da Revolta. O eterno banido apparece com a cabeça coberta por um gorro, ornado de negras pennas de gallo. A sua physionomia é sombria, a um tempo melancolica e sinistra. Illuminam-o as tochas com um clarão avermelhado e vacillante. A scena é fantástica e feroz... A' incerta claridade, não se póde dizer se o Diabo é um homem, ou um animal, ou uma estatua... Coroada de flores sylvestres, uma Feiticeira, ao lado de Satanaz, clama a imprecação terrível: *abracax! abracax!*» Aqui, porém, é preciso interromper a citação: ha cousas que só podem ser ditas em latim,—e eu não sei fallar latim...

O que é bom de contar, porque é pittoresco e innocente, é o modo por que as feiticeiras iam ao Sabbath. A assembléa (dizem os doutores em demonologia) sempre se realisava na noite de quarta para quinta-feira, ou na de sexta-feira para sabbado. Quando o Diabo queria reunir a sua assembléa, usava estratagemas interessantes. Como naquelle tempo ainda não havia jornaes, em que o Principe das Trevas pudesse inserir annuncios:—«reune-se amanhã em assembléa geral ou em sessão ordinaria o Sabbath...»—servia-se elle de certos avisos convencionaes, dos quaes um dos mais usados consistia no apparecimento de um carneiro, no céo, entre nuvens. Então, as feiticeiras...

Convém talvez explicar porque é que digo sempre: as feiticeiras. Não haveria tambem

feiticeiros? Havia. Mas eram poucos. Michelet cita esta phrase de um escriptor do seculo XV: «para cada feiticeiro, ha dez mil feiticeiras». A explicação é facil. A mulher sempre foi mais impressionavel, mais nervosa, mais credula, mais exaltada do que o homem; além d'isso, ella era na Idade-Média uma verdadeira escrava: era ella quem mais soffria, e ella quem, pela fatalidade do seu temperamento e da sua educação, estava principalmente fadada a ser feiticeira. E nem é necessario insistir sobre este ponto: todos sabemos que, num certo sentido, ainda agora, no seculo XX, a mulher continúa naturalmente a ser feiticeira: porque, se ha feitiços efficazes, completos, inevitaveis, que possam ter influencia sobre credulos e incredulos, são os feitiços que veem da Mulher...

As feiticeiras partiam para o Sabbath montadas em cabos de vassouras, e iam assim pelo ar, voando, com uma assombrosa rapidez. Quando a sessão era solemne, os demonios vinham buscal-as: e ellas cavalgavam os servidores de Satanaz, que ora revestiam a forma de bodes alados, ora de dragões, ora de hypogriphos. Cada um dos assistentes trazia comsigo um sapo: o dono do sapo mais gordo ganhava um premio.

Esta é, nas suas linhas geraes, como a podeis encontrar nos livros dos demonologistas, e nas accusações dos padres credulos ou apaixonados, que queimavam as feiticeiras para dar cabo da feitiçaria, a descripção do Sabbath.

Ainda ha pouco, fallava-vos eu da feitiçaria dos pretos das senzalas no tempo do captiveiro. Pois bem! nas lendas do nosso sertão, tambem ha a tradição do Sabbath. Bernardo Guimarães tem uma poesia engraçadissima, em que se descreve uma d'essas cerimoniaes da demonologia brasileira. A poesia é longa, e d'ella escolherei apenas algumas quadras:



Meia noite soon na floresta,  
No relógio da torre de pau :  
E a velhinha, rainha da festa,  
Se assentou sobre o grande girau.

*Lobishome* apanhava os gravetos,  
E a fogueira no chão acendia,  
Revirando os compridos espetos,  
Para a ceia da grande folia.

Junto d'elle, um vermelho diabo,  
Que sahira do antro das phocas,  
Pendurado num pau pelo rabo,  
No borraralho torrava pipocas.

*Taturana*, uma bruxa amarella,  
Resmungando com ar carrancudo,  
Se occupava em frigar na panela  
Um menino com tripas e tudo.

*Getirana*, com todo o socego,  
A caldeira da sopa adubava  
Com o sangue de um velho morecego  
Que alli mesmo com as unhas saugrava.

*Mamangava* frigia, nas banhas  
Que tirou do cachaço de um frade,  
Adubado com pernas de aranhas,  
Fresco lombo de um frei dom abbade.

E a rainha, com as mãos resequidas,  
O signal por trez vezes foi dando,  
A cohorte das almas perdidas  
D'esta sorte ao batuque chamando :

“Vinde, ó filhas do ouco do pan,  
Lagartixas do rabo vermelho,  
Vinde, vinde a tocar merimbau,  
Que hoje é festa de grande apparelho!”

---

Mil duendes dos antros sahiram,  
Batucaudo, e batendo matrúcas ;  
E mil bruxas uivando surgiram,  
Cavalgando compridas estacas.

Tres diabos, vestidos de rôxo,  
Se assentaram aos pés da rainha,  
E um dos tres, que só tinha um pé côxo,  
Começou a tocar campainha...

*Capetinhas*, trepados nos galhos,  
Com a cauda enrolada no pau,  
—Uns agitam sonoros choealhos,  
Outros põem-se a tocar merimbáu.

.....

Como veremos d'aqui a pouco, todas essas personagens de que falla o poeta, e cuja tradição ainda hoje anda tão espalhada pelo interior do Brasil,—o lobishomem, o gallo preto, o sapo inchado,—são figuras da demonologia antiga.

Claro está que, no sertão do Brasil, o Sabbath nunca passou de uma invenção, de uma criação da poesia popular... Mas, na Europa, durante a Idade-Média, haveria realmente o Sabbath? Havia. No trecho de Pompeyo Genner, que ha pouco vos citei, convém reparar nesta phrase: «*á incerta claridade, não se póde dizer se o Diabo é um homem, ou um animal, ou uma estatua...*» Essa observação, que Pompeyo Genner colheu em varios livros da Idade Média, é comprovada pelo que se lê em todas as descrições do Sabbath, feitas pelos demonographos. Assim, o que se deve e póde suppor, é que o papel do Diabo era, nessas reuniões, representado por algum actor mais ou menos disfarçado e mascarado. Já eu disse que o Diabo é filho da malicia e da esperteza... Entre as historias de que se compõe a antiga demonographia popular da França, ha uma que é característica. Um carvoeiro, casado com uma bondosa e simples mulher, foi certa vez encontrado, alta noite, na adega de um senhor feudal. Os servos, que alli o encontraram, levaram-n'ô logo á presença do senhor, que ia mandar espan-

cal-o, quando o homemzinho, cahindo de joelhos, começou a explicar a sua presença na adega: Esta noite (dizia elle) estava eu dormindo, quando acordei, ao sentir que minha mulher se levantava, e comecei a espreitar o que ella fazia. Vi que esfregou todo o corpo com uma certa droga de cheiro repugnante, cavalgou um cabo de vassoura, e de repente desapareceu, sem que eu pudesse perceber por onde tinha sahido, estando fechadas todas as portas. Compreendi logo que era casado com uma feiticeira; quiz certificar-me d'esta verdade, esfreguei tambem o meu corpo com a tal droga, cavalguei tambem um cabo de vassoura, senti-me immediatamente arrebatado pelo espaço em fóra, e vim cair aqui dentro, entrando pela chaminé. Quando aqui me vi, achei minha mulher e outras feiticeiras, reunidas em sabbath. Assim que perceberam a minha presença, desapareceram como por encanto...» Pois bem! tal credito mereciam, e tal terror infundiam naquelle tempo essas invenções, que o patife, o rematado bebado, que só havia entrado naquella adega para se emborrachar com os vinhos do senhor feudal, foi logo posto em liberdade; e, no dia seguinte, a pobre mulher, cujo crime unico era haver casado com um beberão mentiroso, foi queimada viva...

De certo todos os outros testemunhos, prestados nos processos de feitiçaria, tinham o mesmo valor do depoimento d'esse carvoeiro borracho.

Desgraçadamente, a Igreja, naquelle tempo, era feroz, e contentava-se com pouco para condemnar á fogueira as feiticeiras. E' impossivel estabelecer a estatistica das victimas d'essa perseguição. Havia dias, na Allemannha, na França e na Hespanha, em que eram queimadas quatrocentas e quinhentas desgraça-

das... Bastava que uma mulher hystérica ou louca inventasse ter ido ao Sabbath, para que logo os executores da justiça religiosa a obrigassem a denunciar as pessoas com as quaes se havia encontrado na solemidade sinistra. A infeliz, dominada pelo terror, pela fome, pela tortura, confessava tudo quanto lhe pediam; e acendiam-se logo as fogueiras expiatorias;—e o Diabo, se realmente existisse, deveria folgar bastante, vendo o trabalho que dava á Igreja, e vendo o resultado das suas intrigas, forjadas entre o Creador e as creaturas.

Mas não nos demoremos sobre este horror! Vamos antes rir um pouco á custa do Diabo, por cuja culpa tanta gente tem soffrido, chorado e morrido neste mundo...

Já sabemos o que é ou quem é o Diabo. E já vimos o que elle fez até o começo da idade moderna. Para estudal-o bem, vejamos quantos diabos ha,—ou havia—e como elles apparecem,—ou appareciam.

Quantos diabos ha? Oh! o numero é infinito! Um celebre demonographo, o Dr. Wier, diz que ha, espalhados pela terra, 44.635.569 diabos! Mas um outro doutor em demonologia, igualmente celebre, Blook, diz que esse calculo fica muito aquem da verdade, porque cada um homem tem um diabo que o acompanha sempre como a sua propria sombra, devendo portanto o numero dos diabos ser igual ao numero das creaturas de que se compõe a humanidade,—e isso sem contar os demonios desempregados, os demonios vadios, que andam pelo ar, pelo solo e pelas aguas, sem occupação, passeiando...

Para que faças uma idéa do pouco espaço que o Diabo póde occupar, vou citar-vos alguns calculos. No fim do seculo XVI, um bispo de Vienna, Gaspar Neubeck, exorcizou uma rapariga de 16 annos, Anna Schlutter-

bauer, do corpo da qual extrahiu 22.625 demonios! E' bom notar que esta historia não é uma invenção minha, nem do auctor do livro em que a encontrei: «o processo escripto» d'essa operação, realisada pelo bispo Neubeck, ainda hoje se conserva nos archivos da cidade de Vienna... Um arcebispo de França, Turpin, conta que certa vez, estando em casa, a compôr um sermão, foi sorprendido por um rumor confuso, um como alto zumbido que soava na rua. Foi á janella, cuidando que ia assistir á passagem de uma nuvem de gafanhotos. Não! era a passagem de uma nuvem de demonios, que iam, voando, assistir aos ultimos instantes de vida do imperador Carlos Magno, a ver se conseguiam apanhar-lhe a alma: «eram tantos (escreve o santo homem) que tapavam a luz do dia!...» Uma ultima nota. A Kabbala, que como sabeis, era o compendio da theosophia dos judeus, conta que o rei Salomão prendeu, certa vez, dentro de uma garrafinha de vidro, 522.280 diabos!

Quereis agora saber o que é a Côrte Infernal?

A Côrte Infernal, segundo a crença corrente na Idade Média, é governada por Belzebú. Não se sabe porque, o Diabo primitivo, que era Satanaz ou Lucifer, foi desthronado. Houve uma revolução no Inferno, e Lucifer foi deposto. Tambem por lá se conhece o regimen das revoluções e das deposições... As milicias de Belzebú compõem-se, segundo os mais rigorosos demonologistas, de 6.666 legiões, formada cada uma de 6.666 demonios. No inferno ha a classe aristocratica, e ha a plebe: diabos ricos e diabos pobres, diabos que governam e diabos que pagam. Como os homens souberam crear um inferno á imagem do mundo em que vivem!... Todos os nobres do inferno pertencem á ordem honorifica da «Mosca». A palavra Belzebú significa: «Se-

nhor das Moscas». Satanaz, o Imperador des-thronado, não pertence a essa ordem da Mosca, nem a ordem nenhuma: Satanaz é o chefe do partido da opposição; naturalmente, vive affastado do poder e do orçamento, escrevendo artigos e fazendo discursos de opposição contra Belzebú... Em torno de Belzebú, que, como o negus Menelik da Abyssinia, se pôde intitular o Rei dos Reis, ha quatro reis que commandam os quatro pontos cardeaes, vinte e tres duques, treze marquezes, dez condes... Como tudo isto é tolo! não achaes? E' tolo, sim... mas, por causa d'estas tollices, muitos milhões de creaturas humanas morreram nas fogueiras...

Vamos agora contemplar — não tenhaes medo! — o retrato do Diabo. Como apparece o Diabo? Sempre é bom conhecê-lo...

O conselheiro Delancre, presidente de muitos tribunaes em que se julgaram varios processos de feitiçaria, descreveu assim a figura do Principe das Trevas, de accordo com o depoimento das pessoas que confessavam havel-o visto no Sabbath: «Tem o rosto pallido e conturbado, os olhos enormes e esbugalhados, uma barba de bode, o pescoço mal construido, o corpo meio de homem meio de cabra. A sua voz é rouca. Tem o aspecto de uma creatura melancolica e aborrecida...» Melancolica e aborrecida, provavelmente pela obrigação de aturar tanta gente idiotamente credula...

Mas de quantas formas humanas é capaz de se revestir o espirito maligno! Houve quem o visse, por exemplo, com a apparencia de um Mouro, de olhos brilhantes como dois carbunculos, e houve quem o encontrasse sob a figura de um ethyope, cerradamente preto, lançando fogo pelos ollhos, e pondo fóra da bocca uma lingua do tamanho de dois metros! A este proposito, convém notar que,

se é frequente que os povos de côr branca vejam o diabo sob a forma de uma pessoa de côr preta, o caso contrario tambem é frequente. Assim, varias tribus africanas acreditam que o Diabo é um sujeito inteiramente branco. Essa crença é natural: para os pobres africanos, quem deve ser afinal o Diabo? deve ser naturalmente o europeu branco, que os escravisa e os mata... Nós, frequentemente, attribuimos ao Diabo a forma, os predicados, e as qualidades das pessoas a quem mais odiamos: assim, durante a lucta religiosa da Reforma, no começo do seculo XVI, o Diabo, para Luthero, era o papa; e, para o papa, era... Luthero.

O grande Seductor não apparece sómente sob a forma de uma creatura humana. Apparece tambem sob a forma do porco, do macaco, do gato, do bode, do sapo, do corvo; apparece ainda como um dragão, como uma esphinge, como uma chimera, como uma aranha; e póde ainda tomar a forma de um objecto inanimado: uma hespanhola de Toledo bebeu um dia o Diabo, elupando uma laranja; e Sprenger, um homem que mais do que ninguem entende d'estas cousas de demonologia e de feitiçaria, diz que uma religiosa, certa vez, achou o Diabo numa folha de alface que ia comer...

Mas, de entre as formas de animaes, a forma preferida pelo Diabo sempre foi a do lobo. Ha por ali alguem que não tenha, já não digo visto um lobishomem, mas ouvido fallar d'elle? Para bem dizer, o lobishomem não é propriamente o Diabo: é uma creatura possuida do Diabo, e que *vira lobo*, como tambem ha certas creaturas que *viram mula sem cabeça* por motivos que não me convem explicar aqui... Essa transformação de uma creatura humana num lobo chama-se «lycanthropia». E não eram sómente aquelles, que

de bom grado se vendiam ao Diabo, que *viravam* lobishomens: todos aquelles, que os Papas ou os Bispos excomungavam, tambem se transformavam em lobos. E não eram os homens sómente: eram as mulheres tambem... Michelet copiou de um velho livro francez uma lenda terrivel. Certa noite, um caçador atirou sobre um lobo. Não o matou, mas cortou-lhe com o tiro uma pata. O caçador levou consigo essa pata, e foi hospedar-se num castello visinho. «Então, que tal a caçada?» perguntou lhe o castellão. «Só caçei uma pata de lobo!» disse elle, gracejando. E quando ia mostrar ao castellão o trophéo da sua caçada, viram os dois com espanto que o que alli havia era uma mão, uma mão de mulher, em um dos dedos da qual o castellão encontrou o anel de sua propria esposa... Foi chamada a castellã: appareceu, pallida, e escondendo o braço. Esse braço não tinha mão; a mão, arrancada á loba, adaptava-se perfeitamente ao punho decepado... A castellã confessou então que todas as noites, disfarçada em loba, ia encontrar o Diabo na floresta,—e foi queimada viva. A fogueira era sempre o triste epilogo d'esses dramas, que a estupidez e a maldade dos homens engendravam...

Cabe agora aqui uma referencia, ainda que rapida, aos nossos diabinhos, aos diabinhos nacionaes, que povoam os mattos brasileiros. Seria mais do que injustiça não tratar d'elles: seria falta de patriotismo.

Conheceis o *capóra*? conheceis o *sacy*? conheceis o *capeta*?

Serão demonios verdadeiros? ou serão apenas «espíritos da floresta»? Os primeiros diabinhos dos primeiros tempos do christianismo que eram?—eram os faunos, eram os sylvanos, eram os espíritos do bosque... Assim,



podemos, com legitimo orgulho, afirmar que tambem possuimos demonios nossos, bem nossos: porque o *capeta*, o *sacy*, o *capóra*, se não são o próprio Diabo, são filhos d'elle.

E' difficil descrever o typo de cada um d'esses diabinhos, porque em cada ponto do sertão brasileiro os matutos os veem de forma differente: tão certo é que cada homem imagina o Diabo de accordo com o seu proprio temperamento... Quanto ao *capóra*, a tradição mais espalhada é a que o pinta como um caboclinho, de uma perna só, e de cabeça enorme: é terrivel! quando se agarra a um matuto, só o deixa depois de o ver desgraçado para o resto da vida. O *capeta* é um diabinho de outro genero; não é malvado; é travesso, é traquinas, é o que se costuma chamar «um diabrete»: entorna as billas de leite, apaga o lume do fogão para infernar as cosinheiras, desarruma a casa, põe areia na sôpa, põe cinza no sal,—faz, enfim, as mais complicadas e engraçadas diabruras. O *capeta* é irmão-gemeo de um certo diabinho allemão, que, na Idade Média, infernava particularmente os boticarios, azedando-lhes as mésinhas, e entupindo-lhes o pipo das seringas... Quanto ao *sacy*,—um poeta nosso, Ezequiel Freire, descreveu-o assim:

“Das noites sem luar nas horas mortas,  
quando a lareira não tem mais gravetos,  
e é tudo escuridão pelas senzalas,  
e só se esenta o resomnar dos pretos:

surge d'alem, das bandas da tapéra,  
cavalgando um corcel de taquary,  
o pavoroso espectro das madornas,  
o heróe das sextas feiras —o “Sacy”.

Traja quimão de baetilha escura,  
carapuça em funil, hirta e vermelha:  
guarda na dextra as redeas de tabúa  
e a ponta do cigarro atraz da orelha...”

Vejamos agora... Se o Diabo é o genio do Mal, se todo o soffrimento vem d'elle, como se explica que a humanidade nunca o tenha odiado francamente, abertamente, radicalmente? O que se observa, na opinião que os homens sempre tiveram do Diabo, é que essa opinião é uma mistura de terror e—não direi de amor—mas de *sympathia*. Os homens sempre tiveram medo d'elle: mas, ao mesmo tempo, sempre lhe acharam graça e sempre se condoeram da sua sorte de condemnado.

E' que realmente o Diabo «não é tão feio como se pinta». E, a proposito: sabeis quem foi o auctor d'essa phrase «o diabo não é tão feio como se pinta»? Não foi um hereje, um livre pensador, um inimigo da Igreja; foi um ecclesiastico, um *clergyman* inglez, o reverendo George Herbert...

Já vos disse que, na Idade Média, havia demonios que se prestavam a auxiliar, como anjos bemfazejos, as donas de casa: varriam e arrumavam os quartos, accendiam o fogo, ninavam as crianças,—em tróca de um pouco de comida. Mas a bondade do condemnado ainda se manifestava de modo mais claro naquelles tempos. No regimen feudal, o Diabo era democrata: para defender os servos, perseguia os senhores; para amparar os bons, castigava os maus; para salvar os pobres, opprimia os ricos.

Ouvi esta historia, extrahida de um sermão de João Herold, monge do seculo XV. Um baillio, collecter de impostos, opprimia duramente o povo. Um dia, quando ia arrecadar os tributos da população de certa aldeia, encontrou o Diabo. Caminharam juntos. Apareceu na estrada um camponez, que levava á feira um cevado. O porco não queria marchar, e grunhia, e berrava; e o camponez, exasperado, dizia: «Carregue-te o Diabo, porco maldito!» E o baillio perguntou ao Diabo:

«Está ouvindo? não lhe agrada o offerecimento?» «Não!—respondeu o Diabo, com um sorriso de desdém—para que quero eu um porco? é pouco para mim!...» Mais adiante, á porta de uma choupana, um menino fazia manha, espojava-se no chão, aos gritos: «leve-te o Diabo, menino malcriado!—» exclamava a mãe do pequeno. «E agora?»—perguntou o baillio. «Ainda acho pouco!—disse Satanaz—para que quero eu uma pobre criança?...» Chegaram enfim á aldeia. O povo, que conhecia bem o seu algoz, começou a bradar, assim que o viu: «Ahi vem o verdugo dos pobres! O Diabo que te carregue, malvado!» E, então, o Diabo exultou, clamando, com um riso de triumpho: «Agora, sim! agrada-me a proposta!» E arrastou o collecter de impostos para o inferno.

Outra historia, que é narrada por um padre italiano. Em certa cidade de Italia, um viajante hospedou-se em uma estalagem, e confiou ao estalajadeiro, em deposito, uma somma de dinheiro. No dia seguinte, reclamou o deposito. O hospedeiro negou que o houvesse recebido. O homem, indignado, começou a quebrar as louças, os moveis, as vidraças do albergue. Viéram os soldados, levaram-no ao carcere. O estalajadeiro ladrão instaurou processo contra a victima, que, não tendo dinheiro, não achava advogado que o quizesse defender. Mas, no dia do julgamento, appareceu, em meio da audiencia, um lindo mancebo, que ninguem conhecia, envolvido num largo manto negro, e trazendo na cabeça um gorro com plumas vermelhas: apresentou-se como advogado, e tomou a si a defeza do réu. O albergueiro, depois de se defender eloquentemente, exclamou: «Juro que não recebi tal deposito! Se não é verdade o que digo, o Diabo que me carregue!» E, immediatamente, o mysterioso advogado, despojan-

do-se do manto, desdobrando nos ares um par de immensas azas rubras, clamou: «faço-te a vontade!»—e, agarrando o patife, sumiu-se com elle atravez do tecto da sala...

E eu não acabaria hoje de contar-vos historias, para vos demonstrar que, naquelle tempo, conforme a crença popular, Satanaz era um distribuidor de justiça, e um provedor de misericordias.

Hoje, o Diabo vive desmoralizado. Já nada faz, de bom, nem de máu.

Só o vemos, actualmente, durante o Carnaval, nos «cordões», entre a Morte e o Velho, ao frenetico zabumbar do «Zé-Pereira». E' bom lembrar que esses «cordões» carnavalescos, em que figuram a Morte e o Diabo, são ainda reminiscencias, reproducções deformadas de uma cerimonia da Idade Média: a Dansa Macabra. Mas a Dansa Macabra dos nossos carnavaes não é sinistra: é alegre. E sabeis o que me parece, nos bandos carnavalescos, o Velho, quando o vejo, com a sua enorme cabeça grotesca e o seu grosso bastão, entre a descarnada Morte e o trefego Diabo?—parece-me o Bom Senso da nossa idade civilisada, que já não receia dar o braço direito á Morte, porque sabe que ella é tudo quanto ha de mais natural, nem receia dar o outro braço ao Diabo, porque sabe que elle não passa de uma invenção...

O Diabo está desmoralizado. Só os poetas, —as eternas crianças— ainda acreditam, ou fingem acreditar nelle. E não resisto á tentação de ler-vos uma linda poesia, em que Vicente de Carvalho diz qual foi, em sua opinião, a melhor invenção do Diabo:

Deus, entregando ao Diabo a metade do mundo,  
Deu-lhe a parte peor, como era de razão ;  
E, para arrecadar seu patrimonio, o Immundo  
Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.

Tomando para si todo o immenso thesouro  
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,  
Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro  
Nas estrellas da noite e no esplendor do dia :

Póde esparzir na areia as perolas do orvalho,  
Matizar de rubis a aza de um beija-flor,  
Fazer a primavera, e pôr em cada galho  
O gorgoejo de uma ave, e o riso de uma flor...

A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,  
O odio como prazer, como poeilga um poço :  
E elle, lá no seu reino escuro, a vida leva  
De um cão magro, a que dão muita pancada, e um osso

E é por isso que, enquanto a mão de Deus semeia  
Astros de ouro no ceu, mèses de ouro no pó,  
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia  
De lepra e maldição, como o punho de Job.

.....

Só uma vez Satan respirou satisfeito,  
E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso,  
Quando um dia, ao sahir do seu covil estreito,  
De repente se achou dentro do Paraizo.

A primeira impressão, que teve, foi de inveja :  
D'aquelle estranho quadro o imprevido esplendor  
Só lhe pôde arrancar á bocca mal ferida  
Tivos de cão ferido, imprecações de dor.

Mas, de subito, como o corisco clareia  
O tenebroso ceu nas borrascas de Agosto,  
Uma ideia triumphante, nma sinistra ideia  
Fuzilou-lhe no olhar e illuminou-lhe o rosto :

Sobre um macio chão, todo em musgos e rosas,  
Eva, formosa e nua, adormecera ao luar...  
E, sobre a alva nudez d'essas fórmas graciosas,  
Satan deixou calhir um desdenhoso olhar.

Mas, num sonho talvez de cousas ignoradas,  
Num desejo sem alvo, imperfeito e indeciso,  
Eva os labios abriu—e abriram-se, orvalhadas  
De um suspiro de amor, as rosas de um sorriso...

Espantado, Satan viu que esse marmore era  
Animado e gentil, ardente e encantador :  
Como um resumo viu de toda a primavera  
Na frescura sem par d'aquella bocca em flor.

E foi sómente então que o Principe da Tréva  
Imaginou o amor furioso e desgrenhado,  
E resolveu fazer dos rubros labios de Eva  
O calix consagrado ás missas do Pecado:

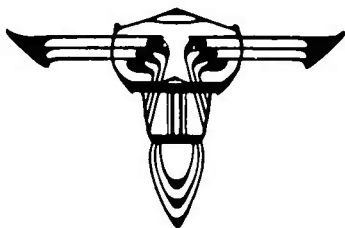
Labios feitos de mel, de rosas ao sereno,  
De ceu do amanhecer, franjado em rosieler...  
Entreabriu-os Satan : e, enchendo-os de veneno,  
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher !

Infelizmente para o Diabo, isto não passa de uma ficção poetica. Se elle, realmente, houvesse inventado cousa tão boa, essa criação bastaria para que lhe perdoassemos tudo quanto houvesse feito de máu...

Mas não é essa a unica obra que se lhe attribue.

Imaginemos que Satanaz tenha existido, e exista ainda. Se é elle o auctor de tudo quanto se lhe imputa, é mister confessar que os homens lhe devem muita gratidão. Sabeis que as mais crueis perseguições, armadas contra as pessoas sobre as quaes pesava a accusação de entreterem relações intimas com o Diabo, começaram justamente na época em que se deu a invasão da Europa pelos arabes. Os arabes, no meio da selvageria do seculo X, levaram á Europa uma civilisação adiantadissima. Levaram-lhe a chimica, a astronomia, a arithmetica, a botanica, a medicina, a cirurgia, a pharmacia... Tudo isso, áquellas populações incultas, pareceu logo obra do Diabo. D'ahi por diante, a Sciencia não mais deu um só passo, sem que todo o seu progresso fosse attribuido á collaboraçoão do Genio do Mal. Foi elle quem inventou a bussola, o papel, a imprensa, o vapor, a electricidade...

Sabemos bem que quem creou tudo isso foi o Genio Humano. Mas imaginemos que tenha sido o Diabo... E, nesse caso, reconhecamos que o que elle fez vale alguma cousa mais do que aquelle humilde gafanhoto, que, no poema de Hugo, vemos sahir da officina infernal, depois de um insano e formidavel forjar !



# DON QUIXOTE





# DON QUIXOTE

*(Gabinete Portuguez de Leitura. 12 de  
junho de 1905.)*

E' em Argamasilla, humilde burgo da Mancha, não longe da agua escassa do Guadiana.

Felipe II, «o Demonio do Sul», acaba de morrer, no Escorial, quatorze vezes sacramentado, abraçado á imagem do Deus do Amor, que a sua ferocidade transformou num Moloch devorador de vidas.

A Inquisição triumphia. A Hespanha definiha. A Invencivel Armada, com os seus cincoenta mil homens de terra e mar, e os seus tres mil canhões, em cento e cincoenta navios formidaveis, partida de Lisboa, entre repiques de sinos, para assombrar e assolar o norte da Europa, e naufragada nas costas da Inglaterra, engulida pelas ondas, no mais horrendo desastre naval que a Historia registra, — arrastou consigo para o fundo do oceano a fortuna de Hespanha, a ambição do Rei Inquisidor, e o Imperio Universal sonhado por Carlos V... A miragem das riquezas da America arrebatou da terra a gente válida que as guerras pouparam. A gente, que fica, vive anciando e penando, num pesadêlo. Nos campos, a lavoura morreu. A alegria desertou as cidades. Ainda os poetas cantam; mas o Pensamento desapareceu da Poesia, exilado pelo despotismo; a

litteratura é apenas a palavra vasia e retumbante; Gongora é um semideus; tudo é inversão, tudo é metaphora, tudo é futilidade; e o poeta, para não morrer de fome, ou para não ser assado vivo, tem de comprimir e suffocar o seu talento, e ha-de implorar para os seus versos, em dedicatorias que rastejam e lambem o pó do chão, o apoio compadecido de um Grande. O Escurial, levantado ha pouco, em cumprimento de um voto do Rei, tem, para lembrar o martyrio de S. Lourenço, a fórma de uma grelha immensa: os pés são as quatro torres; o cabo é o torreão da fachada oriental; e, sobre os jardins, alinham-se os dezeseite claustros, como as barras da grade candente sobre renques de brazas. Essa architectura symbolica é a representação fiel do colossal assador, em que, ha 200 annos, se está estorcendo e chiando o corpo da miseranda Hespanha, consumido a fogo lento...

Ora, em Argamasilla, num escuro ergastulo da casa de Medrano, ha um homem, um prisioneiro, que veio acabar na prisão uma vida errante, de aventuras, de perigos, de combates e de afflicções. O carcere é immundo, sem ar e sem luz. O encarcerado é fraco, desprotegido, prematuramente envelhecido pelos trabalhos, physica e moralmente arruinado pelo desespero.

Este homem, que foi outr'ora um brioso e galante mancebo, temido de homens e amado de mulheres, de agil corpo afeito ás caminhadas e ás pelejas, barbas de ouro fulgido, olhos chispantes de alegria e coragem, risoulha bocca espirrando o sangue da saúde, robusto de braço e leve de pés,—é hoje um quasi ancião, enfermo e estropiado. Na batalla de Lepanto, um arcabuzação lhe mutilou a mão direita; enterrou-lhe outro golpe duas costellas na arca do peito; no hospital de Messina, curtiu lon-

gamente a dor das feridas e a dor do isolamento; em Corfú, em Navarino, em Tunis, devoraram-lhe o estomago as fomes, abraçaram-lhe as sêdes a garganta, aguararam-lhe e envenenaram-lhe o sangue as febres malignas. Muitas vezes, do navio em que affrontava a morte, viu outros navios, incendiados pelos brulotes ou estripados pelos esporões, anciarem e desaparecerem nas aguas, com uma palpitação de agonia nas vélas offegantes, como grandes aves fulminadas no vôo; assistiu muitas vezes ás abordagens ferozes, em que o convéz de cada barco ficava alcatifado de corpos humanos, retalhados e esmigalhados pelo tropel dos combates, entre gritos de colera e uivos de dor; viu muitas vezes o mar tingir-se, num largo raio, na purpura do sangue vivo; viu victorias e derrotas, naufragios e apotheóses... Depois, quando a nostalgia, o cansaço, a miseria, o nojo da matança o traziam de novo á Hespanha bem amada, viu-se aprêzado por um troço de piratas, carregado de ferros, e foi remar como captivo nas galés da Argelia: e teve, então, cinco annos de captiveiro e desespero, com intervallos fugazes de vida e esperança,—vida para reagir contra a morte, esperança de resgate ou evasão, vida e esperança bem cedo desfeitas sempre pela desillusão, anniquilladas pelo duro trabalho ao sol candente, sob o peso das grillhetas, sob o supplicio das tagantadas, na vergonha e na amargura...

Vede-o agora, aqui, na sua prisão de Argamasilla. Já não são mouros os seus carcereiros. São hespanhóes, são christãos, são irmãos. Não o quiz a Morte, para prêza sua, no redomoinho de fumo e sangue de Lepanto, nem na podridão do hospital de Messina, nem na infamia das galés de Argel. A Miseria e a Gloria, irmans gêmeas no amor e no desamor, marcaram este homem para outro destino. Aqui

o tendes, encarcerado por dividas, pagando o crime de ser pobre... Argamasilla é uma aldeia esquecida; a Côrte está longe, em Valladolid; Felipe III mal acha tempo para acudir ao desmantelo do vasto imperio: ninguem pensa no pobre guerreiro mutilado, que aqui está com a barba de ouro mudada em barba de neve, misero invalido, sem dinheiro, sem amigos, sem protecção...

Notae, porém: da antiga belleza varonil, alguma cousa lhe ficou, o lume do olhar, em que o Sonho acende fagulhas divinas, e a malicia da bocca desdentada, devastada pelo escorbuto, onde ainda se fixa um sorriso de superior ironia e de infinito orgulho. O encarcerado escreve... Ao tímido fulgor do raio de sol, que entra a custo pela setteira do carcere, ou á luz mortíça da lampada, a sua mão vae traçando no papel linhas febrís. A's vezes os seus olhos choram; mas sempre a sua bocca sorri: e sorrisos e lagrimas vão ficando gravados nas folhas que juncam o sólo. Nellas, como num seio inerte e vasio, repentinamente animado por um sopro creador, vão cahindo e vivendo os mundos infinitos de revoltas, de angustias, de sarcasmos, de motejos, e ao mesmo tempo de piedade, que este homem tem dentro de si. E' a creação de um universo moral, que palpita, ganha corpo, fulgura, rumoreja, troveja, entre as quatro paredes da masmorra estreita!

Tudo quanto formou e agitou até aqui a alma hespanhola:—toda a graça da terra; toda a pureza do céo; a fusão das raças,—a serenidade romana, a brutalidade dos visigodos e dos suévos, a bravura dos arabes, o fanatismo dos conquistadores catholicos; o amalgama dos dialectos, formando uma lingua sensual e fogaosa, que tem arrulhos de pomba para o beijo e ullulos de féra para a blasphemia; a epopéa brilhante do Cid, o encanto da Renas-

cença importada da Italia; a gloria de outr'ora e as humilhações de agora;—tudo se funde, tudo se illumina, tudo arde, passando atravez do genio d'este homem, que amassa em lagrimas o coração e o cerebro, para crear a Epopéa do Riso. Dias do carcere, escuros como noites, noites da masmorra, compridas como seculos, podeis correr uniformes e immutaveis! podeis doer, velhas feridas do soldado! podeis pesar, annos de desconsolo e isolamento! podes pedir pão, estomago nunca bem alimentado! podes pedir descanso, corpo nunca repousado! podes pedir amor, alma nunca entendida!—o Creador não vos sente nem vos escuta: Cervantes está escrevendo o « Don Quixote »!

Quando este livro se tornou conhecido, na sua primeira parte (que é a sua verdadeira alma, porque é filha legitima da miseria de Cervantes), um riso formidavel, mais espalhado e farto do que aquelle que, quasi um seculo antes, saudara o apparecimento do *Gargantua*, de Rabelais, sacudio, num frenesi de alegria, toda a Europa do seculo XVII, cansada das guerras, das depredações, das fogueiras e do luto. Foi o desafogo da alma humana! E ha tres seculos que esse riso está dando, como um cyclone, a volta do planeta. Não se póde dizer com segurança quantas edições já teve o romance immortal. Em todas as linguas, em quasi todos os dialectos que se fallam na superficie da terra, os homens têm podido ler, com enthusiasmo, as aventuras do engenhoso fidalgo e do seu gracioso escudeiro. Para desmascarar um impostor, que tentara completar o *Don Quixote*, Cervantes publicou, em 1615, a segunda parte da novella, que, assim acabada, continuou a ser traduzida e imitada, fazendo a conquista de todas as raças.

Não sei quem disse que todos os homens, ainda os menos melancolicos, os mais accessiveis á alegria, tem em si uma grossa caudal de lagrimas, ao lado de um fio escasso de risos... A verdade é que, em cem escriptores, ha noventa e nove, que sabem commover e fazer chorar, e apenas um, capaz de divertir e fazer rir. E ninguem jamais divertio a humanidade como Cervantes! Milagre do genio: extrahir da propria miseria a alegria universal!

O segredo da *vis-comica*, que reside no *Don Quixote*, é conhecido. Nunca a intelligencia humana creou uma representação tão clara e verdadeira do eterno contraste que rege a vida: a approximação da aza, que quer o céo, e da pata, que se aferra ao chão. Sósinho, D. Quixote seria apenas um desequilibrado, possuido da mania da bravura; sósinho, Sancho seria apenas um camponez boçal e velhaco; juntos, porém, — como, por um caso de teratologia, dous fructos dispaes da mesma arvore, — D. Quixote e Sancho são a Vida... Cervantes amalgamou, nessas duas figuras, que são gêmeas apesar da sua contenda de origem e essencia, os symbolos da dualidade moral. E' a aguia e o bacoro, a alma e a besta, o cerebro e o estomago, o sonho e o appetite...

O contraste é exagerado, no livro, até o delirio do comico e do abstruso.

O heróe é alto, esguio, espectral, como um desfolhado pinheiro no inverno; o escudeiro é baixo e roliço, como um succulento repolho no outono.

As duas alimarias, que atravessam a novella, reproduzem a antithese: Rossinante, pelle e ossos, tem o desprezo das pancadas, a fome orgulhosa, o padecimento taciturno, como quem sabe que a vida, para ser nobre, tem de ser trabalhada e soffredora; a outra, o asno de Sancho, cerdas e adipe, empaca no perigo,

orneja com convicção diante dos campos verdes, como quem considera que todos os animaes só vivem para amar a vida e as cousas boas da vida...

D. Quixote ama uma sombra, uma visão, uma deusa gerada no seu cerebro, uma entidade intangivel, em quem concorrem todas as perfeições da magestade e da graça. Sancho tem em casa uma mulher, que fulmina um boi com um socco, e uma filha que, para arrotear os campos, vale por dois homens. Dulcinéa, que não existe, é para D. Quixote a suprema belleza, digna das homenagens de todos os reis da terra: «Dize-me, Sancho amigo, que estava fazendo, quando a viste, aquella rainha da Formosura? estava ensartando perolas, ou bordando em seda com canutilho de ouro alguma prenda para o seu cavalleiro? — Não, meu amo, estava joeirando duas fangas de trigo num pateo! — Mas, assim que a encontraste, Sancho amigo, não sentiste um divino odor, uma suave fragancia? — Em verdade lhe digo, meu senhor, que senti um cheiro de... suor! — Era o teu proprio cheiro, desalmado! que eu bem sei o perfume que deve ter aquella rosa entre espinhos, aquella lyrio do campo!...» Tal é, para D. Quixote, a Dulcinéa irreal. Para Sancho, a anafada Mari-Gutierrez, bem real e bem rude, é o que vale e vale o que é: «Saiba vossa mercê, meu amo, que ainda que Deus chovesse reinos e reinos sobre a terra, nenhum delles assentaria bem sobre a cabeça de Mari-Gutierrez!...»

D. Quixote é leal e innocente como uma criança que não conhece a maldade: todos o enganam, porque elle é o primeiro a enganar-se. Sancho é matreiro e velhaco: tem a esper-teza do simio, a voracidade do rato, a astucia da rapoza; se acredita na missão do amo, é porque espera da sua liberalidade o governo de uma ilha, um condado, ou, ao menos, um sacco de dobrões para o dote de Sanchica, ou



uma albarda nova para o seu jumento, ou tres frangos para o seu quintalejo. D. Quixote é a cigarra, Sancho é a formiga. Um adora o aço das espadas, que, ainda quando se enferruja, concentra em si o fulgor da gloria; o outro adora o ouro das moedas, que não se enferruja nunca, e concentra em si todos os gozos da vida. O heróe passa a existencia a lêr, e come pouco; quando jejúa, jejúa com o calado orgullho de Rossinante; o escudeiro não sabe lêr e devora: quando não come, protesta e orneja como o asno. Um quer salvar das refregas a honra e a espada; o outro, os alforges em que traz o queijo e a cebola. Sonhar e batalhar, é a ancía de D. Quixote; comer e dormir, é o ideal de Sancho.

Roto, faminto, pisado lanceado, escalavrado, D. Quixote vai pelos campos e pelas azinhalgas, por montes e valles, por aldeias e desertos, buscando viuvvas e orphãos que careçam de amparo, donzellas que requeiram defesa, innocentes que padeçam fome e sêde de justiça, — e caminha dentro do seu sonho radiante, como dentro de um halo fulgido, através do qual vê tudo transformado e encantado. Os moinhos de vento são tribus de Briareus, de cem braços e cincoenta ventres. As vendas miseraveis, cheias de arrieiros e vaganaus, são castellos; o moço de estrebaria, que vem abrir a porta, é o homem de armas, que alça a ponte levadiça; o estalajadeiro, oleoso e bronco, é o senhor feudal, que, de volta das guerras cruentas, repousa na administração do seu feudo; e, á hora da partida, se Maritornes aponta á janella, é a nobre donzella chorosa que se despede do cavalleiro ingrato. A bacía amolgada, que o barbeiro, acommettido e assustado, deixa cahir na pressa da fuga, é o elmo encantado, que Reinaldo de Montalvão conquistou ao rei Mambrino. Os ôdres de couro, estripados a pontações de espada, espirrando vinho

grosso, são os corpos dos gigantes vencidos, golfando sangue. No theatrinho de maese Pedro, este titere pequenino e esfarrapado é o verdadeiro Carlos Magno em carne e osso; aquelle outro, brandindo uma vareta de páo, é o glorioso Rolando, em cujo punho a invencível Durindana faisca e roda, despedindo raios... E, numa roda viva de golpes, de quedas, D. Quixote não sente as pauladas e as pedradas que o contudem e racham. E notae que todo esse arrebatamento de alma é sincero, como real e sincera é a sua bravura; D. Quixote nunca mentio; o que elle vio na cova de Montesinos, foi realmente visto pelos seus olhos allucinados; e, quando, no caminho de Saragossa, os seus olhos se fixam nos olhos do leão que o Governador de Oran envia ao Rei de Hespanha, — é a féra quem tem medo...

Emquanto isso, que faz Sancho Pança? diz rifões e come... O seu nariz, empinado e ancioso, fareja longe o cheiro suave dos quartos de cabrito, que se assam nos ranchos dos pastores, dos nacos de toucinho, que se desfazem nas panellas das estalagens, e dos requeijões, com que elle suja e profana o elmo de Mambrino. Quando o amo arremette em furia contra o inimigo, o escudeiro vai contemplar a batalha do alto de uma arvore, e, de lá, deixa cahir, entre gemidos e conselhos, a voz da prudencia... O dia mais negro da vida de D. Quixote foi aquelle em que elle teve, ultrajado e vencido, com a vizeira sob a ponta da lança do Cavalleiro da Lua Branca, de prometter que se retiraria da carreira das armas; e o dia, entre todos triste, na vida de Sancho, foi aquelle em que elle teve de sahir das bodas de Camacho, sem haver provado o gosto do gordo novillo assado, em cujo ventre dormiam, á maneira de recheio, doze leitões cozidos...

Ah! quem não ha de rir da loucura de um, da animalidade do outro, da graça dos dois?

Mas, de certo, já vos aconteceu, algumas vezes, o que a mim me tem acontecido muitas vezes, quando leio *Don Quixote*. Ides lendo, ides rindo, — e, de repente, ha uma singular e inesperada tristeza, que vos gela o riso nos lábios. Sacudis essa melancolia importuna, e, considerando de novo a esgalgada figura grotesca do combatedor de moinhos e a brejeirice do escudeiro balurdio, ensaias de novo um riso satisfeito... Em vão! a vontade de rir passou; qualquer cousa, vaga e imprecisa, veio quebrar o encantamento; foi um rictus de dôr, foi um abafado gemido de tortura, foi um suffocado ranger de dentes, — que vieram revelar o fingimento da alegria que parece animar o livro. E sentis, então, suspendendo o riso sacrilego, que a novella graciosa tem, como todas as obras de arte que o Genio marcou com o seu cunho inconfundivel, um duplo sentido. E, aqui, o sentido occulto, aquelle que não percebem as crianças e os adolescentes que lêem *Don Quixote*, aquelle que sómente os homens maduros, trabalhados pela vida e pelas suas decepções, podem perceber, — é amargo como o fel, frio como o gelo, e duro como o aço...

Este livro é a satyra mais feroz e dolorosa com que jámais se amaldiçoou a baixeza da condição humana. Os seus 116 capitulos são as 116 estações da Via-Sacra do Ideal. O Sonhador caminha de desillusão em desillusão e de desastre em desastre. Tudo quanto de bello o seu sonho cria e anima fica logo desfeito em fealdade e em vulgaridade. Já não ha, na terra, aventuras dignas de tal aventureiro! Nem, ao menos, as lutas, em que elle se empenha, têm um fim tragico e nobre; o heróe não rola no sangue, — rola no pó; não é acutilado ou picado por montantes ou piques de heróes, — é amassado por azas de moinhos, moído ás pauladas por arrieiros brutos, espesinhado por manadas de carneiros, apedrejado por tunantes e recoveiros...

Porque soffre tanto este homem? porque é justo, e porque é bom...

Na sua aldeia, antes da allucinação, que o levou a sahir pelo mundo a correr andurriaes e a crear aventuras, todos o amavam. Depois de exaltado pela leitura dos livros de cavallaria, houve nelle uma hypertrophia da bondade; a sua misericordia dilatou-se, generalisou-se, já não se contentando com dar allivio aos que soffriam perto da sua casa; considerou que o mal imperava em toda a terra, que por toda a parte ardiãam lagrimas, que não havia uma pollegada da superficie do globo que não estivesse manchada pela iniquidade. Acicalou uma velha espada, desenferrujou um velho côto de lança, poz uma viseira de papel sobre um morrião abollado,—e sahio a endireitar as cousas tortas da vida...

Quereis ver, a um tempo, qual era o seu sentimento de justiça, e qual era o seu amor da bondade? Relêde os seus conselhos a Sancho Pansa, quando este balordo, inchado de ambição e de orgulho, vai governar a sua ilha da Barataria. Tresentos annos,—tres seculos!—passaram sobre a lettra d'esses conselhos; mas a sabedoria, que nelles reside, tem uma perpetua mocidade, e uma inalteravel frescura. Quem ainda hoje se arvorasse em conselheiro e mentor de um governante inexperiente, poderia e deveria repetir-lhe, sem a menor alteração, estas profundas e sobrias sentenças, que não ficariam mal se fossem gravadas, á maneira dos distichos romanos, nas paredes de todas as casas de governo:

«Achem em ti mais compaixão, Sancho fiel, as lagrimas do pobre, porém não mais justiça que as allegações do rico. Procura descobrir a verdade entre os soluços e as importunações do primeiro, como entre as dadivas e as promessas do segundo. Onde houver lugar para a equidade, não carregues a mão no rigor da

lei. Se houveres de dobrar a vara da Justiça, que seja com o peso da misericórdia, e não com o dos favores. Quando tiveres de julgar o pleito de um inimigo, aparta de ti a lembrança da injúria recebida, e pensa apenas na verdade da causa. Não te cêgue a paixão própria em causa alheia, porque os erros, que d'ahi nascerem, as mais das vezes serão sem remedio. Se alguma linda mulher vier pedir-te justiça, affasta os teus olhos das suas lagrimas, affasta os teus ouvidos dos seus lamentos, se não quizeres que a tua razão se afogue no seu pranto, e a tua virtude nos seus suspiros. Se a alguém tiveres de castigar com actos, não o maltrates com palavras, pois já basta ao desditoso a pena do supplicio, sem o supplemento das offensas. Considera o culpado, que cahir debaixo da tua jurisdicção, como creatura miseravel, sujeita ás condições da nossa triste natureza; e, em quanto te couber, por tua parte, sem fazer agravo á parte contraria, mostra-te piedoso e clemente, porque, máo grado sejam iguaes todos os attributos de Deus, mais resplandece, a meu ver, o da misericórdia que o da justiça!...»

Tal é, assim pensa, assim discreteia o homem, para cujo supplicio entram em acção todos os páos nodosos arrancados ás arvores e todas as pedras apanhadas no chão da Mancha...

E' tão barbaro, tão continuo, tão constante o soffrimento d'este homem bom, na sua louca jornada através da maldade humana, que, ás vezes, uma revolta levanta o espirito do leitor contra a crueldade com que o seu creador o creou para a tortura e para o ridiculo. Já um critico allemão escreveu que, imaginando e compondo o *Don Quixote*, Cervantes revelou quasi possuir a fria maldade de um inquisidor... Sim! naquelles tristes dias e naquellas tristes noites da sua prisão de Argamasilla,

Cervantes sabia que estava escrevendo um livro cruel. Houve e ha quem, para em si mesmo se vingar dos seus erros e dos seus peccados, se supplicia com cilicios e disciplinas, em penitencias terriveis: era isso o que Cervantes fazia, quando, com um gozo satanico, inventava e multiplicava os padecimentos do seu heróe. D. Quixote era uma exteriorisação da personalidade de Cervantes; aquelle trabalho de creação era um supplicio voluntario. E era a si mesmo que o poeta fallava, quando fallava á sua ficção: «Ah! tu queres ser bom, bravo, generoso, misericordioso, sonhador, numa época em que a vida e a felicidade sómente são compatíveis com a maldade, a hypocrisia e a baixaza? pois succumbe ás pedradas e aos golpes do ridiculo, Cavalleiro da Triste Figura! erra pela vida, exposto ao riso e ao sarcasmo! e, quando sentires que a morte se aproxima, confessa o teu erro, e morre, como deverias ter vivido, sem coração e sem cerebro, equiparado pela animalidade aos teus contemporaneos!»

Lugubre, tragica, desesperadora philosophia, a que se encerra nesta Épopéa do Riso!... Vêde como a bravura de D. Quixote é humilhada, a sua generosidade mal comprehendida, a sua abnegação ultrajada; cada beneficio seu é pago com uma ingratição, cada beijo com uma dentada, cada esmola com um insulto. O exaltado amor da Verdade e da Justiça, que o leva a arriscar a vida em mil lances, para castigar o crime, restabelecer a equidade e premiar a virtude,—é monstruoso, extrahumano, ridiculo. O mal é eterno, a injustiça é eterna!... Sempre ha de haver viuvas e orphãos roubados, innocentes perseguidos, humildes opprimidos!... O que é natural, sensato e humano,—é a submissão de Sancho, a sua prudencia feita de egoismo e de medo, o seu desejo de gosar a vida em paz, comendo, be-

bendo, dormindo, juntando dinheiro e gordura, deixando que as viúvas e os orphãos morram á mingua, que os innocentes soffram, que os humildes succumbam sob a tyrannia dos grandes... O heroismo é loucura, a abnegação é loucura, o amor do Bello, do Perfeito e do Justo absoluto é loucura!... O bom senso é a indiferença, é a accommodation perfeita ás condições inalteraveis da vida, é a resignação ante o mal inevitavel...

Lêde o episodio do ovelheiro André, esbordado pelo amo. Em vão, a voz da cautela, pela boca medrosa e rude de Sancho, adverte o Justiceiro: «Senhor! não se metta em pendencia de amo e criado!...» O Justiceiro impede que o malvado esbordoie o rapaz, ordena-lhe que lhe pague o salario devido, e d'alli se vai com o animo tranquillo e a consciencia satisfeita. Dias depois, reapparece o criado: «Ai, senhor cavalleiro! não sómente o barbaro não me pagou o que me devia, mas, assim que vossa mercê se apartou, tantos açoutes me deu que me deixou como um S. Bartholomeu aspado! por amor de Deus, quando outra vez me encontrar, não me socorra, nem me ajude; deixe-me com a minha desgraça, que desgraça maior será a protecção de vossa mercê, a quem o céu amaldiçoe, assim como a quantos cavalleiros andantes andam pelo mundo!...»

Assim, todo o esforço em prol do Bem é vão! Quem se mette a Redemptor sacrifica os que quer redimir e salte crucificado... E' a acerba philosophia deste livro, que, ha 300 annos, faz a humanidade rir!

E a pagina mais dolorosa é a ultima... O exaltamento cahiu, a febre cessou, o sonho expirou: D. Quixote morre, entre os seus, na sua cama, sem viseira e montante, sem armadura e broquel, arrependido do engano em que viveu, envergonhado do bem que quiz

fazer, reconciliado com o bom senso e com a estúpida vulgaridade da vida. A pata, que se aferra ao chão, venceu a aza, que buscava o céu...

E é porque comprehendéis e medis bem a amargura da philosophia encerrada neste livro, que uma subita melancolia vos acommette, quando o ledes. Já se disse que ha duas idades para ler o *Don Quixote*: ha a primeira, em que o poema apenas faz rir, e a segunda, em que elle obriga a pensar. Que as crianças e os adolescentes continuem a rir, vendo as desastradas quédas em que o heróe baqueia do alto do cavallo esqueletico, e vendo o tormento em que se remeche a gorlura de Sancho no tumulto das batalhas, e ouvindo as saborosas praticas em que o exaltamento do amo visionario e fidalgo contende com a chocarrice do escudeiro pacato e villão! Riamos, nós tambem,—mas pensemos, no intervallo de duas risadas.

Ha tres seculos se diz e escreve que Cervantes, compondo o *Don Quixote*, quiz matar e matou a cavallaria andante, e o amor dos seus poemas e romances,—remanescentes ridiculos da Idade Média. E' bem verdade que, ás vezes, o nosso maior prazer é magoar e matar aquillo que mais amamos...

Cervantes era uma alma da Idade Média. Essa grande época da Historia, tão mal estudada, tem sido atrozmente calumniada. Quem diz—Idade Média—quer dizer: uma syncope da civilisação, um tunnel de treva entre duas paizagens luminosas, uma parada do progresso humano. Foi, entretanto, essa época que assistiu ao desabrochar da Industria e da Caridade,—as duas fontes de que fluem o trabalho para os validos, e o amparo para os invalidos. Todo o conforto material, que fruimos hoje, é um resultado das invenções d'essa éra tão injusta-



mente malsinada. O papel, a bussola, o relógio, a pólvora, o calçamento e a iluminação das ruas, os espelhos, as rendas, a gravura, a imprensa, — nasceram nesses séculos, que chamamos barbaros; e foi a Idade Média que creou os primeiros hospitaes, e os primeiros asylos para crianças e velhos.

Mas o que Cervantes mais amou, no cyclo medieval, foi o culto da bravura, do amor, do cavalheirismo e da poesia. Naquelles longos discursos, que D. Quixote, sempre cego e alheiado das cousas da vida commum, dirige aos pastores, aos lavradores, ás gentes incultas e espantadas, que o ouvem com desasoscego e receio, está palpitando o enthusiasmo do battalhador de Lepanto, que escrevia uma novella entre dous combates, e rimava um soneto ao rebramar dos tiros de canhão. Esse espirito ousado e brilhante, tecido de energia e de ternura, de coragem e de lyrismo, não podia amar a escura época de terror, de fanatismo e de dissimulação em que viveu; a época, que elle amava, era a outra, a que se extinguiu, a da apothese do amor e do perigo... E, como era absurdo esse amor, como essa paixão por uma era morta era monstruosa, — o medieval, transviado no começo da Idade Moderna, vingou-se, ou pensou vingar-se da sua desgraça, ferindo, mordendo, despedaçando o proprio objecto do seu amor.

Cervantes, porem, não matou a Idade Média, que já estava morta, até porque não ha homem capaz de matar o Tempo que nos mata, e porque as revoluções, as crises, as transformações historicas se fazem independentemente da vontade humana. E não matou tambem a Cavallaria, a alma ardente e apaixonada da Idade Média — porque o «quixotismo» é immortal.

Epocas ha, em que o Sonho, o Ideal, o amor das cousas e das idéas nobres, a ancia

de realizar proezas materiaes e moraes, a ambição de nobilitar a Vida,—desapparecem e morrem, deixando-se suffocar, aqui pela ignorancia, alli pelo fanatismo religioso, além pelo despotismo politico. Então, D. Quixote, torturado e desilludido, faz penitencia, transige, submette-se, arrepende-se, nivela-se com os homens que só nominalmente occupam o degráo superior da escala animal, e morre, reconciliado com as torpezas do interesse mesquinho. Mas, d'ahi a pouco, o Cavalleiro desperta no fundo da sua cova escura, levanta a lapide do tumulo, empunha o montante, embrança o escudo, e sai a batalhar a sua eterna batalha, de novo exposto ás pedradas, ás quedas, ás decepções e aos infortunios. Eu não creio que a imbecilidade e a injustiça possam um dia ter um termo: mas não creio, tão pouco, que possa morrer o Ideal, que eternamente protesta contra a eterna imbecilidade e a injustiça eterna!...

O' alma triste e incomprehendida, sobre-humanamente boa e infinitamente desgraçada de D. Quixote! Tenho para mim que, quando um poeta, como Cervantes, consegue arrancar do cerebro uma figura animada, viva, palpitante, humana, com a tua,—a ficção se transmuda em realidade, e fica vivendo sobre os homens e entre elles. Não ha apenas um mundo physico, accessivel aos nossos sentidos: ha tambem um mundo moral, tão verdadeiro como o outro, povoado de creaturas, cuja existencia só nos é revelada por este singular e mysterioso sentido poetico, que cada homem possui, mais ou menos apurado, e cuja analyse escapa á physiologia. Tu vives, D. Quixote!

Tu vives, e estás aqui, nesta casa em que residem, perpetuas, a recordação, a gloria, a vida moral de poetas e guerreiros, que fundaram e immortalizaram uma raça, e tiveram,

como tu, a inflamar-lhes o animo, esse amor do ideal, essa fé na bravura e na bondade, que te valeram tantos desastres! Vives, e ouves-me, e sabes que não estamos aqui para rir do Cavalleiro da Triste Figura, mas para amar a sua alma ardente e generosa!

Louco sublime! eu sou fillo de uma patria moça e callida, continuamente aquecida pelo sol que cria miragens. Ainda não formada de todo, ainda hesitante e incompleta, a minha raça não será o que é: cada dia, que passa, traz um novo elemento para a sua formação. Mas nós já temos, do passado, uma herança feliz... Os nossos avós sahiram pelos mares, a descobrir mundos, a affrontar perigos, a fundar civilizações; os nossos pais, já nascidos aqui, internaram-se pelo sertão cerrado, sem bussolas e sem guias, combatendo as feras, e assentando entre as brenhas selvagens as primeiras cidades. A tua alma estava com elles, D. Quixote! Não os animavam a prudencia, a bufoneira, o decantado bom senso de Sancho Pansa; animava-os o teu impeto heroico, impellia-os a tua loucura divina! Sejam quaes forem as transformações, que hajam de mudar a nossa constituição organica de povo, -- conserva-nos este anseio de gloria, esta ambição de subir, esta vontade de brilhar, -- este « quixotismo » que está na massa do nosso sangue! Não queremos ser uma raça de Sanchos, adoradora do Estomago! queremos realizar grandes feitos, queremos ser, como tu, vingadores de iniquidades, protectores de orphãos, defensores de opprimidos, justiceiros sem maldade, e misericordiosos sem fraqueza! Não queremos ter a existencia quieta e ignominiosa de um pantano de aguas mortas: queremos ter, como tu, a existencia agitada dos rios e dos mares, correndo, vibrando, fulgindo, cantando, soffrendo, --vivendo! E, se formos apedrejados e vilipendiados como tu, não nos queixaremos:

nem só os vencedores merecem respeito e carinho; e, ás vezes, um vencido, tal seja a causa que defende, é, na sua humilhação, mais glorioso do que todos os triumphadores...

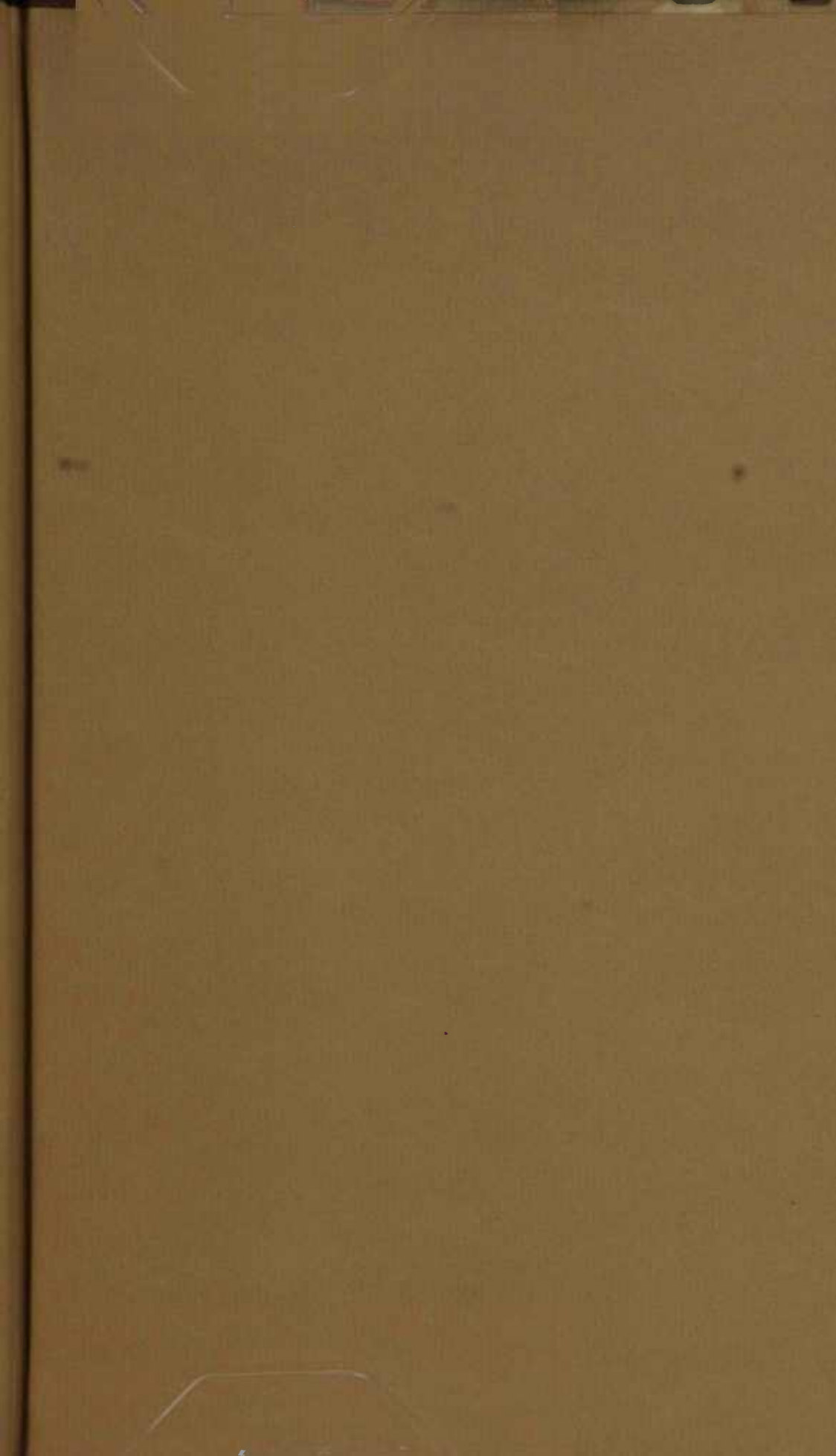
Inspira-nos e protege-nos, louco sublime!















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).